UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

AS ÚLTIMAS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS

Miriam Bevilacqua Aguiar

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. José Alcides Ribeiro

São Paulo

2003

Muitas pessoas fazem parte de uma conquista, às vezes apenas com uma frase ou um gesto amigo. A todas essas pessoas que de alguma forma, deixaram marcas felizes no meu caminho, eu dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, Mauro, e meus filhos, Bruno e Nathalia, pela infinita paciência de me ouvir falar de Machado de Assis, dia e noite, durante todos esses anos.

À minha mãe Rosa, a melhor mãe que uma pessoa possa desejar, que sempre acreditou em mim, e me deu o espaço e o incentivo necessários para que eu me tornasse quem sou.

Ao meu pai, Haroldo(in memorian), por me ensinar que não há nada mais valioso do que o conhecimento.

Aos meus irmãos e amigos, que muitas vezes foram alvos de minha irritação e ansiedade, principalmente ao final deste mestrado.

Ao meu orientador, José Alcides, pela paciência e os muitos conselhos úteis.

Aos mestres Antonio Dimas, Alfredo Bosi e Gilberto Passos, sempre dispostos a responder e a ouvir, minhas inúmeras dúvidas e comentários.

Aos meus colegas de mestrado, Arlindo Rebechi, Marizete Grando e Wanderléia Pinheiro, por compartilharem comigo, as dúvidas e descobertas do percurso.

Aos meus alunos e ex-alunos que acompanharam de perto, interessados, a trajetória desse mestrado.

A todos, meu muito obrigada.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar a série de crônicas *A Semana*, escrita por Machado de Assis e publicada no jornal fluminense *A Gazeta de Notícias*, a qual se inicia em 24 de abril de 1892 e se estende até 11 de novembro de 1897, além de duas crônicas que foram publicadas em 1900, quando Machado substituiu Olavo Bilac, que por sua vez o havia substituído em definitivo quando encerrou sua participação em *A Semana* em 1897.

A análise de uma série tão ampla quanto *A Semana*, ao todo são 248 crônicas, impõe uma seleção quanto aos aspectos a serem pesquisados, discutidos e analisados. Num primeiro momento este trabalho pretende descobrir sobre o que escrevia o mestre no final de sua carreira, quais eram os temas recorrentes que dominavam a preocupação do cronista e o porquê destes temas. E num segundo momento, de que forma se dava a construção textual dessas crônicas.

Palavras-chave: crônica, A Semana, Machado de Assis, Gazeta de Notícias, jornal

ABSTRACT

The subject of this study is the series of chronicles entitled *A Semana*, written by Machado de Assis and published on the fluminense newspaper named *A Gazeta de Notícias*. The series begins on April the 24th of 1892 and ends on November the 11th of 1897.Two other chronicles were added to this study because they were written and published by Machado in 1900 when occasionally replacing Olavo Bilac - his successor in his activity on *A Semana* after1897.

The analysis of such a comprehensive series as *A Semana* - summing up 248 chronicles - requires a selection concerning the aspects to be researched and debated. The first aim of this study intends to discover what the author wrote about at the end of his career and to understand which themes were worrying the writer's mind and the main causes of his choices. The other reason for such a study is to reveal the concept of the text structure for chronicles according to Machado de Assis.

Key words: chronicle, A Semana, Machado de Assis, Gazeta de Notícias, newspaper

Sumário

Introdução **08**

1. A cidade e seu cronista **16**

1.1Quem era o leitor machadiano dos jornais do século XIX **34**

2. A crônica **41**

2.1 Entre o jornalismo e a literatura..... **41**

3.Machado e o jornalismo..... **50**

3.1.O ser cronista na visão machadiana..... **54**

3.2.Gazeta de Notícias, um jornal inovador..... **58**

3.3. A evolução do cronista..... **70**

4 . De crônica em crônica..... **94**

4.1 A unidade da série A Semana..... **96**

4.2 O narrador **102**

4.3 A construção das crônicas..... **111**

4.4 A escolha de assuntos..... **131**

5. Conclusão..... **139**

6. Referências Bibliográficas..... **142**

7. Anexos..... **147**

INTRODUÇÃO

> *"Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto."*
>
> *(MA, A Semana. GazNot 11nov. 1900)*

Com esta citação ao final de sua carreira como cronista, mais precisamente em sua última crônica, é o próprio Machado que descreve o que lhe dá prazer nesta atividade, o que difere um cronista de uma pessoa comum. É como se o autor de tantas séries de crônicas tivesse guardado para o final de sua trajetória, essa revelação para o leitor, o "escondido" que ele guardou durante tantos anos.

Sobre Machado cronista, Alfredo Pujol completa:

> *Os cronistas são os "diseurs de riens". Um acontecimento vulgar, que passa despercebido a toda a gente, desperta na alma do cronista, reminiscências e sugestões que criam às vezes uma obra prima...O fato em si não é nada. O engenho do cronista, a sua imaginação, a sua filosofia - é tudo.*
>
> *Machado de Assis foi inimitável nesse gênero literário..."(PUJOL, 1917,* p. 266)

Ao longo de toda sua vida literária, com exceção dos breves periodos quando teve de se ausentar por doença sua ou de sua mulher, Carolina, Machado nunca deixou de colaborar nos mais diversos periódicos. Se fosse possível classificá-lo apenas pelo gênero literário do qual deixou maior contribuição, Machado seria antes de tudo, cronista, muito mais do que romancista, contista, dramaturgo ou poeta, afinal, são mais de 600 crônicas em mais de quarenta anos de atividade. O que começou como uma maneira do menino pobre ascender na vida, foi aos poucos deixando de ser seu ganha-pão para tornar-se não apenas sua principal atividade, mas sua escola, seu encontro com a literatura, seu observatório da sociedade, seu espaço para se fazer ouvido.

O corpus deste trabalho recai sobre a última série de crônicas: *A Semana*, considerada pela crítica sua série mais importante, primeiro por ser sua série mais longa e segundo porque alcançou a plena maturidade do escritor, uma "obra prima" como citou Pujol. *A Semana* encerra a carreira de Machado como cronista e colaborador de jornal.

Para alcançarmos os dois principais objetivos a que este trabalho se propõe que são descobrir os temas predominantes das crônicas e a análise da estrutura textual das mesmas, procuraremos mostrar a evolução do cronista, desde sua estréia em *O Espelho*, sua passagem pelo *Diário do Rio de Janeiro* e em outros veículos importantes, até a evolução para o cronista maduro de *A Gazeta de Notícias*, e como foi a trajetória dos temas e da escrita na carreira de Machado enquanto cronista até chegar em *A Semana.*

A crônica, atividade por si só ligada sempre ao seu tempo, além da característica tão presente em Machado de situar o espaço físico no qual escrevia, nos impõe também a contextualização da série analisada, principalmente a contextualização histórica e literária, sem a qual a análise dos temas perderia sentido.

Não é nossa intenção demonstrar apenas o que já foi feito por outros estudos, ou seja, de que a atividade de cronista foi um trampolim, uma experiência para os romances, mas ao contrário, mostrar que as crônicas de Machado têm extremo valor em si próprias, não apenas o valor literário reconhecido desde o século XIX, mas o valor histórico de formadora de opinião e de influenciadora na sociedade daquela época e que por isso torna a escolha dos temas tão importante.

Utilizamos o instrumental teórico fornecido por Dominique Maingueneau para traçar as condições de enunciação das crônicas de Machado, reconstituindo como se dava a recepção pelo leitor machadiano do século XIX, da mesma forma como nos baseamos nos principais estudiosos brasileiros de Machado como Antonio Cândido, Alfredo Bosi, Valentim Facioli, Maria Lucia Miguel Pereira e vários outros para embasarmos nossa crítica literária. Acreditamos que dessa forma estaremos fornecendo uma visão importante da principal série de crônicas escrita por Machado de Assis.

Nossa intenção é, antes de nos determos na análise desta série, mapear o ambiente em que as crônicas surgem, traçando um breve perfil de seus leitores, situar a posição da crônica no Brasil, o envolvimento de Machado com o jornalismo e a evolução do escritor como cronista. Consideramos que esses breves estudos são fundamentais para compreender como o cronista chegou à escolha dos temas e à estrutura de *A Semana.*

Para cada série de crônicas, Machado não mudava apenas de pseudônimo, mas tinha por hábito criar personagens-narrador, novas estruturas, o que dava a cada série, originalidade e coesão. Isso permite que um século e meio depois, sejamos capazes de lê-las e se não compreendemos todos os fatos a que se referem, ainda somos surpreendidos com o valor literário que as mesmas possuem. São crônicas sim, ligadas ao seu tempo sim, mas são também exemplos da melhor literatura.

A respeito, resume bem Massaud Moisés:

> *...a crônica, baseando-se nos acontecimentos diários, corrói-se com extrema facilidade, e tende a morrer com os acontecimentos que lhe dão causa. O resultado é o interesse muitíssimo circunstancial da crônica. Lida certo tempo depois, não consegue nem sugerir a atmosfera que deve ter cercado o seu aparecimento e o quanto os leitores contemporâneos a sentiram. Esse perigo não correm as crônicas de Machado de Assis, graças àquelas duas qualidades que caracterizam toda a sua obra literária, salvo algumas exceções: atualidade e universalidade.* " (MOISÉS, 1961, p.13)

O factual, na verdade, existia na crônica de Machado, mas era o ponto de partida, ou apenas mais um dado para sua construção literária, por isso que pequenos acontecimentos ou grandes acontecimentos eram tratados da mesma forma pelo cronista. Fatos importantes, políticos, econômicos, que estavam mexendo com a sociedade da época, eram colocados lado a lado com observações de coisas miúdas feitas pelo autor. Muitas vezes até, ele elegia um fato miúdo e o sobrepujava ao fato mais importante, de forma intencional, pois dizia que era o cronista que devia decidir o que era mais relevante. Isto não significa que não seja imprescindível conhecer e entender o ambiente histórico e cultural em que as crônicas de *A Semana* aparecem, aliás, esta é uma condição para qualquer estudo de crônicas e não apenas para as machadianas. Assim retrocedemos ao ano de 1808, data da chegada da família real

ao Brasil e início da nossa imprensa, e nos estendemos até 1897 quando a série se encerra, relacionando os fatos mais relevantes para a cidade do Rio de Janeiro que como Corte, conseqüentemente também os eram para o Brasil, cruzando estas informações com a biografia de Machado de Assis, tentando perceber como os acontecimentos influenciaram sua vida e sua obra.

Todo e qualquer estudo sobre crônica já se inicia com uma dificuldade a mais, que é trabalhar com um gênero limítrofe que até hoje gera polêmicas sobre se pertence ao jornalismo ou à literatura. Consideramos que para o nosso objetivo, mais relevante do que tentar responder a esta questão, é visualizar como a crônica machadiana se insere no panorama da crônica brasileira.

Foram vários os jornais que acolheram a pena do cronista, das "*Aquarelas*" do *Espelho* em 1859, até "*A Semana*" na *Gazeta de Notícias*, foi longo o percurso de Machado: *Diário do Rio de Janeiro(*1861/2 e 1864/65), *Semana Ilustrada* (1860-75), *O Futuro*(1862/63), *Ilustração Brasileira* (1876-78), *O Cruzeiro* (1878) e de 1883 até 1897 na *Gazeta de Notícias* em diversas séries como *Balas de Estalo*, *"A+B"*, *Gazeta de Hollanda*, *Bons Dias!* ,e claro, *A Semana.* Como já foi dito, dedicamos um capítulo deste trabalho para demonstrar como se deu a evolução do cronista Machado de Assis, nos detendo um pouco em cada série citada acima. É claro, que por não ser nosso objetivo, ao traçarmos esta trajetória não poderíamos esgotar ou aprofundar o estudo de cada série de crônicas, mas tão somente elaborar um panorama que permitisse ao nosso leitor entender de que forma o escritor foi alterando a feitura da crônica ao longo de sua carreira. Com esse percurso será possível compreender a importância da estrutura de *A Semana*, que pode ser considerada sua série definitiva, já que ela encerra essa jornada evolutiva do escritor.

Em *A Semana*, objeto desse estudo, Machado pela primeira vez não usa pseudônimos, simplesmente não assina as crônicas, como se compreendesse que não era mais preciso, que o patamar atingido por ele, já o diferenciasse perante o público. O leitor do final do século XIX sabia quem era o escritor das crônicas, o presidente da Academia Brasileira de Letras, o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas.*

Apesar de ser sua série mais famosa e ter sido publicada em volume por várias editoras como a W. M. Jackson ou a Aguilar, *A Semana* traz diferentes coletâneas, e mesmo se intitulando completas, as diferentes publicações não trazem as mesmas crônicas com várias faltando em uma ou em outra, e para não termos que confiar apenas nas publicações que trazem a obra Machadiana, as crônicas foram pesquisadas diretamente nos exemplares do Jornal *A Gazeta de Notícias* disponíveis na Biblioteca Mario de Andrade e nos microfilmes da biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, o que permitiu verificar inclusive a ortografia, a posição da crônica na página e as notícias que a acompanhavam no dia. Além disso, mesmo saindo sempre no mesmo dia da semana, domingo, muitas vezes optamos pela busca em exemplares de outros dias, o que enriqueceu a pesquisa, pois nos permitiu entender melhor a que fatos o cronista se referia, já que Machado tinha por hábito escrever a crônica em cima de acontecimentos ocorridos recentemente e normalmente publicados no jornal.

Aliás, o jornal, ou melhor, o jornalismo, também mereceu um capítulo nesta dissertação, pois falar de crônica é falar de jornal. O que significou o jornalismo para Machado? Tinha o escritor consciência da transformação que a imprensa operava no Rio de Janeiro do século XIX? Desta questão trataremos, analisando as várias citações do escritor sobre o jornal, sua relação com o jornalismo e principalmente estudando o jornal que nos interessa que era a *Gazeta de Notícias,* veículo privilegiado com cerca de 20 anos de colaboração machadiana e que trazia as crônicas de *A Semana.*

Desta forma, para compreender a importância e analisar a última produção de Machado cronista, teremos que primeiramente destrinchar os fatores que, ao mesmo tempo que influenciam uma obra literária também são influenciadas por ela: a biografia do autor, toda a carga de experiências que o escritor traz para sua escrita que a torna única; o contexto sócio-cultural em que a obra é escrita, pois ninguém escreve fora do seu tempo e do seu mundo, por mais universal que seja sua produção; o veículo para o qual a obra é objetivada, seja livro, jornal, teatro ou qualquer outro instrumento que abrigue-a originalmente; e por fim o leitor, pois ninguém escreve para não ser lido. Esses fatores, uma vez elucidados, juntamente com um breve estudo sobre a crônica e a evolução de Machado cronista, reconstituirão o chão histórico emocional e cultural em que Machado escreveu suas

derradeiras crônicas e aí sim, poderemos analisá-las separadamente, compreendendo sua construção, sua linguagem, seu conteúdo e sua significação em relação ao restante das crônicas machadianas.

Vários estudiosos Machadianos, entre eles Lucia Granja, que fez uma importante pesquisa sobre as primeiras crônicas de Machado, acreditam que as crônicas tenham para Machado apenas as funções de divertir e informar, mas nossas pesquisas nos levaram a um caminho diametralmente oposto. As crônicas foram a grande fonte de inspiração de várias passagens dos romances, como mostraremos fazendo um paralelo entre a série *Bons Dias!* e os romances *Memorial de Ayres* e *Esaú e Jacob* que se situam nos mesmos anos em que as crônicas foram escritas, demonstrando como Machado retrabalha com esmero várias passagens, utilizando, muitos anos antes do conceito ser inventado, a intertextualidade. Mas mesmo assim, é possível argumentar que essa função pode só ter sido percebida pelo autor após as crônicas terem sido escritas, o que concordamos. Entretanto o ponto em que insistimos é que para Machado, as crônicas estavam longe, pelo menos no escritor maduro, de serem apenas objetos de informação e diversão. Machado queria mais, muito mais. Queria interferir na sociedade em que vivia. Seu perfeccionismo, sua conduta de funcionário público exemplar, de organizador e empreendedor capaz de criar a Academia Brasileira de Letras, deixavam entrever a vontade Machadiana de liderar, de lançar idéias a serem seguidas. Que melhor vitrine eram as crônicas, principalmente de *A Semana* para esse objetivo? Circulavam num dos três mais importantes jornais do país, *A Gazeta de Notícias*, e em posição privilegiada, eram lidas pelos homens letrados e que conseqüentemente tinham algum poder econômico e social. O que Machado escrevia não se perdia ao vento. A imprensa como formadora de opinião já era uma realidade há muitos anos.

Machado "*descobria o encoberto*" quando isso lhe aprouvesse e "*metia o nariz*" porque achava que tinha condições para isso. Com certeza, devia se orgulhar ao lembrar da quase infinita distância entre o pequeno mulato, gago e pobre que vivia de favor na casa da madrinha rica e o respeitado cronista, lido, comentado e possivelmente tantas vezes seguido naquele final de século.

Concordamos com a afirmação de Gustavo Corção quando disse: "*Machado de Assis não é e nunca quis ser cronista*" (CORÇÃO, 1994, v.3 p.328), mas se referindo à noção

antiga de cronista, aquela definida pelo dicionário, ou seja, de um mero relator dos fatos. É claro que Machado quis ser cronista. Ninguém faz durante a vida toda, algo que não quer, se não precisa desesperadamente. Mas sua crônica, superava os fatos, ia além. Os livros eram lidos por uma pequena parcela da população, o que tornava a participação jornalística de muito maior alcance. Com os contos Machado fazia literatura na imprensa, mas com a crônica conseguia fazer literatura, política, economia...O que mais poderia almejar?

Ao tentarmos analisar todos os caminhos que rodeiam a crônica machadiana, acreditamos estar aprofundando um pouco mais o estudo entre literatura e jornalismo, mostrando a linha tênue que os separava durante o século XIX, lançando luz a algumas questões interessantes como a influência que o jornalismo teve na literatura e vice-versa e por fim, situando o papel da crônica no jornal.

Afinal, o próprio estilo de Machado também sofreu influência jornalística como bem ressalta Josué Montello em sua obra sobre o escritor:

> *O tirocínio da colaboração de jornal, a que se vê obrigado tanto pelo pendor da vocação, quanto pela necessidade de ganhar a vida, há de ter contribuído em Machado de Assis, mal saído da adolescência, para a graça e a singeleza do seu estilo - sem os excessos de atavios que a prosa* romântica *havia estimulado.* (MONTELLO, 1972, p. 45)

Já existem excelentes trabalhos que estudam outras séries de crônicas de Machado como as do *Diário* feitas por Lucia Granja, como citamos acima. Para *Balas de Estalo*, Heloisa Helena Paiva De Luca organizou a série completando-a com notas importantes, da mesma forma que John Gledson iniciou uma edição crítica com notas valiosas de *A Semana*, mas que contemplam apenas os anos de 1892 e 1893 e não trazem qualquer análise.

Esperamos que com este trabalho, possamos, além de mostrar as características primorosas do texto machadiano para as crônicas, ao destacarmos os assuntos que preocupavam o mestre, demonstrar que o escritor, injustamente foi considerado um absenteísta. O autor de Dom Casmurro era um homem de seu tempo, influente, ciente desta influência, mas antes de tudo um artista, que se expressava através da arte. O registro do

cotidiano feito por suas crônicas, resultado de uma aguda observação, era objeto de reflexão para si próprio e para seu leitor, e também um valioso instrumento de provocação.

1. A CIDADE E SEU CRONISTA

> *"Eu, como gosto muito da minha Carioca, por maiores taxas que lhe ponham, amo os que a amam também, e os que a bendizem. Terá defeitos esta minha boa cidade natal, reais ou fictícios, nativos ou de empréstimo; mas eu execro as perfeições."*
>
> (MA A Semana GazNot 21 jan.1894)

Um escritor está sempre ligado à regras de comportamento social, por mais rebelde que ele seja, além de que, se quiser ser lido e compreendido por aqueles de seu tempo, obriga-se necessariamente a fazer uma obra inteligível, ligada a um mercado onde será publicada e comercializada. Essa interação obra e sociedade se faz em via de mão dupla. Ao mesmo tempo *"A literatura também consiste numa atividade; não apenas ela mantém um discurso sobre o mundo, mas gere sua própria presença neste mundo."* (MAINGUENEAU, 1995, p.19) No caso da crônica então, isto é mais facilmente percebível. Até por sua própria etimologia, *chronus*, a crônica é um gênero indiscutivelmente colado a um determinado tempo.

Dominique Maingueneau em *O contexto da obra literária* diz: *"O contexto da obra literária não é somente a sociedade considerada em sua globalidade, mas, em primeiro lugar, o campo literário, que obedece a regras específicas"*, (MAINGUENEAU, 1995, p.27) ou seja, é impossível analisar isoladamente uma obra, sem entender a que tempo e a que sociedade ela pertence, e principalmente a que momento e movimento literário está ela filiada.

À crônica, como gênero que nunca se definiu entre literatura e jornalismo, se permite possibilidades que gêneros literários indiscutíveis como o conto ou o romance, ou ainda matérias jornalísticas não usufruem. Uma matéria tem de ser o mais imparcial possível, um conto não precisa ser imparcial, mas a ele falta o imediatismo ao fato, ou seja, quando ele

puder ser publicado, ou totalmente publicado, é bem provável que muitas vezes o assunto já tenha se tornado ultrapassado. Só a crônica permite a discussão livre do autor em cima do fato, em cima da hora. Por isso, mais que qualquer gênero, a crônica não é apenas a representação de uma época ou sociedade, mas produz seus efeitos nessa mesma época e sociedade. Para entendermos e ser possível perceber essa interação crônica e sociedade, primeiramente vamos situar onde foram criadas e circulavam as crônicas da série *A Semana*, como era enfim o Rio de Janeiro de 1892 a 1900 e de que maneira Machado de Assis acompanha os acontecimentos da cidade. E para isso é preciso que voltemos alguns anos que nos permitam entender o curioso desenvolvimento desta mesma cidade e de seu principal cronista.

Desde o começo do século, com a chegada da Família Real em 1808, a cidade do Rio de Janeiro vinha contando de uma hora para outra com enormes avanços. Com menos de 200.000 habitantes à época da chegada do príncipe D. João, a província somava em 1820 mais 24.000 portugueses do Reino, um dos maiores êxodos voluntários da história, e por volta de 4.230 estrangeiros como franceses, ingleses, alemães, italianos entre outros.

Com a chegada da corte no Rio, a província desenvolveu-se consideravelmente, tanto cultural quanto economicamente. O que produzia era exportado diretamente para os mercados de consumo na Europa, como café, açúcar, anil, algodão e fumo. Em 1821, a capitania somava 332.656 habitantes dos quais 173.775 eram escravos, ou seja, mais da metade da população. E o Rio de Janeiro, como o maior centro urbano do país e também como capital do império, comandava a vida nacional. Crescia e refinava sua vida social e cultural. Ainda era uma cidadezinha, mas com ares de metrópole. O desenvolvimento da educação era solidificado em 1835 com o estabelecimento da primeira escola normal em Niterói e em 1839, com o primeiro liceu, ano em que nasce Joaquim Maria Machado de Assis. Desta forma, os primeiros passos do escritor coincidem também com os primeiros passos da educação no Brasil, mesmo que não esteja comprovado que Machado algum dia tenha freqüentado regularmente uma escola.

O Morro do Livramento, local onde ficava a chácara em que Machado nasceu, se localizava na periferia do Rio de Janeiro e se a cidade já era tacanha em termos de progresso, não é difícil imaginar como era atrasada sua periferia, que se reunia normalmente

em torno de uma casa grande, como a da dona da chácara do Livramento, madrinha de Machado. Em 1849, com apenas 10 anos, o futuro escritor perde sua mãe e o pai casa-se de novo. Em relação à biografia de Machado, os primeiros anos da década de 50 ainda são completamente desconhecidos, o que se sabe, é que mais alguns anos e o adolescente Machado começa a trilhar o caminho sem volta do Livramento para a cidade.

A década de 50 marca a instalação da primeira linha telegráfica, a construção da Estrada de Ferro Mauá, a primeira do país, a inauguração da iluminação a gás e até o primeiro carnaval de rua, conhecido então como entrudo. A cidade e seus habitantes viviam a ebulição do progresso. Foi nessa mesma década, mais precisamente em 6 de janeiro de 1855, que Machado, com apenas 16 anos, faz sua primeira participação em um jornal, publicando na *Marmota Fluminense* editado por Francisco de Paula Brito, seu poema *A Palmeira*. Começava aí uma longa carreira em jornais que duraria toda a vida do escritor.

Em termos sociais, a proibição do tráfico escravo(1850) imposta pelas relações internacionais começava aos poucos a mudar o perfil da população, que começou então a receber mais imigrantes. É preciso não esquecer que Machado era mulato e neto de escravos e que desta forma, não poderia nunca ser simpatizante da escravidão.

Com os franceses tomando a famosa Rua do Ouvidor, era ali que operava o contato dos brasileiros "esclarecidos" com a cultura francesa. Charles Ribeyrolles em seu livro *Brasil Pitoresco(1980, p. 170)* lembra as características da rua:

> *"É uma rua francesa. Eminentemente francesa. Fala-se aí mais do que se ouve. Modistas, costureiras, floristas, joalheiros, dentistas nela se instalam com os seus armazéns repletos de coisas de arte, de luxo elegante e bom gosto. A mais estreita e mesquinha vidraça faz aparatoso efeito. Custa caro. Mas a clientela prefere a rua do Ouvidor a qualquer outra. A beleza dos estofos, as oficinas-salões, a moda, a graça da vendedora atraem. À noite, ao clarão do gás, turbilhonam os curiosos, os ociosos, os elegantes - e quanta novidade, quanto "vaudeville", quanta piada maliciosa se arquitetam naquelas portas!*

A moda era francesa e não importava se era importada diretamente do rígido inverno francês para o escaldante verão fluminense, se a *Moda de Paris*, a mais famosa casa de moda da rua do Ouvidor, trazia uma roupa em sua vitrine, as damas requintadas da época deveriam usar. E não apenas a moda, mas tudo girava em torno da Rua do Ouvidor. Joaquim Manuel de Macedo (1952, p. 17) escreveu *Memórias da Rua do Ouvidor*, um livro inteiro sobre ela:

" A Rua do Ouvidor, a mais passeada e concorrida, e mais leviana, indiscreta, bisbilhoteira, esbanjadora, fútil, noveleira, poliglota e enciclopédica de todas as ruas da cidade do Rio de Janeiro, fala, ocupa-se de tudo"

O próprio Policarpo, personagem narrador da série *Bons Dias!* de Machado, em crônica de 21 de janeiro de 1889 diz: *"Naturalmente, cansadas as pernas, meto-me no primeiro bonde, que pode trazer-me à casa ou à Rua do Ouvidor, que é onde todos moramos"*. (ASSIS, 1990 p.151)

Mais tarde em *A Semana*, Machado torna a falar inúmeras vezes, sempre com carinho, da mesma rua que era onde funcionava a redação do jornal *Gazeta de Notícias* e também por isto bastante freqüentada pelo escritor. Em 1893, quando foi sugerido o alargamento da rua, Machado foi contra.

> *Vós que tendes a cargo o aformoseamento da cidade alargai outras ruas, todas as ruas, mas deixai a do Ouvidor assim mesmo - uma viela, como lhe chama o Diário, um canudo, como lhe chamava Pedro Luiz. Há nela, assim estreitinha, um aspecto e uma sensação de intimidade. É a rua própria do boato. Vá lá correr um boato por avenidas amplas e lavadas de ar. O boato precisa do aconchego, da contiguidade, do ouvido a boca para murmurar depressa e baixinho e saltar de lado para outro.* (MA GazNot 13 ago. 1893)

Era clara a familiaridade que a Rua do Ouvidor inspirava.

Esse cenário devia ser incrivelmente tentador para o Machado adolescente que muda-se nessa época para a cidade e começa a participar junto com outros jovens escritores e poetas da Sociedade Petalógica de Paula Brito, o impressor que *"Amava a mocidade porque sabia que ela é a esperança da pátria, e porque a amava estendia-lhe quanto podia a sua*

proteção." (ASSIS, 1950 v.20 p.102) Sociedade que funciona como uma escola para o jovem ávido de informação e que Machado vai relembrar com nostalgia em crônica de 03 de janeiro de 1865 publicada no *Diário do Rio de Janeiro*:

> *...é a recordação da Petalógica dos primeiros tempos, à Petalógica de Paula Brito - o café Procópio de certa época, - onde ia toda a gente, os políticos, os poetas, os dramaturgos, os artistas, os viajantes, os simples amadores, amigos e curiosos, - onde se conversava de tudo - desde a retirada de um ministro até a pirueta da dançarina da moda; onde se discutia tudo, desde o dó de peito de Tamberlick até os discursos do marquês de Paraná, verdadeiro campo neutro onde o estreante das letras se encontrava com o conselheiro, onde o cantor italiano dialogava com o ex-ministro.*
>
> *Querieis saber do último acontecimento parlamentar? Era ir a Petalógica. Da nova italiana? Do nosso livro publicado? Do último baile de E***? Da última peça de Macedo ou Alencar? Do estado da praça? Dos boatos de qualquer espécie? Não se precisava ir mais longe, era ir à Petalógica.*(ASSIS, 1950 v.21 p.280)

Note-se que o "conversar de tudo", do assunto miúdo ao grande fato político, lembra muito a estrutura madura da crônica machadiana. O que nos leva a perceber que oralmente Machado já "escrevia" crônicas, desde muito cedo. Já percebia naquela época que ao fazer o equilíbrio de assuntos tão diferentes, a conversa era agradável, prazeiroza, e é desta receita que vai se utilizar quando se tornar cronista.

O Rio de Janeiro em 1858, data da publicação de *Três tesouros perdidos*, primeiro conto de Machado de Assis, e do início de sua participação em dois outros jornais, *O Correio Mercantil* e *O Paraíba*, editado em Petrópolis, estava em pleno apogeu, vivendo sua fase áurea. E Machado parecia acompanhar como ninguém a cidade, seu desenvolvimento andava colado ao desenvolvimento do Rio e nada mais natural do que o jovem tornar-se cronista em 1859. Primeiro uma curta participação na revista *O Espelho* e depois, em 1861, uma participação num jornal de fôlego, que era o *Diário do Rio de Janeiro*. Mas é preciso não esquecer que ainda em 59, escreve Machado um ensaio crítico denominado "*O Passado,*

o Presente e o Futuro da Literatura", e com apenas 20 anos, constrói um texto que ainda hoje, passados mais de cento e cinqüenta anos, ainda é incrivelmente atual, demonstrando que o talento que seria moldado nos anos seguintes, já estava ali pronto a ser trabalhado.

O teatro no Rio, de que vai se ocupar Machado, fazendo crítica para a revista *O Espelho* também começa a se desenvolver. Da fundação da comédia de costumes por Martins Pena na primeira metade do século XIX ao teatro de Gonçalves Dias na segunda, com peças como *Leonor de Mendonça*, já é possível perceber uma lucidez estética e uma visão histórica rara para os dramaturgos daquele tempo.

Outro dado interessante da mesma época, é que os espetáculos teatrais não se limitavam apenas aos finais de semana como agora. Em qualquer dia, os anúncios em jornais chamavam o público para espetáculos no mesmo dia, inclusive às segundas ou terça-feiras, o que significa que era comum as pessoas freqüentarem os teatros em qualquer dia da semana. Dado que vem comprovar a tão apregoada função educacional e moralizante que o teatro tinha na época e que por isso deveria ser diversão obrigatória das camadas mais esclarecidas. Função, aliás, com a qual o futuro crítico teatral Machado concorda, pois ainda em 25 de setembro de 1859 em *Idéias sobre o teatro*, texto publicado em *O Espelho.* ele diz:

> *É claro ou é simples que a arte não pode aberrar das condições atuais da sociedade para perder-se no mundo labiríntico das abstrações. O teatro é para o povo o que o Coro era para o antigo teatro grego, uma iniciativa de moral e civilização. Ora, não se pode moralizar fatos de pura abstração em proveito as sociedades; a arte não deve desvairar-se no doido infinito das concepções ideais, mas identificar-se com o fundo das massas; copiar, acompanhar o povo em seus diversos movimentos, nos vários modos de sua atividade.(ASSIS, 1950 v.30 p.10)*

Em nome também dessa moral, o autor de Dom Casmurro vai exercer o cargo de censor de peças teatrais no Conservatório Dramático entre 1862 e 1864. Preocupado com que as pessoas entendessem o papel que deveria ter o Conservatório Dramático na cena teatral, anos antes, em 1859, ele já tinha escrito:

> *Dois são, ou devem ser, os fins desta instituição: o moral e o intelectual. Preenche o primeiro na correção das feições menos decentes das concepções dramáticas; atinge o segundo analisando e decidindo sobre o mérito literário - dessas mesmas concepções.Com estes alvos um conservatório dramático é mais que útil, é necessário." (ASSIS 1950 v.30 p.20)*

ou seja o conservatório não deveria a seu ver, apenas fazer uma censura para atender padrões morais e religiosos vigentes, mas também a censura literária.

> *Julgar de uma composição pelo que toca às ofensas feitas à moral, às leis e à religião, não é discutir-lhe o mérito puramente literário, no pensamento criador, na construção cênica, o desenho dos caracteres, na disposição das figuras, no jogo da língua...*
>
> *...Julgar do valor literário de uma composição, é exercer uma função civilizadora, ao mesmo tempo que praticar um direito do espírito; é tomar uma caráter menos vassalo e de mais iniciativa e deliberação.(ASSIS 1950 V30 p.22)*

Poucos estudos se preocuparam até hoje com o crítico Machado de Assis, mas seria importante que pesquisas aprofundadas fossem feitas porque Machado não foi apenas mais um crítico, mas *o primeiro crítico brasileiro* na opinião de José de Alencar, considerado à sua época o maior escritor do país,.Alencar ao escrever uma carta aberta a Machado em 1868, pedindo que desse atenção ao jovem poeta Castro Alves diz:

> *O senhor foi o único de nossos modernos escritores, que se dedicou sinceramente à cultura dessa difícil ciência que se chama crítica. Uma porção de talento que recebeu da natureza, em vez de aproveitá-lo em criações próprias, teve a abnegação de aplicá-lo a formar o gosto e desenvolver a literatura pátria.*
>
> *Do senhor, pois, do primeiro crítico brasileiro, confio a brilhante vocação literária, que se revelou com tanto vigor."(ASSIS, 1950 v31 p.21)*

Foi Machado, sem dúvida, um crítico corajoso, pois ainda tão jovem, pouco mais de vinte anos, na seção Revista Dramática do *Diário do Rio de Janeiro* foi capaz de criticar a peça *Mãe*, justamente de Alencar, e ainda assim ganhar a admiração do escritor.

Mas não foi apenas como censor, crítico ou espectador que o teatro entrou na vida de Machado. Na década de 60 houve um grande número de peças escritas por autores nacionais que experimentaram o gênero, mas acabaram enveredando para outros caminhos, como foi o caso de Machado. Escreveu ele também algumas peças por essa data, sendo a primeira *O caminho da porta*, que teve sua encenação no Ateneu Dramático em 12 de setembro de 1862. Consciente de que não era um dramaturgo como deveria ser, mas com disposição de tornar-se um bom autor teatral, Machado procurava ouvir alguns nomes importantes a respeito de sua obra, como mostra sua carta a Quintino Bocayuva, em que pede a opinião deste, indagando se tem futuro nessa área:

> *Tenho o teatro, por coisa muito séria e as minhas forças por coisa muito insuficiente; penso que as qualidades necessárias ao autor dramático desenvolvem-se e apuram-se com o tempo e o trabalho; cuido que é melhor tatear para achar; é o que procurei e procuro fazer. Caminhar destes simples grupos de cenas à comédia de maior alcance, onde o estudo dos caracteres seja conscencioso e acurado, onde a observação da sociedade se case ao conhecimento prático das condições do gênero, eis uma ambição própria do ânimo juvenil, e que eu tenho a imodéstia de confessar. E tão certo estou da magnitude da conquista que me não dissimulo o longo estádio que há a percorrer para alcançá-la. E mais. Tão difícil me parece este gênero literário que, sob as dificuldades aparentes, se me afigura que outras haverá, menos superáveis, e tão sutis que ainda as não posso ver.*
>
> *Até onde vai a ilusão dos meus desejos? Confio demasiado na minha perseverança? Eis o que espero saber de ti."(ASSIS, 1950 v. 31 p.8)*

Bocayuva é duro, mas honesto na resposta:

> *As tuas duas comédias, modeladas ao gosto dos provérbios franceses, não revelam nada mais do que a maravilhosa aptidão do teu espírito, a profusa riqueza do teu estilo. Não inspiram nada mais do que simpatia e consideração por um talento que se amaneira a todas as formas da*

> *concepção. Como lhes falta a idéia, falta-lhes a base. São belas, porque são bem escritas. São valiosas como artefatos literários, mas até onde a minha vaidosa presunção crítica pode ser tolerada, devo declarar-te que elas são frias e insensíveis, como todo o sujeito sem alma. Debaixo deste ponto de vista, e respondendo a uma interrogação direta que me diriges, devo dizer-te que havia mais perigo em apresentá-las ao público sobre a rampa da cena do que há em oferecê-las à leitura calma e refletida. O que no teatro podia servir de obstáculo à apreciação da tua obra, favorece-a no gabinete. As tuas comédias são para serem lidas e não representadas.* (ASSIS, 1950, v. 31 p.11)

Pouco poderia ser feito depois disso. Machado tinha a opinião de Quintino em alta conta e no fundo deveria saber que o velho mestre tinha razão. O conselho foi aceito e mesmo tendo escrito outras peças depois, foi Machado de Assis aos poucos direcionando seu talento para aquilo que sabia fazer melhor que eram os romances, a crítica, os contos e as crônicas, e deixando o teatro de lado. Contudo, a experiência teatral não podia deixar de ser mencionada, primeiro por mostrar que o escritor na juventude estava aberto a qualquer estilo, pois não tinha ainda definido a que gênero se dedicaria; segundo, porque o treino ao qual a dramaturgia obriga, com ênfase no discurso direto e na oralidade, vão com certeza influenciar tanto o ficcionista quanto o cronista. Sua carreira literária acompanhava o ritmo do Rio de Janeiro, de experimentação, de mudanças, e o tom dos seus escritos, principalmente no começo da década de 60, era liberal.Valentim Facioli (1982 p.28) defende inclusive, que pelo menos na mocidade era Machado republicano de acordo com seu próprio texto *A Reforma pelo Jornal* em que diz:

> *Ora, a discussão, que é a feição mais especial, o cunho mais vivo do jornal, é o que não convém exatamente à organização desigual e sinuosa da sociedade.*
>
> *Examinemos.*
>
> *A primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, é o derramamento fácil em todos os membros do corpo social. Assim, o operário que se retira ao lar, fatigado pelo labor quotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão do espírito, hóstia social da*

> *comunhão pública. A propaganda assim é fácil; a discussão do jornal reproduza-se também naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade ínfima recebe, aceita, absorve sem labor, sem obstáculos, aquelas impressões, aquela argumentação de princípios, aquela argüição de fatos. Depois uma reflexão, depois um braço que se ergue, um palácio que se invade, um sistema que cai, um princípio que se levanta, uma reforma que se coroa.(ASSIS, 1994 v.3 p.964)*

Concordamos com Valentim, pois a que outro palácio invadido estaria o escritor se referindo? A que outro sistema que pudesse cair? Parece claro que Machado se referia a Monarquia e que enxergava no jornal uma arma poderosa, capaz de fazê-la desmoronar. Os primeiros anos da década de 60 foram, sem dúvida, o período de maior participação política do escritor, principalmente através das crônicas no *Diário do Rio de Janeiro*, um jornal liberal, assumidamente contra a Monarquia. Em 1866, o escritor chega a ser candidato a deputado por Minas Gerais, mas retira sua candidatura antes das eleições e seu texto, a partir de então, baixa de tom, quando parece que Machado faz a escolha definitiva pela literatura. Deve ter percebido finalmente que para um homem de origens humildes como a sua, mulato, a política tinha seus riscos, o que não acontecia com a literatura que lhe dava prestígio e que também poderia ser uma maneira de intervenção na sociedade, mesmo que camuflada por ironia e ambigüidade.

Em 1868, a marca definitiva do progresso na cidade: a instalação da linha de bondes que assim foi comentada no *Jornal do Comércio "As rodas giram embaixo de caixas e uma só parelha de bestas puxa aquela pesada máquina suavemente sobre os trilhos, sem abalo para o passageiro, que quase não sente o movimento."* Essa época foi de grandes mudanças não apenas no Rio, mas na vida do escritor, pois a necessidade de estabilidade econômica, a idade madura dos trinta anos, foram fatores determinantes para o ingresso na carreira burocrática, que manteve ao longo de toda vida, e que o levou a deixar o cargo no *Diário do Rio*, quando foi nomeado adjunto do diretor do Diário Oficial. Além disso, em 1868 chega ao Brasil aquela com quem se casaria em 69, a portuguesa Carolina Xavier de Novais, irmã de Faustino Xavier de Novais, editor da revista *O Futuro*, jornalista e amigo de Machado.

Nessa época, Machado era mais conhecido como jornalista e crítico do que como escritor, mas já era um nome de respeito.

A imprensa, criada em 1808, andava a passos largos. Afirma John Gledson:

"Em 1888, só no Rio, havia pelo menos oitenta publicações periódicas de diversas espécies, das quais muitas eram jornais diários, ou semanais, e Machado, com regularidade ou não, lia muitas." (GLEDSON, 1990. p.17)

O grande problema ainda era a distribuição dos jornais, já que não havia um serviço de correio eficiente ou uma teia de transporte adequada. E com o advento da República não houve uma alteração substancial no desenvolvimento da imprensa, a não ser o aparecimento do *Jornal do Brasil* em 1891, que de inovação trazia o grande número de correspondentes estrangeiros e o sistema de distribuição em carroças.

Quanto à literatura ela realmente estava na moda. Nos salões elegantes, recitava-se Bilac, os poetas davam autógrafos, importávamos junto com a moda, também literatura. Com a revolução francesa começou a vir abaixo meio século de literatura romântica. Junto com os livros de Flaubert, Zola, chegava também o realismo ao Brasil, influenciando nossos escritores. Machado soube ser romântico e realista, mas de uma forma muito única, como quase tudo que ele fazia.

> *"...embora tivesse os olhos assestados na realidade de seu tempo, Machado de Assis aceitou das estéticas romântica e realista o que traziam de novo como visão certeira e profunda dos conflitos da alma e da sensibilidade. Soube ser romântico quando o Romantismo esteve em moda, assim como transitou para o Realismo, mas num e noutro agiu com singular liberdade criadora, imprimindo às suas obras características únicas."(MOISES, 2001, p.29)*

Por outro lado, por mais que o progresso fosse rápido e visível, não havia visitante estrangeiro que não falasse da sujeira da cidade, do cheiro que exalava da água estancada na rua ou dos vasos cheios de lixo que os negros, conhecidos como "tigres", encarregados de levá-los até a praia, com preguiça, os esvaziavam na primeira esquina. Problema que vai perdurar por muitos anos, pois ainda em 1896, numa de suas crônicas de *A Semana*,

publicadas na *Gazeta de Notícias*, Machado de Assis estava preocupado em promover uma rede decente de esgotos para a cidade, que aliás, era tema de notícia quase diária nos jornais.

Pouquíssimas casas são de tijolos e alvenaria, e mesmo essas poucas têm um aluguel caríssimo que só pode ser pago por uma pequena parcela, o que obriga grande parte da população a habitar as favelas ou cortiços. Nas favelas predominam os negros, muitos deles alforriados antes da abolição para que pudessem participar da Guerra do Paraguai. São barracos toscos construídos nos morros ou em terrenos abandonados e íngremes, onde não há água e muito menos esgoto. Já os cortiços são enormes galpões de madeira subdivididos em pequenos cômodos internamente e alugados por seu proprietário, que podia ser um membro da aristocracia ou até mesmo o português do armazém mais próximo. O Conde D'Eu, marido da Princesa Isabel, era dono de um imenso cortiço conhecido como Cabeça de Porco e onde viviam mais de 4.000 pessoas, lembrado em crônica de Machado à época de sua demolição por Barata Ribeiro em janeiro de 1893.

"Gosto deste homem pequeno e magro chamado Barata Ribeiro, prefeito municipal...Como Josué acaba de pôr abaixo as muralhas de Jericó, vulgo Cabeça de Porco."(MA GazNot 29 jan.1893)

A década de 70 transforma-se no momento de estabilização para Machado, desde estabilização pessoal com o casamento, financeiro com o emprego público e a venda de seus primeiros romances ao editor Garnier, até o profissional com o reconhecimento do público como escritor. Se o rígido sistema de classes no país, praticamente inviabilizava qualquer mudança, principalmente para mulatos, aí estava Machado para contrariá-lo. Funcionário público, crítico respeitado, cronista, casado com uma mulher branca, vestindo-se com completo apuro, finalmente ele havia conseguido ascender apesar de todas as forças contrárias. É preciso lembrar que ainda em 1872, de acordo com o censo do mesmo ano, de um total de 10.112.061 habitantes no Brasil, 1.510.806 eram escravos, ou seja, um pouco mais de 10% da população, sendo que no Rio de Janeiro, os escravos ainda significavam quase 40% da população.

Febre amarela, varíola, peste, tuberculose, tifo, disenteria...e o luxo da rua do Ouvidor e da Ópera. O Rio de Janeiro era com certeza, uma cidade de contrastes. Além disso

as mudanças sociais e políticas da década de 80 vão realmente virar de cabeça pra baixo a sociedade carioca. Primeiro, a reforma da lei eleitoral em 1881 que estabeleceu a eleição direta e admitiu a eleição de não-católicos. Depois, o exército que não tendo compromisso com as oligarquias dominantes, começava a se recusar a caçar os numerosos escravos fugidos e exigia mudanças na vida nacional. Começou-se a falar abertamente em República, os ministérios se sucediam, surgiam jornais republicanos e pipocavam passeatas e comícios exaltados.

Em 1884/85, o Ministério do liberal Sousa Dantas apresentou à Assembléia Geral um projeto de emancipação dos escravos, mas vários deputados, por mais incrível que pareça até mesmo os liberais, atacaram o Ministério. Dantas dissolve a Câmara e convoca novas eleições, mas os abolicionistas são derrotados e o Ministério Dantas cai, mesmo contando como a simpatia de Dom Pedro. Os conservadores para evitar a abolição vão concedendo pequenas vitórias aos liberais como a Lei dos Sexagenários de 28 de setembro de 1885, mas apesar de acalmar um pouco os ânimos, esquenta a discussão em torno da abolição definitiva, que se torna inevitável.

O que fazia nesta época Machado de Assis? Participava junto com outros cronistas da seção *Balas de Estalo* no jornal *A Gazeta de Notícias* , veículo que lutava pela abolição e que abrigou durante algum tempo o jornalista José do Patrocínio, um dos maiores nomes na luta pela abolição. A idéia original desta série, da qual participava inclusive, Ferreira de Araújo sob o pseudônimo de Lulu Sênior, dono da Gazeta, era ser uma série agressiva, provocativa, e assim o foi nos seus primeiros meses, mas logo teve de mudar de postura diante da possibilidade de retaliações, assumindo um ar mais irônico.

Na prática, quando a 13 de maio de 1888, a Sereníssima Princesa Imperial Dona Isabel de Orleans e Bragança assinou a Lei Áurea, a Hospedaria de Imigrantes em São Paulo, já estava lotada. O senhor rural paulista havia compreendido que o movimento era irreversível e antecipando-se a ele para evitar perdas econômicas, estimulava a vinda de mão de obra estrangeira. Esta percepção e antecipação para trazer os imigrantes foi fundamental para que São Paulo retirasse em poucos anos, a hegemonia econômica do Rio de Janeiro.

A luta pela abolição foi aos poucos minando o poder do imperador que perdera o apoio dos latifundiários, e o fim do Império, longe de se constituir numa ação de revolta popular foi mais o fim de uma novela. Para completar, uma simples censura a oficiais, por debaterem pela imprensa questões internas de sua classe, provocou um movimento de protesto com que se solidarizou o seu maior líder, marechal Deodoro da Fonseca.

Alguns monarquistas ainda tentaram um ideal federalista, como Joaquim Nabuco que apresentou um projeto que estabelecia a federação sob a monarquia na Câmara do Império e Rui Barbosa, o "republicano do dia seguinte", como ele mesmo se denominava, que defendeu um plano federalista no Congresso Liberal, mas já era tarde. Líderes militares e chefes republicanos de várias correntes já haviam firmado alianças e a monarquia foi facilmente derrubada e a República estabelecida em todo o país quase sem lutas. Um bom exemplo da característica pacífica do movimento é a resposta educada que Dom Pedro II dá ao documento que recebe do comandante da cavalaria em 15 de novembro, notificando-lhe que o Governo Provisório esperava que ele e a família real deixassem o território brasileiro, o mais cedo possível.

> *À vista da apresentação escrita que me foi entregue hoje, às 3 horas da tarde, resolvo, cedendo ao império das circunstâncias, partir com toda a minha família para a Europa amanhã, deixando essa Pátria, de nós estremecida, à qual me esforcei para dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicação, durante quase meio século em que desempenhei o cargo de chefe do Estado. Ausentando-me, pois, eu com todas as pessoas da minha família, conservarei do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por sua riqueza e prosperidade.*

Dom Pedro II um pouco antes, já demonstrara a sua falta de interesse pelas questões públicas, uma crescente dedicação à questões intelectuais e seu amor pela leitura, o que fazia com que vários escritores da época se simpatizassem com sua figura. Machado nesta época não escrevia crônicas em nenhum jornal. A série *Bons Dias!* havia acabado alguns meses antes da proclamação da República, não se sabe por que razão, e durante os três anos seguintes, Machado observou a instauração da República, sem se pronunciar. Não se pode

afirmar que fosse um monarquista convicto, já que na mocidade defendera a sua queda, mas com certeza nutria admiração por Dom Pedro.

Entretanto, se a República foi facilmente assimilada pela população, o mesmo não se pode dizer do governo de Deodoro que teve duas fases distintas. A primeira, com seu prestígio em alta, com seu ministério constituído por republicanos históricos, que executou a reforma institucional com base na federação, incluindo nela a grande naturalização e a separação entre igreja e Estado; já a segunda com um novo ministério e que se mostrou impotente para enfrentar a crise entre o poder legislativo e o poder executivo. A gota d'água foi o fechamento do Congresso por Deodoro a 3 de novembro de 1891 e o apoio da marinha aos congressistas, o que motivou a renúncia do marechal no dia 23 do mesmo mês, assumindo seu vice: Floriano Peixoto. Nos meses que se seguiram, que coincidem com o início da série *A Semana*, Floriano vai demonstrar toda sua autoridade, recebendo o apelido de Marechal de Ferro, salvador da República e disposto até a morte contra qualquer intenção de restauração monárquica. A preocupação principal de seu governo que pouco realizou em termos administrativos, foi com a ordem pública que conseguiu manter, apesar da Revolta da Armada na baía de Guanabara e da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul.

Se o momento histórico ainda era revolucionário, tumultuado, mesmo em 1892, nada melhor do que começar uma série de crônicas falando de política, mas para afirmar logo em seguida *"...não entendo eu de política."*(ASSIS GazNot 24 abr.1892) Novamente Machado fazia-se de desentendido, demonstrava humildade para poder debater questões da ordem do dia, como as eleições para uma vaga do senado. *A Semana* estreava num momento em que a censura era rígida, e se Machado já era cauteloso por natureza, nessa altura da vida, soube como ninguém driblá-la usando de ironia e metáforas, o mesmo não acontecendo com a *Gazeta* que acabou suspensa por um mês ao final de 1893, ao desafiar o governo durante a Revolta da Armada, em que a cidade do Rio, capital federal, foi bombardeada pelos navios de guerra brasileiros.

Os últimos anos de *A Semana*, 1896 e início de 1897, vão coincidir com o nascimento da seita de Canudos, pequeno povoado da Bahia, onde uma multidão de fanáticos, liderados por Antonio Conselheiro, vão resistir às ordens do governo local e ainda

derrotar três expedições militares. Somente a quarta expedição, mais bem equipada e numerosa, é que conseguiu exterminar os fanáticos.

A relativa paz social conseguida logo após estes conflitos, unida ao avanço e amadurecimento literário no Brasil vão permitir inclusive a criação da Academia Brasileira de Letras, idealizada por Machado e da qual se torna seu presidente durante toda a vida. A atividade de escrever tinha a partir de 29 de julho de 1897, data da inauguração da Academia, uma instituição que prezava o ofício da escrita e devia muito dessa iniciativa à visão de Machado.

O escritor jamais deixou o Brasil e nem sequer o seu estado, daí a presença dominante do Rio de Janeiro em suas crônicas. Quando Machado não falava do Rio, era então a pequena Petrópolis que aparecia, cidade de clima ameno, a apenas 68 quilômetros do Rio e uma das poucas que Machado conhecia. Situada numa região de fazendas ao longo de uma estrada feita no começo do século XVIII para ligar o Rio à Minas Gerais, Petrópolis, criada em 1843, converteu-se rapidamente num elegante reduto dos cortesãos de Dom Pedro II, e funcionava como um refúgio, principalmente no verão, para se fugir da capital e da febre amarela. Petrópolis havia sido escolhida para abrigar o antigo palácio do Imperador e foi provida de todo um aparato de luxo e elegância. Vários rumos para o país foram decididos no Palácio de Verão e foi nesse mesmo palácio que em 1889, Dom Pedro II recebeu a notícia da proclamação da República, assim sendo, era comum que naquela época fosse comentário dos principais jornais cariocas e objeto do cronista. Como na crônica em que comenta quando a cidade de recreio, depois de um brevíssimo momento como capital do Estado deixou de sê-la:

O que a pode consolar é que Petrópolis não tem vocação administrativa nem política. Naturalmente faz que não vê o governador do Estado, não ouve nem lê os discursos da assembléia e trata de se refazer e continuar o que d'antes era."(ASSIS, GazNot 1 março de 1896.)

O fato de não conhecer outros países, ou estados, é percebido tanto nos romances como nas crônicas que mesmo quando falam de lugares distantes, não são descrições pormenorizadas, aquela complexa recriação de cenário que só é possível quando realmente

se conhece o local, mas Machado limitava-se a informações facilmente coletáveis em livros ou jornais.

Foi no cenário carioca que Machado viveu e escreveu, traduzindo em seus romances, poesias, contos, crônicas todas as contradições de um país novo, de uma cidade que ainda não era tão maravilhosa como diria a canção, mas que fornecia material para muitas e muitas páginas de crônicas principalmente se o cronista tivesse uma visão tão apurada quanto a de Machado. Ele sabia disso, tanto que disse em crônica de *A Semana* de 20 de setembro de 1896: *"Certamente uma boa cidade como a nossa não deixa seus filhos sem pão; fato ou boato, eles teriam algo que debicar."* Retratar o Rio de Janeiro, com sua atividade de cronista, foi o primeiro passo, uma ferramenta e um trampolim para que pudesse construir sua prosa de ficção, mas mais que isso, era a sua maneira de enxergar a história, comentá-la, fazer história e deixar para gerações futuras o seu legado, dando às suas várias séries de crônicas, unidade de obra completa.

Com a crônica, mais do que literatura ou jornalismo, Machado realmente fazia história. Suas opiniões ecoavam entre o círculo dos intelectuais e dos políticos da cidade e do país, eram respeitadas e seguidas. Isso foi possível, graças ao veículo que usava para divulgar suas idéias: o bom e moderno jornal, mas também só foi possível graças a um momento de formação de toda uma sociedade. O Rio de Janeiro engatinhava quando Machado iniciou-se no jornalismo e ambos cresceram juntos, um moldando-se ao outro, porque não foi apenas o escritor que acompanhou a monarquia, a abolição, a proclamação da República e que teve de se adaptar aos novos rumos. Quando dizemos que Machado fez história, queremos dizer exatamente isso, que toda essa história teve a participação do já na época, o maior nome das letras. Essa percepção não é só possível de detectar hoje, após anos de exaustivos estudos da obra machadiana, mas já naquela época, como verificamos pelo discurso de Arlindo Guanabara feito na câmara por ocasião da morte do criador de Capitu, e publicado na *Gazeta de Notícias* no dia seguinte:

> *...Machado de Assis disse de sua gente, de seu tempo e de seu meio. O seu campo de atividade, foi a sociedade em que vivemos.*

> *...Assim, a sua ação é dupla: mental e social. Por outra: a sua atividade literária teve sempre reflexo na atividade social. (grifo nosso)Ele era um calmo, um retraído, um tímido, e, não obstante, foi considerável e intensa a sua influência sobre as classes cultas da sociedade. De fato, basta percorrer as obras que deixou, para se sentir que nenhum fenômeno social se produziu sem que para ele o artista houvesse contribuído, direta ou indiretamente, ativa ou passivamente, na crônica ou no romance* (grifo nosso); *ativamente pela propaganda esboçada nos seus personagens; passivamente pela crônica irônica que lhe era peculiar...*
>
> *...Original e único, era um filósofo, um comentador, um crítico e um analista - analista das coisas e dos homens, das almas e dos costumes, dos indivíduos e do meio, das paixões grandes e dos pequenos vícios. Não tinha o sarcasmo dissolvente, mas um doce e benévolo cepticismo. Era um anotador, comentando a situação, os costumes e as idéias, aplaudindo ou combatendo com bondade, sublinhando o risível com o sorriso. Tinha também as grandes paixões, mas revelava-as com uma inexcedível suavidade de forma.*

Note-se que era um homem político de seu tempo, reconhecendo a importância política e social do escritor. Por isso, para se entender a obra machadiana e principalmente suas crônicas, é preciso conhecer muito bem o universo carioca da segunda metade do século XIX, sob o risco de não compreendermos não apenas as citações das crônicas, o irônico, ou as segundas intenções do escritor, mas também as implicações daquelas crônicas que saíam na primeira página do principal jornal, na sua edição dominical, a mais importante, o que significavam, e o devido alcance que as informações ali contidas tinham, como eram a sua leitura para o homem do seu tempo.

2.1 Quem era o leitor de Machado nos jornais do século XIX

> *"Eu sei o que digo, leitor; tu é que não sabes o que lês. Desculpa, se falo assim a um amigo, mas não é com estranhos que se há de ter tal ou qual liberdade de expressão..."*
>
> (MA A Semana GazNot 27jan.1895)

A imprensa no Brasil foi, durante muitos anos, um atividade feita por poucos para poucos. Discutia-se pelos jornais, idéias que não correspondiam às aspirações populares e completamente incompreensíveis para a maioria da população ignorante. Era um debate de homens letrados, do qual o povo não tomava sequer conhecimento. Não podemos nos esquecer que o índice de alfabetização geral do país em 1872 era de 1,56% e em 1920 ainda era apenas de 7,49% (HALLEWELL, 1985 p. 176.) Além disso, ainda eram comuns citações em francês em artigos e crônicas. Essa situação era uma camisa de força para a própria imprensa que não se desenvolvia por falta de leitores, por isso que nessa época, o habitual era os veículos terem vida curta. Um bom exemplo é o texto do jornalista Salvador Mendonça, diretor do Jornal paulista e liberal *O Ipiranga*, justamente em sua última edição, em 12 de dezembro de 1869, após 14 anos de existência do periódico:

> *...a obra do jornalismo, no Brasil, onde a imprensa vegeta sob o peso dos grandes salários do pessoal tipográfico ainda escasso, do custo exorbitante do papel e outros materiais importados e, mais que tudo, do gravoso porte de circulação, verdadeiras asas de chumbo postas à ave transmissora do pensamento, a obra do jornalismo, no Brasil, requer pesados sacrifícios pecuniários. Aos produtos desta sagrada indústria escasseiam consumidores, porque geralmente os súditos de um regime que se mantém pela ausência da opinião não podem sentir a falta das liberdades que a imprensa procura reivindicar. (SODRÉ. 1966, p. 217)*

Mendonça culpa o regime "sem opinião" pela falta de leitores, mas o problema é mais amplo. Não falta apenas opinião, falta tudo em termos de conhecimento ao brasileiro pobre ou até mesmo remediado do século XIX e esse quadro só começa a alterar com o avanço da educação no país. Por outro lado, o que mais liam esses poucos letrados era a crônica, primeiro pelo seu estilo leve e depois por ser veiculada pelo jornal.Com certeza era o gênero mais difundido em finais do século XIX, com o maior número de leitores.

Muitas vezes em suas crônicas, e até mesmo em seus contos e romances, Machado conversa com "o leitor" ou com "a leitora". Nas críticas teatrais, por exemplo, é constante a referência e a conversa praticamente exclusiva com a leitora. Parecia claro para o autor que dependendo da publicação, seu público era formado em sua maioria por mulheres. Mas quem era essa mulher? Branca, com certeza, pois a mulher negra, escrava ou recém-liberta, não sabia ler e não tinha acesso a jornais. Condição que até o começo do século XIX também se estendia à mulher branca, mesmo se fosse de classe abastada, que passava grande parte do seu tempo entre os bordados de agulha e as rezas.

Com a criação de escolas, a mulher começou a ter acesso às lições, não só de costura e bordados, mas também de português, francês, música, aritmética e geografia. Seu trabalho limitava-se apenas às obras de caridade, muitas vezes promovendo eventos beneficentes, mas ainda dispondo de muito tempo ocioso, as revistas de moda, literárias e algumas seções dos jornais passaram a fazer parte de seu cotidiano.

Jornal de moda feminino que fez muito sucesso entre as senhoras da corte foi *A Estação* que durante oito anos circulou em francês sob o nome de *La Saison*. Entre figurinos e moldes, tinha uma importante seção literária sob a orientação espiritual de Machado de Assis, conforme está mencionado no catálogo da Exposição do Centenário da Biblioteca Nacional. Apesar de nesse veículo, Machado não publicar crônicas, mas apenas contos, é importante verificar que o escritor não tinha qualquer problema em colocar suas melhores produções em revistas exclusivamente femininas, já que foi em *A Estação* que foi publicado *O alienista* de 15 de outubro de 1881 a 15 de março de 1882.

Outro veículo quase que exclusivamente feminino, do qual Machado tornou-se colaborador assíduo foi *O Jornal das Famílias*, onde também publicou inúmeros contos em meio a figurinos, receitas de doces, moldes e conselhos de beleza.

Machado tinha em 1861, uma visão em relação à mulher, bastante moderna para sua época. Em crônica do *Diário do Rio de Janeiro*, comentando a afirmação de Eugenio Pelletan de que a mulher viria a exercer no mundo um papel político, diz:

> *Eu direi que esse é um fato que eu desejava ver realizado, em maior plenitude do que pensa o autor da "Profession de foi". Eu quisera uma nação, onde a organização política e administrativa parasse nas mãos do sexo amável, onde, desde a chave dos poderes até o último lugar de amanuense, tudo fosse ocupado por essa formosa metade da humanidade. O sistema político seria eletivo. A beleza e o espírito seriam as qualidades requeridas para os altos cargos do Estado, e aos homens competiria exclusivamente o direito de votar.(*ASSIS, 1950 p. 74*)*

Note-se que, ao mesmo tempo que o escritor era liberal o suficiente para entregar o poder as mulheres, o fazia pensando apenas em beleza e espírito. Competência, inteligência ou qualquer atributo que denotasse preparo político não eram mencionados, mas mesmo assim, ter a coragem de defender tal idéia, já demonstrava como Machado sempre andou a frente do seu tempo.

Entre as seções de jornais de âmbito geral que até então normalmente as mulheres não liam, aparece o rodapé da primeira página, o famoso folhetim, que era destinado ao entretenimento, como explica Marlyse Meyer:

> *Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém saídos, o esboço do Caderno B, em suma.* (MEYER, 1992.p 96)

Era natural que um espaço como esse caísse logo nas graças dos leitores e *das* próprias leitoras E é nesse espaço que nasce a crônica nacional. Por isso que o cronista antes de se denominar de tal forma, foi conhecido como folhetinista.

Dessa forma, a referida seção passa a ser a preferida de toda família como Nelson Werneck Sodré lembra:

> *O grande público iria sendo lentamente conquistado para a literatura, principalmente pelo folhetim, que se conjugou com a imprensa e foi produto específico do Romantismo europeu, aqui imitado com sucesso amplo, nas condições do tempo. O folhetim era, via de regra, o melhor atrativo do jornal, o prato mais suculento que podia oferecer, o mais procurado. Ler o folhetim chegou a ser hábito familiar, nos serões das províncias e mesmo da corte, reunidos todos os da casa, permitida a presença de mulheres.*" (SODRÉ, 1966, p. 279).

Em virtude do costume do folhetim ser lido em voz alta, ele conquista também os analfabetos, que mesmo indiretamente vão se tornando leitores dos jornais. Mas ainda são leitores quase que exclusivamente dos romances em folhetim, já que a crônica começava a ganhar espaço próprio dentro da página de jornal.

Em *A Semana*, diferente de outras séries, a referência do escritor ao público feminino, à leitora, desaparece. O leitor daquela série de crônicas era com segurança os homens, os poucos cultos da época, como reconhece o próprio Machado, conversando com seu leitor: *"Certo que o tenho em boa conta, sei que é ilustrado, benévolo e paciente..."* (ASSIS, A semana GazNot 31 maio 1896) Leitores que gozavam de uma condição econômica e social boa para a época.

Machado de Assis em diversas crônicas gostava de criar uma cumplicidade com esse leitor, igualava-se a ele, contando-lhe segredos da imprensa, como quando diz que a frase "*as danças prolongaram-se até a madrugada*" (ASSIS, A Semana GazNot 01 mar.1896), de tão usada, já estava fundida na tipografia e era só acrescentar o clichê no final da notícia. A intenção de Machado era de tornar o leitor um íntimo, pois apenas para esse se faz confidências, confia-se a falta de assuntos ou fala-se da falta de espaço. O tempo todo

Machado fala em "nossas" praias, "nosso" dinheiro, se colocando como alguém igual ao leitor, principalmente quando era para criticar a classe política do país. Entretanto, também sabia que era lido por esta classe e gostava de alfinetá-los, colocando-os claramente como uma classe à parte na sociedade, uma classe normalmente "sem alma".

> *Leitor, aproveitemos esta rara ocasião que os deuses nos deparam. Só dois fôlegos vivos não são candidatos ao governo da cidade, tu e eu. E ainda assim não respondo por ti; neste século de maravilhas pode dar-se que um candidato tenha alma bastante para ler ao café, uma coluna de sensaborias, e ir depois pleitear a palma de combate. Tudo é possível.* (ASSIS, A Semana. GazNot 27 dez. 1896)

Ora, a última coisa que a série *A Semana* pretendia ser, sem dúvida, era uma coluna de sensaborias, e o autor sabia disso. Essa humildade era uma "arma" literária do escritor. Se o candidato tivesse alma leria sua "modesta" coluna.

O fato do leitor ser cúmplice, quase um amigo, não impedia Machado de, sem mais nem menos, ofendê-lo. O tipo de ofensa que a intimidade permite e que não deixa marcas ou ressentimentos. Esse tipo de tratamento já era verificado desde seus tempos de mocidade nas crônicas do *Diário do Rio de Janeiro*, mas não era uma ofensa gratuita, funcionava como uma provocação do narrador para o receptor, que desejava que seu leitor aguçasse os sentidos e enxergasse além do óbvio, como quando fala numa de suas últimas crônicas de uma mulher que procura por um jornal que traga a foto de Antonio Conselheiro, a quem a mulher não sabe o nome, mas sabe que é aquele que "briga lá fora".

> *"Leitor obtuso, se não percebeste que "esse homem que briga lá fora" é nada menos que o nosso Antonio Conselheiro, crê-me que é ainda mais obtuso do que pareces. A mulher provavelmente não sabe ler, ouviu falar da seita dos Canudos, com muito pormenor misterioso, muita auréola, muita lenda, disseram-lhe que algum jornal dera o retrato do Messias do sertão e foi comprá-lo, ignorando que nas ruas só se vendem as folhas do dia. Não sabe o nome do Messias; é esse homem que briga lá fora." A celebridade, caro e tapado leitor, é isto mesmo."* (ASSIS, A Semana. GazNot 14 fev.1897)

"Tapado" e "obtuso" não são bem o que se pode chamar de adjetivos carinhosos, mas também não eram graves o bastante, a ponto do leitor se sentir tão ofendido e deixar de ler sua coluna. Mas a pergunta é, por que Machado se refere ao leitor dessa maneira? A proximidade com a data que encerraria *A Semana*, quinze dias após essa crônica ter sido publicada, nos leva a desconfiar que fosse um recado ou desabafo do bruxo do Cosme Velho. Será que o leitor deveria estar percebendo que algo estava acontecendo levando o velho cronista a se aposentar, algo que somente um leitor tapado e obtuso não enxergaria? Sensação que torna-se mais forte na crônica seguinte, a penúltima, quando Machado diz:

> *"Assim se vai fazendo a história, com aparência igual ou vária, mediante a ação de leis, que nós pensamos emendar, quando temos a fortuna de vê-las. Muita vez não as vemos, e então imitamos Penélope e o seu tecido, desfazendo de noite o que fazemos de dia, enquanto outro tecelão maior, mais alto ou mais fundo e totalmente invisível, compõe os fios de outra maneira e com tal força que não podemos desfazer nada. Sucede que passados tempos, o tecido esfarrapa-se e nós, que trabalhávamos em rompê-lo, cuidamos que a obra é nossa. Na verdade, a obra é nossa, mas é porque somos os dedos do tecelão; o desenho e o pensamento são d'ele, e presumindo empurrar a carroça, o animal é que a tira do atoleiro, um animal que somos nós mesmos...Mas aí me embrulho eu, e estou quase a perder-me em filosofias grossas e banais. Oh! Banalíssimas!*
>
> *Domingo próximo é possível que te explique esta confusão da minha alma. Estou certo que me entenderás e aplaudirás."* (ASSIS, A Semana. GazNot 21 fev.1897)

Ao que tudo indica, realmente algo vinha acontecendo que motivou o fim da série de crônicas, e deve ter sido uma discordância com o dono do jornal para Machado dizer que ele apenas é o dedo do tecelão, mas que "o desenho e o pensamento são d'ele", para ainda depois comparar-se ao animal que empurra a carroça, uma imagem bastante associada ao empregado de qualquer empresa. Talvez nessa crônica fosse sua intenção explicar tudo na semana seguinte, mas tal explicação jamais acontece. Ele até diz que antes de se aposentar poderia fazer uma confissão pública, mas não a faz.

"O essencial aqui é dizer que não faço confissão alguma, nem do mal, nem do bem." (ASSIS, A Semana. GazNot 28 fev.1897)

Infelizmente não conseguimos esclarecer melhor este ponto, mas aqui, o que nos interessa é a visão do escritor sobre seu leitor, quando completa traçando o retrato que tinha do leitor de suas crônicas, talvez o mesmo retrato que tenha trazido em todos os seus anos de cronista, mas que novamente só revela em sua última crônica, e que demonstra o domínio que o cronista tinha sobre sua coluna. O leitor, apesar de peça importante do jogo, não o influenciava ou o impedia de dizer o que queria dizer. Falava à classe dominante, aos homens cultos e de representatividade de sua época e procurava ele sim, os influenciar.

> *Não há nada como falar a uma pessoa que não interrompe. Diz-lhe tudo o que se quer, o que vale e o que não vale, repetem-se-lhe as coisas e os modos, as frases e as idéias, contradizem-se-lhe as opiniões e a pessoa que lê, não interrompe. Pode lançar a folha para o lado ou acabar dormindo. Quem escreve não vê o gesto nem o sono, segue caminho e acaba."* (ASSIS, A Semana. GazNot 28 fev.1897)

3. A CRÔNICA

> *... ninguém me há de ver contar nada sem um pensamento, uma descoberta, uma solução, um mistério, algo que valha a pena ocupar a atenção do leitor."*
>
> (MA A Semana GazNot 12 jun.1892)

Se a crônica até hoje levanta polêmicas em torno de sua construção literária, desde o tempo de Machado sua definição já era um dos quebra-cabeças preferido do cronista narrador. Explicar como nasceu, as dificuldades de escrever crônicas continuamente, encontrar o melhor tom, demonstrar as características dessa ilha de ficção em meio a matérias de jornal, era para Machado, e continua sendo para muitos cronistas da atualidade, próprio tema de crônica.

> *A crônica é a reinvenção da lua abstraída das violações científicas e espaciais, é a metafísica dos postes e das azaléias, é a lupa que permite confirmar, com a palavra escrita, se o sabonete Palmolive continua a abrir os poros e manter a pele leve e acetinada. A crônica existe para dar credulidade aos jornais, saturados de notícias reais demais para ser levadas a sério. A crônica descobre as pessoas no meio da multidão de leitores. Ela revela ao distinto público que atrás do botão eletrônico existe um baixinho resfriado e de nariz pingando, que assoa e vocifera. A crônica serve para mostrar o outro lado de tudo - dos palanques, das torres, dos eclipses, das enchentes, dos barracos, do poder e da majestade. Ela não consta no periódico por condescendência. A crônica é a lágrima, o sorriso, o aceno, a emoção, o berro, que não têm estrutura para se infiltrar como notícia, reportagem, editorial, comentário ou anúncio publicitário no jornal. E, contudo, é um pouco de tudo isso.* (1)

---

(31) DIAFÉRIA, Lourenço. Por que me ufano da minha horrível e gloriosa esquina, in Depoimento - Escritor brasileiro 81. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1981

São inúmeras as vezes em que Machado define a crônica, então por que buscar em outro cronista uma definição? Primeiro porque poucas definições a respeito da crônica são tão exatas quanto essa de Lourenço Diaféria, justamente porque ele consegue perceber o elemento humano por trás do texto. Para a crônica o que interessa, muito mais do que o fato, é a humanidade que aquele fato toca, não é fria como a notícia, não é imparcial, não é meramente informativa, é prosa poética. Segundo, para demonstrar como a definição moderna de crônica, a do século XX, feita por um cronista do século XX, corresponde exatamente à crônica machadiana, de mais de cem anos antes.

Jorge de Sá, em seu livro *A Crônica,* defende a idéia que nossa literatura nasceu justamente com uma crônica que seria a famosa carta que Pero Vaz de Caminha escreve ao rei D. Manuel contando sobre a nova terra descoberta, no melhor estilo do cronista, em sua acepção original, que alia fatos importantíssimos sobre o Brasil ao lado de coisas curiosas, aparentemente insignificantes. Mas claro, neste estudo, não estamos nos referindo a este cronista original que tinha a função de historiar, de ser fiel no seu relato. O cronista moderno, como diz Tele Ancona *"Pode voltar, sem cerimônia, as costas para a notícia, pois não vai informar."(*CÂNDIDO et al, 1992 p.165) E para este, é a sua interpretação dos fatos, ou da vida, que vale para construir a crônica.

Também referindo-se à crônica o professor Antonio Cândido diz:

> *...ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há uns 150 anos mais ou menos. No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu. Antes de ser crônica propriamente dita foi "folhetim", ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia - políticas, sociais artísticas, literárias. Assim eram os da seção "Ao correr da pena", título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, de 1854 a 1855. Aos poucos o "folhetim" foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje.*

> *Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar(deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro. Creio que a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma.* (CÂNDIDO, 1992 p. 15)

Mas será que era realmente um gênero tão à toa assim? Se o fosse, Alencar não teria conseguido tanto prestígio com tais folhetins e que lhe renderam o convite para ocupar o cargo de redator-gerente do *Diário do Rio de Janeiro*. Joaquim Nabuco lembra nas suas polêmicas com Alencar que os tais folhetins *"não são por outro lado um ensaio da adolescência, um desses improvisos da Academia; são a manifestação do seu talento... Nenhum estudo sobre o Sr. J. de Alencar seria completo, se essa época tão importante de sua vida fosse deixada de parte."* (COUTINHO, 1965 p.68)

E quem se interessaria em escrever um gênero assim tão à toa como diz Antonio Cândido? E principalmente, quem se interessaria em lê-lo? Para escrever não poderia ser um simples jornalista, objetivo, claro, que compreende a sua função de passar ao leitor os fatos vistos por vários ângulos para que com imparcialidade nessas visões, o leitor seja capaz de criar seu próprio juízo. Não seria, sem dúvida um jornalista, pois a este importa muito mais a notícia do que a forma como é construído o texto. Um jornalista jamais perderia tempo em criar personagens para conduzir a narrativa, como também não colocaria na mesma "notícia" fatos aparentemente díspares na quase impossível tarefa de costurá-los e dar-lhes uma unidade. Sem dúvida, a crônica não combina com a urgência, a simplicidade, a objetividade e a clareza do jornalismo. Mas se não é jornalismo é o quê? Literatura? Da mesma forma, é possível argumentar, perguntando: qual o escritor que gosta de ver sua liberdade de ficção, mesmo que de forma mínima, cerceada pela realidade dos fatos? Que escritor se adapta bem à data certa de entrega do texto, aos limites do tempo e do espaço no jornal? Que escritor é despreendido o suficiente de sua obra para deixá-la acompanhar notícias que estarão antigas em poucas horas num veículo que terá o lixo como o destino mais comum?

Na verdade, da mesma forma que a crônica vem sendo considerada um gênero híbrido por natureza, também seus autores, o vêm sendo ao longo dos anos. A maioria dos cronistas brasileiros não tem se limitado apenas a fazer crônicas, mas a passear por vários gêneros literários, e talvez não se importassem que sua crônica se perdesse no tempo, pois se perdia de um lado ganhava muito de outro. A crônica sempre foi um ganha-pão seguro, uma forma de estar com o nome presente nos meios de comunicação, publicidade boa para venda de livros e principalmente, com a crônica o escritor se torna um influente formador de opinião.

Desde um Machado de Assis, poeta, romancista, dramaturgo e também cronista, até um Mario Prata dos dias de hoje, romancista, novelista, dramaturgo e também cronista, passando por tantos outros como José de Alencar, Olavo Bilac, Carlos Drummond de Andrade, os cronistas quase sempre também experimentaram outros gêneros literários, mas sempre estiveram mais ligados à literatura do que ao jornalismo. Para John Gledson:

> *De um ponto de vista puramente literário (ou de história literária) temos que reconhecer que as crônicas não são puro jornalismo ou reportagem: são, como freqüentemente se tem dito, um misto híbrido de jornalismo e literatura, e por essa razão, foram e são confiadas a pessoas cujos interesses fundamentais eram literários - Alencar, Bilac, Drummond.(ASSIS,* 1990, p.12)

Paulo Barreto(1881-1921), mais conhecido como João do Rio, percebeu que subindo os morros e freqüentando os locais da malandragem carioca conseguia contar os fatos de uma maneira muito mais interessante para o leitor. Ele os enriquecia com detalhes, dava à matéria uma forma mais literária, interpretava e recriava como bem entendesse, enfim contava uma boa história. Era considerado um jornalista? Claro! Mas só porque sua matéria prima era os fatos, mas também e principalmente, era um escritor.

Jorge de Sá tenta mostrar a diferença entre o cronista e o contista:

> *Enquanto o contista mergulha de ponta-cabeça na construção do personagem, do tempo, do espaço e da atmosfera que darão força ao fato "exemplar", o cronista age de maneira mais solta, dando a impressão de*

> *que pretende apenas ficar na superfície de seus próprios comentários, sem ter sequer a preocupação de colocar-se na pele de um narrador, que é, principalmente, personagem ficcional (como acontece nos contos, novelas e romances). Assim, quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem. (SÁ, 1987, p. 9)*

Não concordamos com esta afirmação. Talvez a crônica em seus primórdios tenha realmente dado a impressão de uma reportagem, mas sua evolução a levou para outro lado. Veremos ao longo desse trabalho, que Machado teve sim a preocupação de colocar-se na pele de um narrador em várias séries de crônicas anteriores *A Semana*, preocupação esta que aparentemente desaparece em sua última série, por não haver um personagem assinando sob um pseudônimo, mas que em nossa análise, provaremos que só aparentemente isto acontece, mostraremos inclusive como esta evolução que se aproxima da crônica de nossos dias, teve em Machado seu grande iniciador. Também não podemos esquecer que o fiel criado José Rodrigues que aparece freqüentemente nesta série de crônicas, era um personagem criado pelo escritor.

Essa habilidade que o cronista tem de transitar por terrenos e assuntos tão diversos é que o torna singular. Aliado a isso está o seu talento em, a partir de assuntos triviais como matéria prima, elaborar construções literárias ao mesmo tempo leves como o veículo jornal assim o pede, mas também ricas em humor, em citações eruditas, em metáforas, muitas vezes mais difíceis de serem feitas do que um poema ou um conto. Tudo isso na urgência que o jornal necessita. Por isso que a crônica se assemelha tanto a uma conversa entre cronista e leitor, essa quase oralidade permite que o texto flua, exatamente como quando contamos um caso a uma pessoa conhecida. Quanto mais floreamos e enriquecemos o caso, (sem exagero, claro!) mais interessante se torna a conversa. O cronista tem o mesmo talento de um bom contador de casos. Machado também fazia uso da oralidade em suas crônicas, como quando diz algo em um determinado momento e parágrafos abaixo pergunta ao leitor: *"Não sei se já disse que o discurso foi do lord chief justice."*(ASSIS, 1994 v.3 p.418) Ora, bastava que o autor percorresse os olhos um pouco mais para cima de sua própria crônica para verificar se já havia dito ou não, mas ao invés disso, ele prefere lançar mão de um

recurso muito comum numa conversa, principalmente no Brasil, em que as pessoas são tão pouco formais.

Por isso que desde que surgiu, a crônica caiu no gosto do brasileiro, tão propenso a uma boa conversa, sendo considerada por muitos autores, um gênero tipicamente nacional. A crônica assimila a diversidade do brasileiro, como lembra bem Vinicius de Moraes:

> *todos esses marginais da imprensa, por assim dizer, têm o seu papel a cumprir. Uns afagam vaidades, outros as espicaçam; este é lido por puro deleite, aquele por puro vício. Mas uma coisa é certa: o público não dispensa a crônica, e o cronista afirma-se cada vez mais como o cafezinho quente seguido de um bom cigarro, que tanto prazer dão depois que se come.(* MORAES, 1991, p.18)

Ainda são poucos os estudos sobre a crônica, e menos ainda aqueles que têm a coragem de lhe situar em um único campo: jornalístico ou literário. Não é este também o nosso objetivo, mas nesta pesquisa chegamos a algumas considerações interessantes que não poderiam ser omitidas. Assim pensamos que este trabalho não poderia se esquivar totalmente a discutir se a crônica é ou não um texto literário, ou se um texto jornalístico pode ser considerado artístico em alguma hipótese, sem perder claro, as crônicas de Machado de vista. Dar uma resposta a estas questões analisando a criação atual já é incrivelmente difícil, mais complicada se torna nossa tarefa à medida que analisamos a crônica machadiana, do século XIX, que foi a grande responsável por uma evolução do gênero que alcançou nossos dias.

Acreditamos que as "crônicas" de *O Espelho*" não são textos artísticos, pois se parecem com artigos em que o autor não está preocupado com a forma, mas em reforçar sua opinião. Seguindo a ordem cronológica, as crônicas de *O Diário do Rio de Janeiro* , pelo menos na primeira fase, são um amontoado de pequenos comentários sobre vários fatos da semana, situação novamente em que o autor não está preocupado com a unidade do texto, pois como mostraremos mais adiante, faz cortes abruptos. Em *Balas de Estalo*, Machado inicia um processo diferente. Observemos um pequeno trecho da crônica de 16 de outubro de 1883 da referida série, em que Machado se inspira na visita de um mandarim ao Rio de Janeiro para dizer que recebeu uma carta do mesmo e a transcreve:

Vu pan Lelio,

Lamakatu apá ling-ling Balas de Estalo, mapapi tung? Keré siri mamma, ulmalí tiká.Ton-ton pacamaré rua do Ouvido nappi Botafogo, nappi Laranjeiras mappi Petrópolis gogô. China cava miraka rua do Ouvidor! Naka ling! tica milung! Ita maria armarinho, gavamacú moça bonita, vala ravala balcão; caixeiro sika maripú derretido. Moçanigú vaia peça fita, agulha, veludo, colchee, iva cuca trapalhada. Moço lingu istú passa na rua, cheberú pitigaia entra, namora, rini mamma: Viliki caci cali xaliman... (ASSIS,1994 v.3 p. 419)

E por aí vai. Quem pode afirmar que esta grande brincadeira com o leitor tenha qualquer semelhança com um texto jornalístico, mesmo tendo sido inspirado num fato real? Machado vai aos poucos mostrando um novo conceito de crônica, que se intensifica em *A Gazeta de Holanda,* quando o autor radicaliza e pega emprestado uma forma reconhecidamente artística como a poesia para falar dos fatos.

Se do ponto de vista poético, elas não dizem muita coisa, talvez tenham mostrado a Machado um novo caminho. Ele pode ter percebido com esta série que a análise dos fatos poderia acontecer dentro de uma estrutura artística, que fosse além da missão de informar. Daí para a série *Bons Dias!* onde este casamento realmente acontece, Machado de Assis constrói definitivamente este novo conceito de crônica, muito mais artística, preocupada com a forma, diferente do que ele e seus contemporâneos haviam escrito antes, mas mesmo assim, alguns poderão lembrar que os comentários dos fatos ainda são amarras que prendem a crônica ao jornalismo muito mais do que à literatura.

Neste ponto é interessante lembrar Lotman quando diz

"Com efeito, é pouco provável que alguém conteste o fato de a percepção de uma obra de arte representar um ato do conhecimento e obter um prazer sensorial" (LOTMAN, 1978 P.113),

que significa que estes dois elementos são inerentes à obra artística, o que nos leva a perceber que a crônica de Machado de Assis fornece com muita clareza estes dois ingredientes, tanto o conhecimento como o prazer sensorial. É impossível ler uma crônica de

suas duas últimas séries *Bons Dias!* e *A Semana*, sem que o leitor se deleite, em nada comparável a um texto objetivo, meramente informativo como o texto jornalístico. E se o papel de informar na crônica é considerado relevante por muitos, mesmo não sendo obrigatório, isso também não é um empecilho para considerar um texto como artístico, pois ainda citando Lotman: (1978, p.113)

"A obra de arte pode igualmente realizar numerosas funções não artísticas, que podem por vezes ser tão importantes que escondam aos contemporâneos a percepção estritamente estética do texto" (LOTMAN, 1978 p.133)

Então se para alguns, ou melhor, poucos leitores, normalmente também escritores, companheiros de ofício, era claro que as crônicas machadianas iam além, davam um passo a mais dentro de um modelo conhecido, a maioria dos leitores absorvia a sua leitura com prazer, mas sem a devida consciência de que se tratava de uma obra-de-arte, por não utilizar o veículo convencional que sempre foi o livro. É claro que o leitor a distinguia de alguma forma dentro do universo do jornal, mas provavelmente não tinha o conceito de obra de arte que era restrito ao romance e à poesia para nos atermos apenas ao âmbito do texto.

O texto jornalístico segue uma estrutura fixa, uma seqüência, um automatismo próprio de textos não artísticos de forma a valorizar a informação, sem a mesma preocupação com os meios em que a mesma trafega. Já o texto artístico *"tende a destruir essa automatização e a fazer da própria estrutura o portador da informação."(* LOTMAN, 1978 p. 137)

A prosa jornalística é uma prosa utilitária como a científica, a jurídica ou a comercial, no momento que a informação foi passada de forma clara e objetiva, sua missão foi cumprida. Mesmo que levemos em conta, uma alta dose de subjetividade no jornalismo de inspiração européia que era praticado no Brasil no século XIX, não havia no texto jornalístico lugar para a metáfora, para personagens fictícios, ironia ou intenção ambíguas que contrariam a essência jornalística da precisão e da supremacia da informação, daí a necessidade, na minha opinião, da crônica não poder mais ser considerada como jornalismo, apesar de ocupar espaço no jornal e conviver lado a lado com as notícias que lhe servem, inúmeras vezes, como ponto de partida e inspiração.

O escritor não apenas se apropria simplesmente do fato, mas o interpreta e modifica artisticamente, na medida que lhe adiciona elementos alheios com o único intuito de reforçar ou anular uma imagem, que em princípio, se fosse jornalismo, deveria manter-se intacta, a fim de provocar um resultado estético.

Pegando de empréstimo uma comparação com a pintura, ninguém discute se um retrato pintado num muro é uma obra-de-arte, mesmo que não ocupe uma tela, seu lugar convencional, e mesmo que seja incrivelmente fiel à realidade. Por que a crônica não seria então arte? Por não ocupar o lugar nobre do livro ou por ser construída em cima dos fatos? Já vimos que em ambos os casos, isto não é um impedimento, mas apenas uma característica específica da crônica. É claro que por ser um muro ou um jornal, isso de alguma forma vai influenciar na estrutura da obra.

Toda esta discussão anterior fez com que as crônicas em geral, até mesmo em um escritor tão estudado quanto Machado, desmotivassem trabalhos de análise que dessem à crônica machadiana o seu devido lugar na totalidade da obra do escritor. E justamente, neste escritor, que praticamente revoluciona a feitura da crônica no Brasil.

> *A crônica talvez seja, na obra de Machado, seu lado menos visível ou o mais mitigado, por sua fortuna crítica. Suponho que, mais uma vez, seja a rígida teoria dos gêneros que patrocina este descaso. De todo modo, não creio que sobreviva ainda a idéia dos gêneros imperiosamente demarcados. Em qualquer hipótese, inexistem espécies literárias menores. O que, sim, existem são autores menores, e este não é, certamente, o caso de Machado de Assis.* (ASSIS, 1998 p. 8)

4. MACHADO E O JORNALISMO

> " *Ó doce, ó longa, ó inexprimível melancolia dos jornais velhos! Conhece-se um homem diante de um deles. Pessoa que não sentir alguma coisa ao ler folhas de meio século, bem pode crer que não terá nunca uma das mais profundas sensações da vida, - igual ou quase igual à que dá a vista das ruínas de uma civilização. Não é a saudade piegas, mas a recomposição do extinto...*
>
> ASSIS, Machado. Bons Dias! A Gazeta de Notícias de 14/06/1889

São inúmeras as citações de Machado a respeito de jornal em geral. Costumava dizer que o jornal havia dado independência ao escritor, reconhecia seu poder frente à sociedade, compreendia perfeitamente o seu alcance. Na citação acima, extraída da série *Bons Dias!*, Machado já percebia a possibilidade de "recompor o extinto" pelo jornal.

No século XIX, a imprensa vivia de literatura da mesma forma que a literatura se alimentava da imprensa. Dizia Silvio Romero:

> *No Brasil, mais ainda do que noutros países, a literatura conduz ao jornalismo e este à política a que, no regime parlamentar e até no simplesmente representativo, exige que seus adeptos sejam oradores. Quase sempre as quatro qualidades andam juntas: o literato é jornalista, é orador, e é político.* (ROMERO, 1943 V.5 p. 1717)

Quase todos os homens de letras da época, começaram ou passaram pelos jornais: Coelho Neto, Aluísio Azevedo, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Alphonsus de Guimarães, Rui Barbosa, Machado de Assis e tantos outros. Desta forma é inviável estudar qualquer escritor desse período, sem nos determos numa análise pormenorizada da imprensa daquela época, visualizando a participação de Machado na imprensa, como esta atuava sobre sua obra e também o que ainda não foi analisado, que é a sua influência na imprensa.

Nunca mais o mundo foi o mesmo depois do jornal, ele operou uma verdadeira revolução de costumes. O que antes era dito e modificado a cada um que repetia o que tinha escutado, o famoso boca a boca, passava a ter, com o advento da imprensa, um voz reinante que poderia ser consultada e que rapidamente ganhou credibilidade junto à população. A notícia viajava agora num veículo seguro, não mais estando ao bel prazer de quem a contava. O jornal encurtava distâncias, trazia a moda para as mulheres, os bons costumes a serem seguidos, a política para os homens, e um espaço enorme dedicado à literatura, pelo motivo óbvio que quando a imprensa chegou ao Brasil junto com a família real, em 1808, não havia jornalistas e os escritores é que se encarregaram de fazer as vezes. Situação que dura todo século XIX, sendo modificada muito lentamente, para enfim encontrar a objetividade jornalística somente no século XX.

Machado era um homem de jornal.

> *O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções.*
>
> *O jornal apareceu, trazendo em si o gérmen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é econômica, porque é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social."* (ASSIS, 1994 v.3 p.945)

E como homem de jornal, Machado seguiu a tradição participando de diversos periódicos ao mesmo tempo e como os outros escritores sob pseudônimos diversos, costume comum à época do império como lembra Magalhães Junior:

> *O uso dos pseudônimos nos parece um sestro detestável da imprensa dos tempos do Império. Mas não seria antes uma atitude avisada e prudente por parte dos que então escreviam? Não seriam apenas os conselhos da modéstia os que eles seguiam. É preciso que se note que o ambiente do tempo do Império era dos mais opressivos. Tavares Bastos, um dos grandes talentos do seu tempo, parlamentar ilustre com a visão de autêntico*

> *estadista, fora despojado de seu emprego na Secretaria da Marinha, como castigo pelas críticas que fizera ao almirante Joaquim Inácio de Barros, mais tarde Visconde de Inhaúma, quando era este Ministro da Marinha".* (MAGALHÃES JUNIOR, 1981, p.74)

Realmente a censura no Brasil é mais antiga que a própria imprensa. Antes que *A Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro jornal a ser publicado no Brasil, órgão preocupado em retratar as festas e novidades da Corte portuguesa recém instalada no país, circulasse, outro jornal editado pelo brasileiro Hipólito José da Costa radicado em Londres, o *Correio Braziliense*, que pregava a independência brasileira, foi inúmeras vezes recolhido pelos soldados da Corte que proibia sua circulação. Com 140 páginas, uma verdadeira proeza para a época, mensal, o *Correio* era apreendido em virtude do seu caráter político. Apesar de concordarmos com Raimundo Magalhães, que a censura existia e ter sido uma constante na história da imprensa brasileira, ela é uma característica do primeiro reinado, pois houve um hiato em que ela praticamente desapareceu que foi durante o segundo reinado. E não acreditamos que o uso de pseudônimos, que mesmo assim persistiu, se devesse à censura, mas simplesmente porque era um costume da época. O próprio pseudônimo já demonstrava em si a criatividade de seu autor como João das Regras ou Malvólio, pseudônimos usados por Machado. E também porque o segundo reinado contou com um liberal sincero que foi D. Pedro. José Veríssimo escrevendo no Jornal do Brasil de 8 de dezembro de 1891 lembrava:

> *Quantos neste país têm a honra de empunhar uma pena convencida e honesta, por modesta que seja, reconhecerão que jamais durante o longo reinado tiveram de deixá-la cair por falta de liberdade, ou sequer de iludir ou velar o seu pensamento. Todos pensávamos como queríamos e dizíamos o que pensávamos.*

Opinião também defendida por Ferreira de Araújo, dono da *Gazeta de Notícias*, e um dos grandes nomes do jornalismo brasileiro, em seu próprio jornal em outubro de 1883:

> *Em nenhum país se poderia achar mais liberdade que as de fato existem no Brasil. Tudo é lícito dizer na imprensa, na tribuna, contra a política, contra a magistratura, contra o governo, contra o imperador. A imprensa é livre no Brasil, livre até a licença, livre até a pouca vergonha, até a calúnia, a*

> *injúria, o desrespeito à família, livre até o anônimo, que é a última palavra da covardia.*

Então, quando nos surpreendemos com todos os cuidados que Machado tinha ao fazer qualquer crítica ao governo, principalmente durante o segundo reinado, temos que aceitar que ele fazia por iniciativa própria e não devido a uma imposição de um governo autoritário. Tanto que o Machado jovem, que não tinha nada a perder, era muito mais audacioso e corajoso em suas críticas do que o Machado da maturidade. Se o escritor tinha qualquer temor, era na verdade de perder aquilo que havia conquistado durante toda uma vida, seu emprego público, o prestígio e uma condição econômica que o menino pobre jamais tivera.

Na época de *A Semana*, o cenário já era outro, a República, em seus primeiros anos, exerceu a censura com mão de ferro. Porém, com pseudônimo ou simplesmente sem assinatura como em *A Semana*, Machado sempre exerceu seu papel de formador de opinião de forma consciente. Por mais que o espaço dedicado à crônica fosse de leituras leves, as crônicas machadianas em sua grande maioria eram de denúncia, nem sempre políticas ou econômicas, mas de toda sorte, muitas vezes veladas para não ameaçar o status de seu autor, mas com o forte intuito de apontar caminhos, sugerir soluções, mostrar o absurdo de algumas situações. Aí entrava toda a genialidade do escritor. Como dizer, convencer, sem se arriscar? Machado era um mestre nisso.

4.1 O ser cronista na visão machadiana

> *"A boa regra para quem empunha uma pena é só tratar do que pode dar de si algum suco – uma idéia, uma descoberta, uma conclusão. Não dando nada, não vale a pena gastar papel e tinta."*
>
> (MA. A Semana GazNot 20 dez.1896)

Da mesma forma que a feitura da crônica machadiana vai se alterando ao longo dos anos a cada série que o cronista criava, também é possível perceber que a sua visão do papel da crônica e do próprio cronista também se modificam. Na análise desta visão, diferentemente da construção, não há um movimento evolutivo, uma linha reta que se pode traçar, mas são modificações que, ao mesmo tempo que acompanham o amadurecimento do escritor, também sofrem influência do periódico e da época em que as crônicas são escritas.

Nas primeiras crônicas, as da década de 60 e 70, Machado se recusava a doutrinar o leitor, e suas tomadas de posição são mais veladas. Era mais modesto também, costumeiramente se autodenominava "mau cronista". Por outro lado já conhecia o alcance das crônicas e do grande número de leitores.

> *Vivemos seis dias a espreitar os sucessos da rua, a ouvir e palpar o sentimento da cidade, para os denunciar, aplaudir ou patear, conforme o nosso humor ou a nossa opinião, e quando nos sentamos a escrever estas folhas volantes, não o fazemos sem a certeza (ou a esperança!) de que há muitos olhos em cima de nós. Cumpre ter idéias em primeiro lugar; em segundo lugar, expô-las com acerto; vesti-las, ordená-las, apresentá-las à expectação pública. A observação há de ser exata, a facécia pertinente e leve; uns tons mais carrancudos, de longe em longe; uma mistura de Geronte e de Scapin, um guisado de moral doméstica e solturas da rua do Ouvidor..."*(ASSIS, 1994 v.3 p.394)

Há de se perceber entretanto, que exige de si próprio uma observação exata dos fatos, convicção que vai se esmaecendo ao longo de sua carreira como cronista, até desaparecer

completamente em *A Semana*, em que afirma que a crônica não é um noticiário obrigada a repetir o que o leitor já soube pelas folhas durante a semana. (02/02/96). Na maturidade, sua crônica tem a liberdade na medida do cronista.

> *Eu, quando vejo um ou dois assuntos puxarem para si todo o cobertor da atenção pública, deixando os outros ao relento, dá-me vontade de os meter nos bastidores, trazendo à cena tão somente a arraia-miúda, as pobres ocorrências de nada, a velha anedota, o sopapo casual, o furto, a facada anônima, a estatística mortuária, as tentativas de suicídio, o cocheiro que foge, o noticiário, em suma.*
>
> *É que sou justo, e não posso ver o fraco esmagado pelo forte. Além disso, nasci com certo orgulho, que já agora há de morrer comigo. Não gosto que os fatos nem os homens se me imponham por si mesmos. Tenho horror a toda superioridade. Eu é que os hei de enfeitar com dois ou três adjetivos, uma reminiscência clássica, e os mais galões de estilo. Os fatos, eu é que os hei de declarar transcendentes; os homens, eu é que os hei de exclamar extraordinários.(*ASSIS, A Semana GazNot 10 de jul.1892)

Do texto acima se depreende de que forma tênue,na época de *A Semana*, estava Machado ligado ao jornalismo, tal qual o conhecemos hoje. Não importava se o fato era o mais relevante, era sua a medida dos fatos e não dos fatos em si. Sua função não era informar, mas comentar, buscar outros ângulos de observação, costurar com fatos menores, dar importância ao que lhe era importante, resumindo: fazer ficção em cima da realidade até onde essa lhe aprouvesse.

A atividade de cronista era uma preocupação constante para o criador de Capitu. Desde os primeiros tempos em *O Espelho* já havia mencionado a dificuldade em se escrever crônicas todas as semanas, mesmo quando não houvesse assunto relevante a ser tratado. É a mesma angustia a que se referem outros escritores que têm de escrever com ou sem inspiração, com ou sem assunto, com ou sem vontade. E talvez seja dessa obrigatoriedade, que nasça o grande escritor, pois de quantidade tira-se qualidade, além de criar o hábito, pois a atividade solitária de um autor, os obstáculos que enfrenta para criar algo original em

forma e conteúdo, são fatores desestimulantes e que já devem ter afastado das letras muitos postulantes.

Assim, se o ficcionista Machado pode ter deixado de escrever muitos livros que pretendia pelos mais diversos motivos, como falta de tempo ou preguiça, o cronista não contava com as mesmas desculpas. O jornal tinha data certa para ganhar as ruas e um espaço em branco estava reservado para receber um texto, que fosse até de qualidade duvidosa, o que no caso de Machado era coisa rara, mas seja com for, bem ou mal a pena tinha de trabalhar. E com Machado temos a nítida impressão que ela trabalhava em dobro. Não porque ela escrevesse dois textos no lugar de um, mas porque o texto machadiano sempre permitiu duas leituras: a primeira, a da superficialidade para o leitor desatento que corre os olhos e a segunda para o leitor bem informado que enxergava nas entrelinhas. Não nos parece possível que Machado chegasse a este resultado de forma intuitiva, mas é possível perceber um trabalho de cuidadosa carpintaria literária, mesmo que ele gostasse que o leitor pensasse ao contrário, pensasse que sua atividade tinha muito mais de mexerico do que de literatura:

> *Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânia das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.* (ASSIS, 1994 v.3 p.370)

Machado apesar de sempre diminuir a importância das crônicas, referindo-se a elas como material leve, sem compromisso, se trai algumas vezes, mostrando como a crônica poderia ser perene e ter interesse anos e anos depois de escrita: Mais do que isso. Entendia que a crônica era o retrato de uma época e por isso tinha importância histórica. "

> *Diz-me alguma coisa, que os livros e folhetos desta espécie hão de ser lidos com grande avidez, lá pelos anos de 1980, e ainda mais tarde, se Deus lhe*

> *der vida e saúde. A história estuda-se em documentos assim, não preparados, mas ingênuos e sinceros; é deles que se pode sacar a vida e a fisionomia de um tempo." (ASSIS, 1998 p. 123)*

Lendo apenas suas crônicas, um estudioso pode ficar sabendo da resistência que os brasileiros tiveram à imigração chinesa, os chins, como eram chamados, o que não consta normalmente dos livros de história do ensino fundamental ou médio. Saberá do quanto se morria no século XIX, em virtude do aviamento errado de receitas de remédios. Perceberá com surpresa, como os nossos primeiros políticos se pareciam com os atuais em questão de trabalhar tão pouco e legislar em benefício próprio. Acompanhará como o jogo do bicho se alastrou pelo Rio de Janeiro e perceberá como sua aceitação foi tranqüila em qualquer camada da sociedade, o que o levará a compreender a influência que os "bicheiros" têm hoje na vida carioca. Acompanhará as dificuldades que a República enfrentou para se instalar e as modificações que o progresso ia trazendo a Corte, enfim, lendo as crônicas machadianas, descobrirá melhor e de uma forma infinitamente mais prazeiroza, a construção da cidade e do povo brasileiro.

Para Machado, ser cronista era ser um "pedreiro literário", um trabalhador árduo da palavra, com a missão de informar, ensinar, comentar, denunciar, despertar a população para os fatos, os grandes e os pequenos enganos de todas as esferas da vida, desde a política, a economia, até os fatos comezinhos do dia a dia, por isso que a sua maneira de construir a crônica fez escola, influenciou o jornalismo e a literatura, e chegou até os nossos dias.

4.2 Gazeta de Notícias, um jornal inovador

> *"...os dois maiores acontecimentos dos últimos trinta anos nesta cidade foram a Gazeta e o bonde."*
>
> *(MA A Semana GazNot 06 ago.1893)*

Além de um leitor costumeiro, como já lembramos nesse trabalho inúmeras vezes, Machado foi durante toda sua carreira colaborador de vários periódicos, como *Jornal das Famílias*, *Diário do Rio de Janeiro*, *O Futuro* e tantos outros, mas foi na *Gazeta de Notícias* que permaneceu por mais tempo.

Instalada na rua do Ouvidor e dirigida por José Ferreira de Souza Araújo, (25/03/1848-21/08/1900) também autor de contos e cronista que usava os pseudônimos de Lulu Sênior e José Telha, a *Gazeta* começou a circular em 2 de agosto de 1875, apesar de em vários livros de literatura aparecer a data errada de 1874. . Era o primeiro jornal a ser vendido avulso na rua, independente de assinantes como os outros. Era realmente um jornal barato, popular, que era vendido a 40 réis enquanto, por exemplo, o *Jornal do Comércio* era vendido a 100 réis. É preciso entender a importância para o jornalismo da mudança que a Gazeta operou. Não era apenas o fato de ser popular ou barato, mas a linha editorial que era completamente diferente dos periódicos de então.

É preciso lembrar que os jornais apareciam e desapareciam com facilidade nesta época, o próprio Machado lembrou em crônica que parecia haver uma folha por rua, dos mais variados tipos, como se toda a gente sentisse necessidade de dizer coisas aborrecidas, atacar alguém ou ensaiar vôos poéticos. (01/11/96)

Quanto à *Gazeta de Notícias*, Machado em crônica de 1893, lembra que ela e o bonde nasceram praticamente juntos no Rio de Janeiro. Uma comparação escolhida a dedo, já que o bonde era sinônimo de modernidade

> *O bonde foi posto em ação, e a Gazeta veio no encalço. Tudo mudou. Os meninos, com a Gazeta debaixo do braço e pregão na boca, espalhavam-se por essas ruas, berrando a notícia, o anúncio, a pilhéria, a crítica, a vida,*

em suma, tudo por dois vinténs escassos. A folha era pequena; a mocidade do texto é que era infinita. A gente grave que, quando não é excessivamente grave, dá apreço à nota alegre, gostou daquele modo de dizer as coisas sem retesar os colarinhos. A leitura impôs-se, a folha cresceu, barbou, fez-se homem, pôs casa; toda a imprensa mudou de jeito e de aspecto." (ASSIS, A Semana GazNot 06 ago.1893)

Machado vai além e diz (vide epígrafe) que o bonde e a Gazeta foram os principais acontecimentos dos últimos 30 anos do Rio de Janeiro. Anos depois, em 1897, no editorial de aniversário do jornal, Ferreira Araújo, seu editor, expressa o que a Gazeta significou para o jornalismo e para a cidade, rememorando os primeiros tempos:

...Começamos sem pretensões e quase sem programa. Queríamos fazer uma folha diversa do que então havia, e que eram de um lado o Jornal do Comércio, sério e grave, não se envolvendo em polêmicas, sempre sistematicamente posto ao lado do governo, por amor da ordem, e do outro, folhas partidárias, com todas as suas paixões mais ou menos violentas, mais ou menos intolerantes.

Queríamos ser, e fomos, e temos sido imprensa neutra. E entendemos sempre essa neutralidade, não como indiferença pelas questões políticas, mas como indiferença pelos partidos. Estivessem no governo conservadores ou liberais, atacávamos os atos que nos pareciam maus, aplaudíamos os que julgávamos bons.

...E sobre os moldes da Gazeta fundaram-se outros jornais...

Foi-nos possível manter sempre a linha da neutralidade? Não foi. A abolição do elemento servil impôs-nos outro modo de proceder, porque a questão apaixonou-nos. Foi na Gazeta de Notícias que José do Patrocínio iniciou a última e gloriosa época dessa campanha que durou cerca de dez anos e que ele foi herói. A estabilidade desta casa chegou a ser ameaçada, mas tínhamos a fé e fomos até o fim...

...Há, porém, uma certa satisfação em olhar para o caminho percorrido e ver que entre os nossos erros não houve um só voluntário e que, se muitas

qualidades nos faltaram, a sinceridade nunca nos faltou.(ARAÚJO, GazNot 02 ago. 1897)

A *Gazeta de Notícias*, ao contrário dos jornais da época, nascia independente e desvinculada de um partido político, ou seja, não era apenas mais um jornal, mas uma forma completamente diferente de fazer jornalismo, e por isso fez escola. A imparcialidade até hoje é uma busca dos jornais sérios e se iniciou no Brasil, justamente com a *Gazeta.*

Em 1888, com 24.000 exemplares, já era um dos três jornais mais importantes do Rio, junto com o *Jornal do Comércio* e com *O País.* Anos depois, fazia a crítica da efervescente vida mundana da época, descrevendo a vida elegante da Capital Federal em colunas como o "Binóculo" de Figueiredo Pimentel, que aplaudia as inúmeras transformações pelas quais a cidade passava com a frase "O Rio civiliza-se".

Machado de Assis começou a escrever esporadicamente para a *Gazeta* em 1881, mas em 02 de julho de 1883, sob o pseudônimo de Lélio inicia sua participação na seção de crônicas *Balas de Estalo* que havia se iniciado alguns meses antes (03 de abril de 1883) juntamente com outros colaboradores como Lulu Sênior(Ferreira de Araújo), José do Egito(Valentim Magalhães), Blick(Capistrano de Abreu), João Tesourinha(Francisco Ramos Paz), Zig-Zag(Henrique Chaves) e outros que infelizmente ainda não foi possível identificar. A participação de Machado na referida série vai se encerrar em 22 de março de 1886, mas as *Balas de Estalo* continuam até o começo de 1887.

Também em 1886, como João das Regras escreve sete crônicas numa seção chamada *A + B*, e de 01 de novembro de 1886 a 24 de fevereiro de 1887, manteve Machado na *Gazeta*, sob o pseudônimo de Malévolo, uma seção de crônicas em versos chamada *Gazeta de Hollanda* com 48 artigos em quadra. De abril de 88 a agosto de 89, as crônicas *Bons Dias!* , e mais tarde em 24 de abril de 1892 inicia sua última seção de crônicas *A Semana* que dura até 28 de fevereiro de 1897, com dois artigos esporádicos em 1900, totalizando cerca de 500 crônicas. Ainda de 1881 a 1895 escreve dezenas de contos para a *Gazeta.*

Uma colaboração de quase 20 anos em um jornal significava que Machado se identificava com a linha editorial seguida pelo periódico, além de obviamente ter encontrado ali, espaço e liberdade para conseguir expor suas idéias. Na verdade, a *Gazeta de Notícias*

não tomava partido político, como ficou bem claro com o editorial acima, o que combinava com a personalidade cautelosa de Machado, que assim escreveu quando o jornal completou 20 anos:

> *Completou os seus vinte anos. Vinte anos é alguma coisa na vida de um jornal qualquer, mas na da Gazeta é uma longa página da história do jornalismo. O Jornal do Comércio lembrou ontem que ela fez uma transformação na imprensa. Em verdade, quando a Gazeta apareceu, a dois vinténs, pequena, feita de notícias, de anedotas, de ditos picantes, apregoada pelas ruas houve no público o sentimento de alguma coisa nova, adequada ao espírito da cidade.*(ASSIS, A Semana GazNot 4 ago. 1895)

Moderno para o seu tempo, o periódico sempre buscava nos acontecimentos diários uma nota sensacional, algo que prendesse o leitor, além de dar todas as notícias num tom mais dinâmico que o habitual para a época. Sempre buscando inovar, no aniversário de 21 anos a Gazeta convida o público a ser seu repórter, mandando notícias que se fossem publicadas seriam pagas, uma excelente estratégia de marketing que previa frutos muito grandes:

> *Assim com o concurso do público, a Gazeta será o jornal mais informado das duas Américas e de maior circulação nos três...porque será descoberta, em breve, uma terceira só de leitores nossos, porque os milhões das duas não bastam. Tendo como repórter São Sebastião, quem poderá conosco?* (AUTOR DESCONHECIDO, GazNot 02 ago 1896)

Também nessa mesma data, aparece na primeira página do jornal, no alto, à direita, *O Filhote*, uma folha dentro da outra folha, com a mesma estrutura, só que em miniatura. Lendo-se os jornais nos dias seguintes, é comum encontrar anúncios que apregoavam o lançamento de *O Filhote* para breve. (vide anexos p. 158 e 159) O que se conclui é que *O Filhote* deveria tornar-se um outro jornal, mais leve, mais satírico, e que nascendo assim junto com a *Gazeta*, ia acostumando o leitor com sua presença. Mas tememos que seu lançamento independente jamais tenha ocorrido. Em meados de maio de 1897, ele também desaparece da primeira página da *Gazeta*.

Essa coragem de ousar, de fazer diferente é que mantinha o periódico na dianteira da imprensa carioca da época. Porém, completamente diferente dos jornais atuais, a *Gazeta*, bem como seus contemporâneos, não tinha uma boa organização com editorias bem definidas. Havia algumas seções fixas que se repetiam diariamente, mas era comum se ler uma notícia de morte, em seguida uma poesia, depois um discurso do senado, assuntos completamente diferentes, uns após os outros, apenas com os títulos os separando, tudo, muitas vezes, na mesma coluna e sem qualquer diferenciação entre ficção e realidade, literatura e jornalismo se mesclavam. Mas isso talvez não fosse um grande problema para o leitor do século XIX, que estava acostumado com esta estrutura e que sem televisão, rádio, internet, tinha no jornal seu único veiculo de comunicação, além de bastante tempo para folheá-lo e lê-lo de cabo a rabo.

Foi esse veículo, com certeza um dos mais importantes na história do jornalismo brasileiro, que certa época conseguiu reunir entre seus colaboradores Eça de Queirós, Raul Pompéia, Capistrano de Abreu, Eduardo Prado, Olavo Bilac e o próprio Machado de Assis entre outros escritores de prestígio, graças principalmente à capacidade do jornalista Ferreira de Araújo de agregar nomes de peso. Apesar de formado em medicina, o carioca Ferreira de Araújo era um jornalista nato, que mesmo não tomando posições claramente políticas, tomava posições sociais, participando ativamente com seu veículo nas campanhas da abolição e da liberdade religiosa. Como já dissemos, foi na *Gazeta* que José Carlos do Patrocínio começou sua campanha. Essa era uma época que o jornal tinha "a cara do dono", ou seja, o dono o influenciava de forma profunda, escrevia constantemente, artigos, notícias, crônicas e a *Gazeta* só foi diferente dos outros jornais devido à figura de Ferreira de Araújo.

> *A imprensa em conjunto não procura orientar a opinião por um caminho bom ou mau; ela não é um guia, nem compreende sua função educadora; ela abandona o povo à sua ignorância e à sua apatia...A Gazeta de notícias é muito diferente; sua imparcialidade não consiste em registrar passivamente os acontecimentos; tem como redator chefe o dr. Ferreira de Araújo e nisso está a sua força. O dr. Araújo é um excelente jornalista; julga homens e coisas com condescendente ironia; escreve com precisão, elegância e sobriedade raras; coloco-o nessa elite de brasileiros muito cultos, muito superiores a seus concidadãos...Nas questões que debate, sua*

> *opinião é em geral decisiva. Talvez seja o único em seu jornal e no seu país, a ter uma idéia justa da verdadeira missão do jornalista, mas, sozinho, não conseguirá levar a cabo a tarefa*"(LECLERC, 1942, p.162)

Além da missão de informar com neutralidade, era comum observar nas páginas de *A Gazeta*, uma certa participação em áreas menos favorecidas da sociedade. Era comum, por exemplo, o relato de esmolas que a *Gazeta* recebia de seus leitores, para que o periódico as distribuísse aos pobres. É claro que se o doador era conhecido, saía publicado o montante em dinheiro e o seu nome, e quem quisesse aparecer, ou fazer bonito, era muito melhor mandar ao jornal, do que distribuí-lo pessoalmente, mas há um grande número de avisos de esmolas apenas com o valor e o doador anônimo. *A Gazeta* tinha vários necessitados cadastrados e para eles distribuía o que lhe era enviado.

Nos anos de nossa análise, (1892-1900) o jornal era em formato standard com apenas 4 ou 6 páginas. A edição dominical, com mais anúncios, era sempre um pouco maior, 8 páginas, e as ilustrações com bico de pena ainda eram pouquíssimas. Normalmente apenas quando havia um perfil de alguém importante como um artista (homem ou mulher) ou de algum político, ilustração esta, que vinham sempre na primeira página, mas sem dia certo.

O preço dessa época era de 100 réis e a tiragem de 40.000 exemplares, se bem que num artigo intitulado *O Retrato* de 04/05/1896, a autora mencione que a *Gazeta* tinha 500.000 leitores, o que deve ser uma brincadeira já que o artigo todo é irônico e refere-se a um desenho seu que havia saído anteriormente, na qual ela estava muito feia, pois mesmo acreditando-se que cada jornal era lido por mais três pessoas, o número de leitores não ultrapassaria os 160.000.

Algumas seções eram fixas, outras não. O curioso é que logo no início, no alto, do lado esquerdo da primeira página havia o "expediente", que diferente do expediente do jornalismo moderno, que traz os nomes da equipe dos principais jornalistas que fazem um jornal, era apenas um aviso sobre assinaturas. Aliás, a falta de expediente, faz com que não saibamos os autores de muitos artigos anônimos ou assinados sob pseudônimo. Também no cabeçalho não havia o nome de nenhum responsável, nem em qualquer outro lugar do jornal.

Assim se dividiam as seções:

- *Telegrammas* (vindos de diferentes estados ou de outros países, traziam notas bem curtas sobre fatos importantes como política.)

- *Questões do Dia* (assuntos que se seguiam durante vários dias, como por exemplo, a questão do divórcio.)

- *Boletim do Congresso* (o relato do que acontecia no Congresso)

- *Os Jornaes de Hontem* (comentários do que os principais jornais noticiaram na véspera.)

- *Gazetilha* (coluna social com notícias de aniversários, chegadas ao país, falecimentos, casamentos, inaugurações, festas, etc..).

- *Avisos* (de todas as espécies)

- *Publicações a Pedido* (seção feita pelo leitor)

- *Edital*

- *Notas Soltas* (sobre qualquer matéria)

- *Folhetim* (romances publicados em partes, todos os dias)

- *Tiro ao alvo* (seção de charadas)

- *Loterias* (resultados de vários estados, só não saía às segundas-feiras)

- *Às Quintas* (crônica de Lulu Senior que mesmo com esse título, podia sair em outro dia da semana. Era um espaço, em que o dono da *Gazeta* comentava sobre tudo.)

- *Artes e Manhas* (crônica do mesmo autor que saía normalmente aos sábados no rodapé da 1ª página em que Ferreira de Araújo se ocupava sobre arte, principalmente sobre música e teatro.)

- *A Semana* (crônicas de Machado de Assis que saía sempre na 1ª página e aos domingos. É visivelmente o local mais nobre do periódico.)

- *Parte Comercial* (traz entradas e saídas dos navios, ofertas da bolsa, mercado de câmbio, vendas da bolsa, vapores esperados e vapores a sair, mercado de café.)

- *Dizia-se Hontem* (notícias curtas da véspera)

- *Cousas Políticas* (sai na 1ª página em alternância a Questões do Dia, mas só na segunda- feira, e também era escrita por Ferreira de Araújo)

Também curiosa é a seção *A Pedidos*, pois nada mais era do que uma publicidade ou uma ingerência do leitor na linha editorial do veículo. Não era como a seção de cartas, via de regra assinada, mas um texto produzido pelo leitor. Qualquer um podia escrever para o jornal e pedir a publicação de um anúncio, por exemplo, de um medicamento, garantindo que o referido havia lhe curado de algum mal, ou simplesmente falando mal de alguém. Como a curiosidade humana em qualquer época é sempre grande, ocorria que a tal seção era muito lida pela população, e nem sempre o que trazia correspondia à verdade.

> *Desmoralizou-se a imprensa com a publicação, em suas colunas ineditoriais, sob o título de A pedidos, de libelos infames, de ataques anônimos contra personagens públicas ou privadas e instituições, publicações essas pagas pelos interessados, entre os quais a polícia se encontra não raro. Não insisto nesse ponto desagradável; mas os brasileiros devem ter em vista que esse recanto mal afamado dos jornais, onde o leitor, levado por uma curiosidade malsã, deita o olhar em primeiro lugar, é um ponto gangrenado do corpo social; é preciso extirpá-lo a ferro e fogo*". (LECLERC, 1942. p. 16)

Quanto à parte comercial, todos os dias havia vários anúncios, apesar de predominarem aos domingos. "*Os dois maiores jornais brasileiros, o Jornal do Comércio e a Gazeta de Notícias, realizam excelentes negócios; têm tantos anúncios que, não lhes bastando a terceira e quarta páginas, dedicam-lhes um suplemento*". (SODRÉ, 1966 p. 289)

Os anúncios mais comuns eram aqueles de loterias, remédios, grandes liquidações e teatro (vide anexos p. 165 a 168). O pitoresco é que eram comuns os anúncios de remédios com testemunhos de ex-doentes que usaram determinado produto e ficaram bons, de doenças até constrangedoras como tísica ou gonorréia (vide anexo p. 169). Além da parte dos

anúncios explícitos, dos *A pedidos*, também a parte dos *Avisos* era feita de publicidade, o que correspondia a 50% do jornal. A própria *Gazeta* anunciava seus serviços de gráfica e também seu "Almanak", um livreto com informações de interesse geral, receitas, parte recreativa, anedotas e o horário das estradas de ferro do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Os produtos à venda, os mais comuns em nossas propagandas atuais, já naquela época começavam a dar os primeiros passos. Em 14/07/1896 encontramos um anúncio de Farinha Láctea e Leite Condensado Nestlé, os mesmos produtos comercializados até hoje.

Quando se fala em anúncio, uma variante comum a vários grandes jornais da época era o uso de caricaturas e manchetes, então uma novidade, além de vários escritores famosos redigindo os textos. Olavo Bilac escreveu reclames para o xarope Bromil, Emilio de Menezes fazia sonetos louvando marcas de cerveja e Bastos Tigre fazia propaganda da Cantina Roma, com a frase famosa; "Quem tem boca vai a Roma."

Os anúncios de teatro eram numerosos em qualquer dia da semana, inclusive segundas e terças, e chamavam o público para espetáculos no mesmo dia. Em relação ao teatro, é interessante como a Gazeta procedia. Primeiramente, ela publicava sua crítica a algum espetáculo teatral e depois de algum tempo, quando vários jornais também já haviam analisado o mesmo espetáculo, ela colocava a *Opinião da Imprensa*, quando então eram publicadas as críticas ou os resumos das críticas da própria *Gazeta* e do *Jornal do Comércio*, de *O Paiz*, do *Liberdade* e do *Jornal do Brasil*. Desta forma, o leitor podia comparar várias opiniões, o que deveria ser um expediente a ser seguido pela imprensa de nossos dias.

Os Folhetins dessa época eram diários como "*O Dedo de Deus*" , "*Irmã Ângela*" *e* "*O Remorso de um Anjo*", em 1894, que foram histórias mais curtas, ou "*Mortas e Vivas*", de Charles Merouvel, que dura praticamente todo o ano de 1896 e só vai se encerrar em 21 de novembro com 235 capítulos, uma verdadeira novela, que só ganhava as primeiras páginas às segundas. Nos outros dias da semana, ocupava sempre páginas internas (vide anexo p. 157). O folhetim que lhe substitui é "*O Rajah do Pendjab*" de Henri Lesongeur, e começa exatamente no dia seguinte, dia 22, o que demonstra a importância do folhetim naqueles

tempos, pois os jornais importantes sempre os traziam e não passavam um dia sem publicá-los.

Os cronistas que acompanhavam Machado nessa época na *Gazeta de Notícias*, além de Ferreira Araujo, eram Olavo Bilac, que usava o pseudônimo de Fantasio e Coelho Neto que assinava sob o pseudônimo Caliban, o qual só foi possível identificar graças a uma nota de Lulu Senior(Ferreira de Araujo) em sua coluna *Às Quintas* publicada em 29 de julho de 1896:

> *...E outra festa artística vamos ter em umas conferências que vai fazer, para expor o plano de sua obra literária de que o público vai ser editor, o meu amigo Coelho Netto, que começou ontem a constituir um terrível vizinho para os meus folhetins, escrevendo rodapés na Gazeta às quartas-feiras.*

Todos esses cronistas escreviam nos rodapés e é possível perceber que há uma pequena diferenciação feita pelos próprios autores, dos folhetins que ocupam o rodapé, da crônica de *A Semana*, escrita por Machado e que vem junto às notícias. Não havia o uso indistinto das duas palavras. A crônica era considerada mais séria que o folhetim, apesar de estruturalmente serem praticamente a mesma coisa.

Olavo Bilac deixa isso bem claro em crônica de 14 de março de 1897 quando substitui Machado:

> *Quis o destino que o mestre, a quem a Gazeta de Notícias devia A Semana, aqui não estivesse agora para dizer naquele estilo que é a glória maior de nossa literatura, o que foram estes dolorosos sete dias de luto e cólera, - bandeiras em funeral, olhos ainda marejados de lágrimas, almas ainda fervendo na sede da desafronta...Naquele estilo conciso, que tem a nitidez e a precisão de uma gravura de Goupil, é que ficaria bem a narração da grande desgraça...Mas o mestre descansa, doente. E quem vem substituí-lo sai das baixas e fúteis regiões do Rodapé, em que é permitido ser prolixo e inconseqüente, leviano e paradoxal.(BILAC, GazNot 14 mar 1897)*

Rodapé era também o nome da coluna que Bilac assinava como Fantasio (vide anexos p. 162 e 163). Dessa forma, verificamos que a crônica deveria ser séria e por isso

vinha junto às notícias, já o rodapé(não estamos nos referindo apenas à coluna de Bilac) não tinha essa obrigação. Bilac também cita o fato de Machado estar doente, o que o levou a abandonar a coluna de *A Semana*, mas se apenas a doença fosse a razão, assim que se sentisse melhor deveria voltar, pois era essa a intenção do próprio Ferreira Araújo, que na sua primeira crônica na seção *Às Quintas* depois da saída de Machado comenta:

> *...E, para fechar, tenho uma coisa abracadabrante. Parece esquisito que seja preciso explicar o que Machado de Assis escreve, no entanto, houve quem lesse em seu artigo de domingo último que o mestre da palavra escrita em nossa terra deixava esta folha. As palavras de pesar com que o fato era comentado revelaram uma certa satisfação que muito nos lisonjeia, mas eu é que não posso deixar de quebrar-lhe a castanha na boca. Machado de Assis está adoentado, fatigado, com dois ou três meses de repouso fora desta cidade em que se trabalha sem cessar trezentos e sessenta dias no ano, estará restabelecido e virá de novo ocupar o lugar em que ninguém o pode substituir.(ARAUJO, Ferreira. Ás quintas GazNot 04 mar. 1897)*

Ora, isso jamais aconteceu. Machado não voltou para *A Semana*. Não podemos esquecer que na época da sua saída também Ferreira de Araújo estava doente, e lendo as crônicas do dono do jornal, percebemos que ele estava ausente do trabalho, já há algum tempo, se tratando, mantinha apenas as suas colunas que vão inclusive desaparecer por quase dois meses, em agosto de 97. Outra pessoa deve ter assumido o seu lugar e deve ser a este substituto e não ao amigo Ferreira de Araújo que Machado alude em sua penúltima crônica, quando diz do tecelão, *"aquele que compõe os fios de outra maneira." (ASSIS, A Semana. GazNot 21fev. 1897*) É difícil descobrir quem foi esta pessoa. Sabemos que quando Ferreira de Araújo morre, quem passa a dirigir o jornal é Henrique Chaves, que estava com ele desde os primeiros tempos da Gazeta, mas nessa época não há qualquer menção ao nome de Chaves.

Por Machado não ter voltado ao seu posto, mesmo Ferreira de Araújo tendo garantido que o faria, assim que estivesse melhor, tendo também substituído Bilac por duas únicas crônicas em 1900 e mesmo assim, mais uma vez não tendo reassumido em definitivo a coluna que era sua, é que acreditamos que algo deve ter acontecido que desagradou Machado e o impediu de continuar fazendo crônicas para *A Gazeta*, ou então, já estivesse tão

envolvido com os afazeres da Academia Brasileira de Letras que não sobrasse mais tempo para as crônicas.

Por outro lado, estamos convencidos que *A Semana* não poderia ter saído em outro periódico a não ser na *Gazeta*. Politicamente correta, de alto nível, apegada à causas sociais, mas desvinculada a qualquer partido, apregoando neutralidade, dando a Machado há muitos anos sua devida importância, reservando-lhe seu espaço mais nobre, primeira página de domingo na seção das notícias, longe do rodapé, a *Gazeta* foi o veículo que possibilitou a existência dessa série de crônicas.

4.3 A evolução do cronista

> *"No verdor dos anos é natural não acertar logo com a feição própria e definitiva, bem com seguir a um e a outro, conforme as simpatias intelectuais e a impressão recente."*
>
> (MA, A Semana GazNot 27 out.1895)

No segundo semestre de 1859, uma revista de literatura, modas, indústria e arte aparece no Rio de Janeiro pelas mãos de Paula Brito. Circulava aos domingos e trazia figurinos impressos a cores na Europa. Infelizmente o veículo chamado *O Espelho*, não dura muito, apenas de 4 de setembro de 1859 a 1° de janeiro de 1860, parcos quatro meses. Seria mais uma das milhares de publicações que aparecem e desaparecem todos os anos no Brasil desde a criação da imprensa, em 1808, não fosse o fato de um jovem de 20 anos à época, começar ali sua carreira de cronista. Estamos falando, claro, de Machado de Assis.

O *Espelho* era a oitava publicação da qual Machado participava, havia começado em 1855 na *Marmota*, mas como cronista estreava com a seção *Aquarelas* e assinava como "M-as", a mesma assinatura que também usava em suas críticas teatrais na *Revista dos Teatros.*

Na redação de *O Espelho*, o jovem Machado fazia de tudo: crônicas, poesias e críticas teatrais. Esse período é importante na formação do escritor, dado ao grande volume de peças de teatro que tinha de assistir e às diversas funções que tinha a desempenhar. Quanto às crônicas, elas se iniciam em 11 de setembro e terminam em 30 de outubro, além de uma crônica publicada sob outro pseudônimo, Gil, chamada *As Gralhas Sociais.* A inexperiência do jovem cronista, levou-o a se repetir. Quase todas as oito crônicas relacionadas na edição de W.M. Jackson, dizem respeito ao mesmo assunto: a atividade literária. No mesmo dia 18 de setembro, Jackson relaciona duas crônicas: *O Parasita* e *Os immortaes*, o que significa que o cronista aparecia duas vezes na mesma edição e com o mesmo gênero literário, numa aparente necessidade da publicação de preencher espaço.

Machado inicia-se no mundo das crônicas, falando do fanqueiro literário, um tipo de escritor, preocupado mais com o bolso do que com a literatura, que coloca o talento para adular os ricos e importantes, à disposição de "obra grossa" como diz o cronista.

> *A fancaria literária é a pior de todas as fancarias. É a obra grossa, por vezes mofada, que se acomoda à ondulação das espáduas do paciente freguês. Há de tudo nessa loja manufactora de talento_ apesar da raridade da tela fina; e as vaidades sociais mais exigentes podem vasar-se, segundo as suas aspirações, em uma ode ou discurso parvamente retumbantes.* (ASSIS, 1950 v.20 p.9)

A crônica seguinte fala de outro tipo muito parecido: o parasita. Primeiro enfoca o parasita de forma geral para depois ater-se ao parasita literário. O próprio Machado o acha parecido com o fanqueiro: *"O parasita literário tem os mesmos traços psicológicos do outro parasita, mas não deixa de ter uma afinidade latente com o fanqueiro literário."* (ASSIS, 1950 v. 20 p.20) A diferença é que o parasita não estaria tão ligado ao dinheiro.

A quinta crônica enfoca O folhetinista em que já aparecem algumas idéias que viriam a se repetir em Machado ao longo de toda sua carreira como cronista. Note-se também na passagem abaixo, o destaque que o jovem escritor dá à política:

"O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal: salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política."(ASSIS, 1950 v.20 p.35)

A linguagem dessas crônicas é bastante rebuscada, muito diferente da simplicidade encontrada em *A Semana* e o tom também é mais moralista e imperativo, como num discurso, mas já há idéias que o tempo só fará solidificar. Estes textos de *O Espelho* vêm sendo classificados há muito tempo como crônicas, mas se sofressem uma atualização, seriam melhor enquadrados como pequenos ensaios.

É preciso ler todas as crônicas de *O Espelho* como uma coisa só. É o jovem Machado mostrando o caminho que seguiria no futuro, preocupado em mostrar o que pensava a respeito do papel do cronista. Não seria um fanqueiro literário e não seria um parasita

literário, pessoas que abominava. Seria um folhetinista com a possibilidade de escrever sobre todas as coisas, até sobre política, seria amado e admirado por todos, e que não pensassem que o ofício era fácil, pois muitas vezes seria um suplício, mas seria principalmente um folhetinista com cor local. E para completar, lembra a importância do veículo que transportaria as crônicas e no qual tinha orgulho de trabalhar: o jornal. Esse compromisso com a profissão se manteria por toda a vida, a ele Machado foi fiel.

Quando as portas de *O Espelho* se fecham, não é o fim do cronista que durante a década de 60 vai trabalhar em outros três veículos, no *Diário do Rio de Janeiro*, seu primeiro grande jornal, de outubro de 1861 a maio de 1862; no *Futuro*, jornal literário, de setembro de 1862 a julho de 1863; de volta ao *Diário* entre junho de 1864 e maio de 1865; e na *Semana Ilustrada*, um jornal humorístico que tem as *Crônicas do Dr. Semana*, em que vários escritores colaboraram sob esse mesmo pseudônimo, o que torna bastante difícil determinar quais as que realmente foram escritas por Machado, entre dezembro de 1861 e junho de 1864.

De perfil liberal, o *Diário do Rio de Jornal* era dirigido por Saldanha Marinho, auxiliado por Quintino Bocaiúva, que foi quem convidou Machado para o cargo de repórter e de cronista. As crônicas da primeira fase de colaboração do escritor para o periódico, eram muito presas ao noticiário. Tinham logo no cabeçalho os vários fatos ocorridos de que o cronista iria se ocupar em seguida, como nessa crônica de 10 de novembro de 1861 *"Vaga senatorial - Agências do correio - Companhia italiana: Norma - Compositores nacionais - Condecorações - Batuta - Associação de caridade - Aventura inglesa - Uma volta de artistas."*(ASSIS, 1950 v. 20 p.63*)* Essa estrutura rígida poucas vezes permitia que o cronista conseguisse costurar os variados assuntos, na maioria das crônicas, optava mesmo por tratá-los em separado, como grandes ou pequenas notas, pois era um grande volume de assuntos diversos, sem qualquer ponto em comum, completamente diferente das crônicas de *A Semana*, em que os assuntos ou fatos da semana são entremeados por questões de interesse do cronista, considerações, o que permitia criar um texto muito mais linear. O próprio autor já havia notado essa dificuldade na primeira crônica, quando ao passar de um assunto ao outro, observa: *"A obrigação de comentar leva-me a fazer transições bruscas."*(ASSIS, 1950 v.20 p.58) Ou numa outra crônica no final de 1961: *"Esta linha de pontinhos indica*

que vou passar a assuntos de outro gênero, para os quais não achei uma transição capaz."(ASSIS, 1950 v.20 p.90) Com o passar do tempo, Machado vai trabalhando mais livremente a crônica, mas como a estrutura de comentar muitos assuntos não se altera, as interrupções continuam a ocorrer.

Essas crônicas não se parecem com as que estamos acostumados hoje em dia, ou com as que Machado desenvolverá mais tarde, elas se parecem demais com notícias. Diria até que corresponderiam mais aos artigos assinados do que às crônicas, nos jornais modernos. O ficcional não aparece. Machado lista os principais acontecimentos, tentando absorver assuntos de ordem variada, como um ou dois de política, um de ordem cultural, comentário de uma peça, livro ou apresentação musical, se possível um de esporte ou de ciência e mais algum caso do cotidiano e os comenta, opinativo como qualquer articulista, mas tratados todos de forma séria, sem espaço para a brincadeira ou a fantasia.

Um fato raro na crônica machadiana, se encontra nesta série, tanto na primeira fase, quanto na segunda, que é a ofensa pessoal e nominativa, ou os ataques explícitos ao governo, ou ainda suas respostas à críticas. O jovem cronista diz, por exemplo, em 1861, com todas as letras, que o diretor da faculdade de medicina, em uma sessão pública e solene não havia tido consideração com o sexo feminino.

> *Se o bom do homem é retrógrado em ciência, em cortesia mostra uma simplicidade rústica, digna dos primeiros tempos da humanidade.*
>
> *E é senador, e é diretor de uma faculdade!*
>
> *Oú la science et la pairie von-t-elles se nicher!"*(ASSIS, 1950 v.20 p. 94)

Em 1864, defende-se da crítica feita por Silvio-Silvis, no jornal *A Imprensa Acadêmica de São Paulo*, à sua peça *"O Caminho da Porta"*, ridicularizando o jornalista paulista que o havia acusado de plágio. No ano seguinte, entra em polêmica com o Caturra da seções *A pedidos* do *Jornal do Comércio* que discutia a moralidade do conto *"Confissões de uma viúva moça"*, também de sua autoria. Esse tipo de atitude, aos poucos vai desaparecendo das crônicas de Machado mais maduro. Ele deixa de ser tão explícito, mas nem por isso foge de criticar, muito pelo contrário, aperfeiçoa seu texto usando de ironia e

jogando as carapuças para quem lhe servir se sentir ofendido, numa atitude muito mais elegante.

O cronista chega a última crônica dessa primeira fase em 5 de maio, na qual tudo indica que já sabia que deveria interromper sua participação no *Diário*, pois esta crônica tem uma estrutura bem diferente das demais, terminando-a com um verso, o que lembra muito o mesmo expediente usado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, muitos anos depois, durante a ditadura militar que colocava versos no lugar de matérias que haviam sido proibidas pela censura.

> *Era um dia...*
>
> *Não vou bem. Este exórdio dá ares de história de criança, dessas que eu ouvia à ama, nos tempos que lá vão, quando não me lembrava de fazer comentários, e nem de ser lido pelos leitores do Diário, no pressuposto de que sou lido.*
>
> *O que queria dizer, e que tão mal encabecei, era que havia há tempos uma revista semanal que eu publicava mais ou menos regularmente, comentando inocentemente as ocorrências notáveis de cada semana.*
>
> *Motivos que não entram no domínio do público interromperam por longas semanas a publicação dos Comentários que de novo tomo e por cuja regularidade respondo. Não será por falta de matéria que eu deixe de comunicar todas as segundas-feiras ao meu leitor a opinião que formar a cerca das ocorrências da semana anterior.*
>
> *Abrangendo o escrito, por sua natureza, muitos fatos e muitas esferas, à política cabe a parte principal, atenta à gravidade da situação e das questões a ventilar.*
>
> *Em um país onde as censuras da imprensa oposicionista se responde com a personalidade, não é por certo fora das câmaras que a vida política se pode manifestar."(* ASSIS, 1950 V.20 p.164)

Machado fala abertamente da censura e avisa ao leitor que não será por falta de assunto que deixará de publicar seus comentários e sim, tudo leva a crer, pela ação da

censura. Jean Michel Massa em *A Juventude de Machado* é da mesma opinião. Diz: *"Parece que Machado de Assis sofreu sanção por defender uma linha política que não era a do jornal"*(MASSA, 1971 p. 292) Mas que linha política seria essa?

Como já dissemos, Machado era monarquista, mas isso não o impedia de criticar desde a primeira crônica publicada no *Diário*, os ministérios. De forma muito clara, chamava-os de medíocres. Como essas crônicas muitas vezes substituíam o editorial, significava que tinham a responsabilidade de dar a linha editorial da publicação, o que as tornavam objeto de maior atenção por parte do governo.

> *Sua crítica não se dirigia apenas à gestão do gabinete, mas chegava até os princípios morais da política. Aí é que o sapato apertava.*
>
> *Desta forma, confirma-se o seu comprometimento. Algumas vezes o ataque era direto, pessoal. Machado citou nomes, entre outros o do Senador Herculano Pena, censurado diversas vezes. Pedia contas aos que se aproveitavam das missões de favor na Europa, sob pretexto de preparar a Exposição Internacional, planejada para se realizar em Londres em 1862. Desmascarou aqueles que o governo, violando disposições legais, favorecia secretamente..."*(MASSA, 1971 p. 300)

Machado atirava para todos os lados e ficava um pouco mais à esquerda do que o próprio jornal, daí a explicação para ter sua seção interrompida.

Ainda em 1861, Machado começa a escrever na *Semana Ilustrada* na seção *"Chronicas do Dr. Semana"*, que por se tratar de uma seção em que vários escritores escreveram sob o mesmo pseudônimo, torna-se impossível identificar com certeza, quais aquelas que realmente foram escritas por Machado. A coleção de Jackson Editores traz um número grande de crônicas atribuindo-lhes a autoria ao escritor, de dezembro de 1861 a 26 de junho de 1864, mas numa rápida leitura é possível perceber que são crônicas de estilos diferentes que não podem ter sido escritas pelo mesmo autor. Desta forma, não nos arriscamos a analisar as mesmas.

Entre 1862 e 1863, é em *O Futuro*, publicação que o autor de Dom Casmurro havia anunciado em crônica do *Diário*, como um veículo que ele acreditava duradouro, de trinta

páginas, quinzenal, sob a direção de seu amigo e mais tarde seu cunhado, F.X. de Novaes, que vamos encontrar as crônicas machadianas. Por mais que Machado chamasse estes textos de crônicas, eles são muito mais críticas, principalmente literárias ou de teatro, se bem que vez ou outra se voltasse para as artes plásticas e para a música.

A série começa com a famosa crônica em que conversa com sua pena.

> *Tirei hoje do fundo da gaveta, onde jazia, a minha pena de cronista...*
>
> *-...Antes de começarmos o nosso trabalho, ouve, amiga minha, alguns conselhos de quem te preza e não te quer ver enxovalhada...Não te envolvas em polêmicas de nenhum gênero, nem políticas, nem literárias, nem quaisquer outras; de outro modo verás que passas de honrada a desonesta, de modesta a pretensiosa, e em um abrir e fechar de olhos, perdes o que tinhas e o que eu te fiz ganhar." (ASSIS, 1950 v.20 p.313)*

Realmente o cronista não se envolveu em qualquer polêmica política, aliás, o assunto política, simplesmente não aparece nestes textos. Talvez a experiência do *Diário* que acabou culminando com a sua suspensão, tenha levado Machado a ser mais prudente, apesar ainda da pouca idade, 23 anos. Como já dissemos esta série se ocupa fundamentalmente da crítica cultural, que na maioria das vezes é formada por elogios a escritores, dramaturgos ou a suas obras. Vez ou outra, o cronista realmente se ocupa de apontar os pontos fracos de uma peça ou de um livro, e nestes momentos curiosamente Machado diz que não é crítico e que não faz crítica, que o que faz são apenas observações, praticamente tirando de si próprio, sua autoridade de comentarista. Por outro lado, uma novidade nesta seção é a crítica aberta ao clero, que não será encontrada em outras séries. O narrador chama o clero de "*tacanho e mesquinho.*" que *"nada enxerga para fora das paredes de sacristia"*. (ASSIS, 1950 v.20 p. 367), mas é em sua última crônica que faz a crítica mais agressiva aos homens da igreja:

> *Ponham a frente dos bispados, homens tais e verão como as coisas mudam e como começa uma era de regeneração.*
>
> *Repito, o que indigna hoje, não é só a intolerância, é o ridículo com que ela se apresenta, ridículo funesto aos verdadeiros interesses da igreja. E o que mais dói é ver que esta intolerância reside em um clero pela maior parte*

> *ignorante, sem prestígio, é verdade, mas também sem escrúpulos.(*ASSIS, 1950 V.20 p.407)

Machado talvez soubesse que seria esta sua última participação e deixou para o final, sua crítica mais importante, que não tem a arte como mira, mas o clero. Da estrutura desta série, cabe ressaltar a diferença entre estes textos e os que o escritor fazia anteriormente no *Diário do Rio de Janeiro*. Talvez por se ocupar predominantemente de teatro e literatura, constrói um texto mais solto, que mesmo com a obrigação de comentar os lançamentos em livros ou as estréias de peças, permite que a crônica flua e o tema, que acaba sendo praticamente único, a arte, não obriga a transposições bruscas.

Sua volta para o *Diário* acontece em 1864, onde assume a série *Ao acaso* que dura de 05 de junho deste mesmo ano a 16 de maio de 1865. Em 1867 retorna com *Cartas Fluminenses*, mas que têm apenas duas edições, ambas com destinatários, a primeira à Opinião Pública e a segunda à Hetaira. e segue na *Semana Ilustrada* de 1871 a 73, ainda sob o pseudônimo coletivo de Dr. Semana. De 1876 a 1878, Machado publicou suas crônicas sob o pseudônimo de Manassés, na revista *Ilustração Brasileira*, primeiro com o título de *História de quinze dias*, que depois foi alterado para *Histórias de trinta dias*, pois a revista havia passado de quinzenal para mensal e finalmente em *O Cruzeiro* durante 1878. Todas estas séries serão objeto de uma breve análise para que possamos traçar a evolução do cronista Machado de Assis. Mesmo que nossos estudos, como já dissemos anteriormente, não se aprofundem muito em cada série, pois não são elas o corpus de nosso trabalho, acreditamos ser fundamental traçarmos pelo menos um painel que seja possível acompanhar como foi a trajetória do escritor para que possamos entender de que maneira a crônica machadiana foi se alterando até chegar na série *A Semana*.

Depois de dois anos de afastamento, na volta ao *Diário do Rio de Janeiro*, a crônica ou folhetim de Machado ocupava o rodapé da primeira página e não podia mais ser confundida com o editorial, o que, como já dissemos, acontecia na primeira fase. Desaparece também a listagem dos fatos que deveriam ser comentados, dando com certeza, mais liberdade ao cronista. Logo no início da série já é possível perceber sua importância, pois na segunda crônica, Machado comenta que um senador havia feito uma retratação pública depois que na primeira crônica, Machado o havia criticado em virtude da afirmação que o

senador fizera ao dizer que os literatos não deveriam ter aspirações políticas. Não podemos nos esquecer que o cronista nesta época, tem apenas 24 anos, mas já tem o respeito das pessoas mais importantes da cidade.

Desta vez, Machado evita propositadamente a falar de política, pelo menos nos primeiros meses. Refere-se sempre apenas à política amena, ou seja, aquela que acontece em outros países ou que tratam dos fatos periféricos na política brasileira. Quando fala da invasão do México, comenta: *"Este acontecimento não podia deixar de entrar nestas páginas, a título de política amena."(ASSIS, 1950 v.21* P.20), ou *"Não tenho apontamento algum sobre política amena..."(*ASSIS, 1950 v.21 p.45) como também mostra a auto-censura a que se impunha. *"Também não se perde nada, visto que a semana foi das mais indigentes e frias – Política à parte."(*ASSIS, 1950 v.21 p.48) Depois deste aparte, se o leitor esperou que o narrador viesse falar de política, enganou-se, não há na crônica mais qualquer referência ao que havia acontecido durante a semana. A orientação claramente não política do início desta série pode ter sido uma decisão sua ou até mesmo imposta pelo Diário, já que anteriormente na primeira fase sua abordagem excessivamente política acabou causando problemas, mas em virtude de demonstrar um certo aborrecimento em não poder comentar fatos políticos, referindo-se sempre a tal "política amena" como um cinto que o tolhia, acreditamos que a orientação deva ter partido da direção do periódico.

De repente a série muda de tom e a política passa a disputar o mesmo espaço com os outros acontecimentos. Um tema preferido ainda do narrador é a crítica presente quase semanalmente à folha religiosa católica chamada *Cruz*. Machado chega mesmo a não disfarçar a irritabilidade que o jornal da Candelária lhe produz. Acusa-lhe de ferir o preceito católico, e ficar ostentado a caridade realizada, e de ser um verdadeiro suplício para o leitor. *"A Cruz é realmente cruz: serve para experimentar a fé dos católicos; se no fim de um mês de leitura, o católico não tem perdido a fé em que vive, - está livre de tornar-se herege..."(*ASSIS, 1959 v. 21 p.72)

Depois do treino realizado em *O Futuro*, o texto da série *Ao Acaso* já possui um grande avanço em termos de literariedade, fluindo de maneira mais agradável ao leitor. É claro que ainda é visível, em muitos momentos, a dificuldade do cronista em fazer a transição de assuntos, mas já é possível perceber que o cronista vai tomando consciência de

que pode tratar exatamente de tudo na crônica, inclusive de sua dificuldade ao escrevê-la. Ao demonstrar a consciência da linguagem fragmentária com a qual trabalha, vai aos poucos encontrando soluções para minimizar seus efeitos e incorporando ao seu discurso, recursos que vão desde versos a comentários ou lembranças.

Suas *Histórias de 15 dias* são divididas em partes, o que desobriga seu narrador de tentar fazer transições entre assuntos, muitas vezes inconciliáveis. Vez ou outra, começa a fazer uso de metáforas e da ambigüidade que será sua marca no futuro, mas ainda sente necessidade de explicá-la ao leitor. Neste momento da crônica, Machado ainda se incomoda com a possibilidade do leitor não entender suas intenções. Ao falar, por exemplo, das corridas de touros, novidade na cidade em 1877, aproveita para falar de outra corrida que acontecerá na Rua da Misericórdia, onde com certeza diz que os touros são mais bravos. O narrador poderia ter interrompido por aí seu comentário, mas completa " *Se esta metáfora ainda não disse ao leitor que eu aludo à Câmara temporária, então perca a esperança de entender de retórica e passe bem.* " (ASSIS, 1994 v.3 p.356)

As crônicas se mantém quinzenais até 01 de fevereiro de 1878, quando se tornam mensais, mas duram apenas mais três meses e então desaparecem. Machado anuncia a mudança e lembra ao leitor a dificuldade em falar sobre acontecimentos de um mês inteiro.

> *Assim como as árvores mudam de folhas, as crônicas mudam de título; e não é essa a única semelhança entre a crônica e a árvore. Há muitas outras, que não aponto agora por falta de tempo e de papel.*
>
> *O vaso é que quando eu cronicava a quinzena, tinha diante de mim (ou antes atrás) um espaço limitado, um período cujos limites podia ver com estes olhos que a terra há de comer. Mas trinta dias! É quase uma eternidade, é pouco menos de um século. quem se lembra de coisas que sucederam há quatro semanas? Que atenção pode sustentar-se diante de tão vasto período?*
>
> *...Um fato de trinta dias pertence à história, não à crônica..*
>
> *Digo isto, leitor amigo, para que, se alguma vez esta crônica te parecer mofada, fiques sabendo que a culpa não é minha, mas do tempo – esse velho*

> *e barbudo Chronos, que a tudo lança o seu manto de gelo." (ASSIS, 1950, v.22 p.301)*

Mais uma vez, o já previdente Machado, ao mesmo tempo que explica a mudança, se isenta de qualquer responsabilidade quanto à caducidade dos fatos narrados e comentados. Nesta mesma crônica, o narrador comenta o desaparecimento do jornal *Diário do Rio de Janeiro* e lhe faz elogios pela resistência de longos anos. Por outro lado, nas duas outras crônicas finais que se seguiram a esta, não anuncia o final da própria série.

Em *O Cruzeiro*, Machado, politicamente correto, inicia a série que se chama *"Notas Semanais"*, dizendo não estar a altura do seu antecessor, *Sic*, (que não nos foi possível identificar) afirmando que não tem, ou melhor, seu narrador (que possui o pseudônimo de *Eleazar)* não tem, os requisitos para ser um bom cronista, claro, que trata-se de modéstia e jogo de palavras, típicos de uma boa educação,e de um costume, exatamente como fará Olavo Bilac ao substituir Machado na série *A Semana*.

> *Há heranças onerosas. Eleazar substitui Sic, cuja pena, aliás, lhe não deram, e conseguintemente não lhe deram os lavores de estilo, a graça Ática, e aquele pico e sabor, que são a alma da crônica. A crônica não se contenta da boa vontade; não se contenta sequer do talento; é lhe precisa uma aptidão especial e rara, que ninguém melhor possui, nem em maior grau do que o meu eminente antecessor. Onerosa e perigosa herança; mas eu cedo à necessidade da ocasião.*
>
> *Resta que me torne digno, não direi do aplauso, mas da tolerância dos leitores (ASSIS, 1950 v. 23 p.9)*

Para alguém que já escrevia crônicas há mais de 20 anos, dizer que não possuía os *lavores de estilo*, é claro, um exagero. Uma maneira de agradar seu antecessor e com certeza, também os leitores, para que esses possivelmente não estranhassem a troca da pena e continuassem lendo a coluna.

Semanais, essas crônicas são mais longas do que as que Machado fará em outros periódicos, e também são divididas em partes, normalmente em número de 6 ou 7, que na maioria das vezes não tinham qualquer ligação entre si. Tratam de fatos diversos e as

primeiras da série possuem uma linguagem mais rebuscada, que vai se tornando mais simples ao longo dos meses. Curiosamente, não é a política, mas as novidades que chegam ao Rio que predominam como assunto das crônicas. Falam da inauguração de um rinque de patinação, das lutas de box, das corridas, de fatos corriqueiros do dia a dia da cidade. Quando assume um tom mais grave para falar de política, rapidamente volta atrás.

Lá ia eu resvalando neste declive das ponderações graves, que só a espaços, e ao de leve, podem ser lícitas a mais desambiciosa das crônicas deste mundo. Encerremos o período, leitor; e passemos a assunto menos crespo, um assunto de comestíveis." (ASSIS, 1950 v.23 p.160)

A ironia, embora de forma ainda tímida, começa a aparecer. O mais forte exemplo é quando fala da rua do Ouvidor, atribuindo-lhe justamente suas qualidades contrárias. Qualquer leitor da crônica conhecia a famosa rua, onde tudo acontecia , onde o mexerico era mais forte do que em qualquer lugar da cidade, e assim era capaz de identificar a intenção irônica do autor. *"Esta rua chega a irritar um homem pelo excesso de descuriosidade. Nenhum de seus transeuntes quer saber nada de nenhuma outra criatura humana; nunca ali circula o mínimo boato, e quando inventa alguma coisa é sempre um rasgo de virtude."* (ASSIS, 1950 v.23 p. 23) Desta vez o narrador não se detém em explicar a ironia.

Também em pouquíssimas ocasiões nesta série, o narrador se deixa levar pelo caminho da imaginação para abordar um fato, mas quando o faz, é um deleite para o leitor, e já se pode entrever toda originalidade daquela que será uma marca da crônica machadiana nos anos seguintes. Se o assunto era chato como o fato de quatro coletores de impostos terem surrupiado aos cofres públicos, lá vinha Machado, dando vida aos 20 contos de réis roubados, permitir que os próprios contassem sua trajetória ao abandonar os cofres e até acrescentar um final dramático à história, pois quando sugerido por um comerciante que retornassem as origens, um dos contos se recusou e se suicidou, ou seja, esse dinheiro jamais voltou ao tesouro. (ASSIS, 1950 v.23 p.90)

No *Diário do Rio de Janeiro* e no *Cruzeiro*, Machado desenvolveu grande atividade, mas é a *Gazeta de Notícias* que vai concentrar a maior parte de seu trabalho de cronista. Começou nesse periódico publicando contos, mas logo inicia junto com outros cronistas, a

série *Balas de Estalo*, sob o pseudônimo de Lélio, para logo depois tornar-se *João das Regras* e assinar diálogos que se repetiam, crônicas sobre fatos nacionais e internacionais na seção intitulada *A + B*, que dura menos de dois meses.

Em *Balas de Estalo*, série que se iniciou em 03 de abril de 1883, Machado só começará escrever alguns meses mais tarde, em 02 de julho, juntando-se a outros colaboradores como Lulu Sênior (Ferreira de Araújo) e entrando já na fase em que para evitar retaliações, as crônicas tornavam-se mais leves. E as balas que se julgava de artilharia passaram então a ser balas de confeiteiro, como lembra Heloisa De Luca na introdução de seu livro, que organiza a referida série.

A ironia machadiana já está presente em muitas dessas crônicas, a começar pelo pseudônimo que tem sobrenome: Lélio dos Anzóis Carapuça. Em 22 de julho de 1883 por exemplo, ao comentar duas emendas propostas por um deputado, uma para descontar daqueles deputados que não comparecessem às sessões e outra para diminuir o valor do subsídio, as quais foram, apesar de justas, claro, recusadas pela câmara, procura os argumentos mais esdrúxulos para justificar a atitude da câmara e desta forma, mostrar como já naquele tempo, os políticos legislavam a seu próprio favor.

> *O fato de não ir à câmara não quer dizer que não trata dos negócios públicos; em casa, pode fazer longos trabalhos e investigações. Será por andar algumas vezes na rua do Ouvidor, ou algures? Mas quem ignora que o pensamento, obra secreta do cérebro, pode estar em ação, em qualquer que seja o lugar do homem? A mais bela freguesa dos nossos armarinhos não pode impedir que eu, olhando para ela, resolva um problema de matemáticas. Arquimedes fez uma descoberta estando no banho.*
>
> *Mas concedamos tudo; concedamos que a mais bela freguesa dos nossos armarinhos me leva os olhos, as pernas e o coração. Ainda assim estou cumprindo os deveres do cargo. Em primeiro lugar, jurei manter as instituições do país, e o armarinho, por ser a mais recente, não é a menos sólidas das nossas instituições. Em segundo lugar, defendo a bolsa do contribuinte, pois, enquanto a acompanho com olhos, as pernas e o coração, impeço que o contribuinte o faça, e é claro que este não o pode*

fazer sem emprego de veículo, luvas, gravatas, molhaduras, cheiros, etc..."
(ASSIS, 1998 p. 45)

Já se nota pelo trecho acima como o texto desta série já deu um grande avanço em relação ás primeiras crônicas do autor. É um texto leve, coloquial, irônico, numa primeira tentativa de se aproximar do leitor, usando imagens comuns como a cena do armarinho.A liberdade de escrita permitia inclusive que Lélio brincasse com os outros cronistas em sua crônica como anunciando um duelo imaginário entre Lulu Sênior e Zig-Zag(Henrique Chaves). Por outro lado, notamos que ainda há nas crônicas dos primeiros meses de sua participação em 1883, uma certa dificuldade do escritor em costurar assuntos diversos, optando por interrupções bruscas. Característica que vai aos poucos desaparecendo, ganhando o texto em 1884, 85 e 86, a unidade que encontraremos em *Bons Dias!* e *A Semana.*

De um pouco de tudo se ocupava Machado em *Balas de Estalo*, mas principalmente de política. São críticas irônicas, mas contundentes ao trabalho da câmara, ou melhor dizendo, à falta de trabalho. Vire e mexe o cronista voltava ao assunto. Em crônica de 14/11/1884 aconselha a câmara a ter um "*grãozinho de bom senso*" e vai demonstrando como, ano após ano, a câmara repete os mesmos costumes e trabalha tão pouco.

Também já é possível em *Balas de Estalo*, encontrar os elementos, alguns ainda de forma tímida, que comporão o texto de *A Semana.* A personificação de animais que falam e dão conselhos, que conversam com o narrador, e que na maioria das vezes são mais sábios que os humanos, como o carneiro que quer ir receber dividendos de ações na crônica de 14 de outubro de 1884. Neste caso, o narrador apressa-se em explicar que pode ter sido uma "alucinação" sua, o tipo de explicação que não se repetirá em *A Semana.* Este uso da personificação de animais é uma clara referência a influência que sofreu de La Fontaine que é citado explicitamente em crônica de 17 de outubro de 1884 ..."*porque eu sou como La Fontaine...*"

O narrador Lélio diz que tem filhos, neta, sobrinho, tudo inventado, mas ainda não se sente suficientemente livre para abusar do elemento ficcional e criar crônicas distantes do noticiário. Uma rara exceção é a crônica de 21 de dezembro de 1884, na qual o narrador

recebe a visita de dois velhos, *Risum teneatis* e *Mirabile dictu*, que pedem para serem esquecidos, dada a freqüência com que tais expressões eram utilizadas àquela época.

Quando Lélio desaparece, chega João das Regras para apenas 7 breves aparições, em crônicas construídas sob a forma de diálogos.

Para a coluna *Gazeta de Hollanda*, 48 crônicas em verso, Machado transforma-se em Malvólio para poder dar à *Gazeta de Notícias* a oportunidade de fazer frente a seus concorrentes, já que *O Paíz* publicava folhetins rimados de Augusto Fábregas e o *Jornal do Comércio*, os de Oscar Pederneiras, demonstrando que era a moda da época. Essas crônicas não têm o mesmo valor que suas crônicas em prosa. Machado nunca foi um bom poeta e a dificuldade de se fazer versos em cima de fatos diversos do cotidiano exigia ainda mais, um talento que o cronista não dispunha.

Todas as crônicas começavam com a epígrafe: Voilá ce que l'on dit de moi

Dans la "Gazette de Hollande"

o que mostra a inspiração francesa da mesma. Repleta de trocadilhos de gosto duvidoso, fica evidente a dificuldade de Machado em encontrar rimas para suas gazetas. Apesar de ser inexplicável o que levou o já autor consagrado de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a produzir as tais gazetas, fica claro ainda aqui que não lhe faltava a auto-crítica necessária quando na gazeta de número 39 diz:

"Adeus, versos duros, frouxos

Sem inspiração nem graça,

Obra destes dias coxos

Furtados e sem chalaça"(ASSIS, 1950 v.23 p.427)

Ao encerrar a série em 24 de fevereiro de 1888, e substituí-la pela série *Bons Dias!* a partir de 5 de abril do mesmo ano, de qualidade infinitamente superior, Machado mostra-se mais à vontade para fazer aquilo que ele conhece tão bem e presenteia o leitor com uma de suas melhores séries, aquela que vai tratar de dois momentos históricos importantes, o fim

da escravidão e o período que antecede a república. Esta série funciona também como um ensaio de *A Semana*, já que suas estruturas são bastante semelhantes.

Na época de *Bons Dias!*, Machado já era um cronista conhecido e respeitado, mas era também um funcionário público de carreira que havia alcançado um bom posto, o que proporcionava a segurança econômica e social tão almejada pelo menino, mulato pobre, que somente com muito esforço conseguiu chegar onde chegou. Desta forma, Machado, apesar de constantemente falar de política nestas crônicas, era bastante cauteloso e não assumia posições que fossem contra o governo, mesmo não havendo censura como foi dito anteriormente. E assim o cronista ainda se "escondia" atrás de um personagem, Policarpo, que tinha uma personalidade completamente irônica e que por isso mesmo não podia ser levado a sério.

"Eu sou um pobre relojoeiro que, cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora, descri do ofício",(ASSIS,1994 v3 p.486) dizia Policarpo na primeira crônica da série para mais tarde completar que tornou-se escritor *"porque é mais fácil e vexa menos"*. Aos poucos Machado de Assis vai dando aqui e ali, características de seu personagem que ao mesmo tempo que se diz *"humilde"*, se atribui também ser *"educado"*, *"honesto"*, *"sem papas na língua"*, *"um homem de olho aberto"*, *"profundo"*, *"sagaz"*, *"esperto"*, *"desde menino, um primor de educação"*, *"precavido"* e *"sábio como Sócrates"*.

Além do uso do personagem-narrador e de tantas situações reais entremeadas de ficção, a série *Bons Dias!* também composta de 48 crônicas, tem tal unidade que quase podem ser lidas como um romance, o que não deve ter escapado a Machado de Assis, na época em que as escrevia ou anos depois, relendo-as.

Como já dissemos anteriormente, é sabido que as crônicas foram terrenos de experimentação de estilo e linguagem para o romancista, mas foram mais do que isso, funcionaram como um arquivo pessoal, onde Machado ia buscar fatos para rechear suas histórias. Nesse sentido, a série *Bons Dias!* é o melhor exemplo. Escrita ao calor de acontecimentos tão importantes na história brasileira, vão marcar o cronista que vai situar seus dois últimos romances *Esaú e Jacob* e *Memorial de Aires* justamente nessa época,

mesmo tendo-os escrito anos mais tarde. É o mais forte exemplo de intertextualidade aproveitando as crônicas de toda obra machadiana.

Machado de Assis começa a história de *Esaú e Jacob* com as duas irmãs, Natividade e Perpétua, indo consultar uma cabocla que lia a sorte, num lugar distante. Pela narrativa percebe-se que a consulta ou era proibida ou era mal vista pela sociedade:

> *Não tinham querido que o carro as levasse até ao principio da ladeira, para que o cocheiro e o lacaio não desconfiassem da consulta. Toda a gente falava então da cabocla do Castelo, era o assunto da cidade; atribuíam-lhe um poder infinito, uma série de milagres, sortes, achados, casamentos. Se as descobrissem, estavam perdidas, embora muita gente boa lá fosse.* (ASSIS, 1950 v.8 p.16)

O início criativo do romance na verdade foi inspirado por um fato real. Existiu realmente um caboclo famoso, como se fica sabendo lendo a crônica de 14 de junho de 1889. Nela, Machado se ocupa a falar dos curandeiros que, tal como se dá em *Esaú e Jacob*, eram discriminados:

> *Curandeiros, por exemplo. Há agora uma verdadeira perseguição deles. Imprensa, política, particulares, todos parecem haver jurado a exterminação dessa classe interessante. O que lhes vale ainda um pouco é não terem perdido o governo da multidão.(ASSIS, 1990 p.)*

O que se percebe é que mesmo perseguidos, ainda havia muitas pessoas que os procuravam, como Natividade e Perpétua. Diferente do que ocorria na década de 40 quando os curandeiros colocavam até anúncios em jornais, eles foram depois discriminados e viviam escondidos, como o caso de um caboclo famoso que Policarpo cita na mesma crônica: *"Era assim, os curandeiros anunciavam livremente, não se iam esconder em Niterói, como o célebre caboclo, ninguém os ia buscar nem prender;"* (ASSIS, GazNot. 14 jun 1889.)

Apesar de não fazer parte da série *Bons Dias!*, não poderia deixar de mencionar que o episódio em que as duas irmãs encontram um irmão das almas na descida do Morro do Castelo, também é originário das crônicas. O mendigo que pede pelas almas já havia sido

objeto da crônica *Um disticho* escrita em 1886 para a revista *A Quinzena*, publicada por Alfredo Pujol e Jorge Pinto e que durou apenas sete números. Nela, Machado conta que havia reconhecido num mendigo que pedia de dia na rua, o porteiro do teatro São Pedro ou Gymnasio(o narrador não tem certeza de qual) da noite, e que o havia visto entrar num beco e separar duas notas para dar ao filho que vai embora levando o dinheiro, enquanto ele seguia mendigando pelas almas, tal e qual acontece em *Esaú e Jacob* em que o mendigo também se apodera do dinheiro.

Outro episódio que aparece no romance logo em seguida é o que fala da missa por alma de João de Mello, parente de Santos. Machado não deixa de observar que o anúncio da missa publicado no jornal não vem assinado por ninguém " *O anúncio está certo, foi aquilo mesmo, sem mais nada, nem o nome da pessoa ou pessoas que mandaram dizer a missa...* " (ASSIS, 1950 v.8 p. 22)

A idéia desse fato foi extraída da crônica de 19 de março em que Policarpo fica admirado com alguém que havia feito o mesmo:

> *Quarta-feira, na Igreja do Carmo, diz-se uma missa por alma do ilustre finado, e quem a manda dizer é seu amigo - nada mais que amigo gratíssimo à memória do finado. Nenhum nome, nada, um amigo: é o que leio nos anúncios.*

Anúncio que realmente existiu e que foi publicado em 18 de março, véspera da crônica, no *Jornal do Comércio*.

Mais uma vez, podemos perceber que a realidade, um pequeno anúncio, é o ponto de partida para sua crônica e esse exercício de extrair do pequeno, do comum do dia a dia, um fato que passaria despercebido à maioria das pessoas, é o alimento primordial de suas crônicas e que mais tarde estarão, consciente ou inconscientemente, presentes em suas obras.

É também como o *Caso do Burro* que aparece no capítulo XLI de *Esaú e Jacob*. Nele, o Conselheiro Ayres fica condoído do burro que puxa a carroça e que leva muita pancada de seu dono. Imagina o que o burro pensa e diz: "*- Vê-se, quase que se lhe ouve a reflexão...* "(ASSIS, v.8 p 151) burro já havia sido objeto de reflexão de Machado, através de

Policarpo, que anos antes,já tinha por hábito ouvir o que esses animais falavam: *"Fiz-lhe notar que os burros, principalmente os das carroças e bondes, declaram a quem os quer ouvir, que ninguém os protege, a não ser o pau(nas carroças) e as rédeas(nos bondes)."(ASSIS, 1990, p.165)*

Um fato ainda que chama a atenção em *Esaú e Jacob* é que os gêmeos Pedro e Paulo discordam em tudo, menos no amor a Natividade e Flora e surpreendentemente na questão da abolição. Das 48 crônicas que compõem a série *Bons Dias!* pelo menos dez delas falam direta ou indiretamente da abolição. Tanto *Esaú e Jacob* quanto *Memorial de Ayres*, como já foi dito, situam-se no mesmo período histórico da abolição. Por quê?

Porque talvez esse período tenha marcado profundamente Machado de Assis. Sempre discreto, cauteloso, durante a abolição Machado se levou deixar pela euforia das massas e pela primeira vez talvez, tenha participado de um ato político como conta Raymundo Magalhães Junior, citando o escritor Mario Matos:

> *...Machado, metido em veios políticos, não tinha a vocação política. Era o espectador imparcial e desinteressado do espetáculo, em que foi ator de somenos ou quase nenhuma importância. Assim será em face da guerra com o Paraguai, em face da propaganda abolicionista e prédica a favor da implantação da República. Depois dos anos da mocidade, o retraimento vai ser ainda maior. Só uma vez se deixou contagiar do entusiasmo sonoro da multidão: a 13 de maio de 1888. Arrastado então no torvelinho, irá surpreendentemente, em carro aberto, às portas da Câmara, ovacionar Nabuco e outros abolicionistas, para depois, pela boca de um de seus personagens, negar o fato como se fosse deslize. Mas o episódio é verdadeiro, apesar de inverossímil (*MAGALHÃES, 1981 p.73)

O personagem que nega o fato é o Conselheiro Ayres, numa clara ironia de Machado.

> *Um conhecido meu, homem de imprensa, achando-me ali, ofereceu-me lugar no seu carro, que estava na rua Nova, e ia enfileirar no cortejo organizado para rodear o paço da cidade, e fazer ovação à Regente. Estive quase, quase a aceitar, tal era o meu atordoamento, mas os meus hábitos quietos, os costumes diplomáticos, a própria índole e a idade me detiveram*

> *melhor que as rédeas do cocheiro aos cavalos do carro, e recusei. Recusei com pena. Deixei-os, a ele e aos outros, que se ajuntaram e partiram da rua Primeiro de Março. Disseram-me depois que os manifestantes erguiam-se nos carros, que iam abertos, e faziam grandes aclamações, em frente ao paço, onde estavam também todos os ministros. Se eu lá fosse, provavelmente faria o mesmo e ainda agora não me teria entendido..."* (ASSIS, 1950 v.9 p. 64)

Exatamente isso. Passados quase vinte anos, ao escrever o *Memorial de Ayres*, Machado ainda não entendia como havia se deixado levar pela multidão. O bruxo do Cosme Velho não precisava falar de tal episódio no *Memorial*, mas se o faz é para imaginar como o ocorrido "deveria" ter se passado se levarmos em conta a personalidade discreta de Ayres e tão parecida com a de Machado. É quase para se redimir. Mas não importa. Fica clara a importância do período em sua vida e em suas lembranças.

Prosseguindo em nossa análise, mostrando agora algumas idéias extraídas das crônicas para o *Memorial de Ayres*, temos antes de tudo que mencionar que a própria estrutura de *Memorial de Ayres*, como um diário onde se marcam os dias, se assemelha à estrutura das crônicas. Talvez até para não perder um hábito da vida toda, já que na época em que escrevia o livro, seus últimos anos, Machado não colaborava mais com crônicas em jornais.

Vamos lembrar que em 10 de abril de 1888, o Barão de Santa-Pia, pai de Fidélia, vai ao Rio de Janeiro para redigir a carta de alforria de seus escravos, da mesma maneira como havia feito o Visconde de São Clemente e o Visconde de Nova Friburgo, conforme notícia publicada em 24 de abril na *Gazeta de Notícias*. Machado vai citar o referido fato na sua crônica de 27 de abril, ou seja, usa uma notícia verdadeira como tema de crônica e como ação de ficção anos depois. Até a fala de Santa-Pia, referindo-se aos escravos, é extraída da realidade:

"- Estou certo que poucos deles deixarão a fazenda; a maior parte ficará comigo, ganhando o salário que lhes marcar e alguns até sem nada." (ASSIS, 1950 v.9 p. 60)

Na notícia correlata, os libertos do Visconde de Nova Friburgo declararam que "desistiam dos salários marcados para a próxima colheita" e outros disseram "que jamais

abandonariam o seu libertador e redobrariam os esforços para servi-lo".

Além disso, quando Santa-Pia dá o motivo para alforriar os escravos parece-se muito com as considerações de Policarpo sobre o direito à propriedade. Diz Santa-Pia:

"Quero deixar provado que julgo o ato do governo uma expoliação, por intervir no exercício de um direito que só pertence ao proprietário, e do qual uso com perda minha, porque assim o quero e posso" (ASSIS, v.9 p. 59)

Diz Policarpo na crônica de 11 de maio de 1888:

"Lá que eu gosto de liberdade, é certo; mas o princípio da propriedade não é menos legítimo."

Na crônica de 4 de maio, o personagem Policarpo fala da abertura das câmaras que havia se dado na véspera com o discurso da Princesa Isabel anunciando a abolição. No *Memorial de Ayres*, Machado vai direto para o dia 7: *"O ministério apresentou hoje à câmara o projeto de abolição. É a abolição pura e simples. Dizem que em poucos dias será lei."* (ASSIS, 1950 v.9 p.63) O dia 7 foi um dia marcante para Ayres, Policarpo e provavelmente para Machado.

Como as crônicas eram semanais e tinham dia determinado pelo jornal para serem publicadas, o que não quer dizer que fossem sempre no mesmo dia da semana, é claro que Machado não possuía com elas a mesma liberdade que tinha na ficção onde podia colocar Ayres escrevendo em qualquer dia. Mas na crônica do dia 19, Policarpo se vangloriando de ter praticado um ato nobre e alforriado seu escravo Pancrácio antes da abolição, comenta que o havia feito na segunda feira anterior, que era justamente na segunda, dia 07, quando foi apresentado o projeto da abolição.

No dia 13 de maio, Ayres escreve:

"Enfim lei. Nunca fui, nem o cargo me consentia ser propagandista da abolição, mas confesso que senti grande prazer quando soube da votação final do senado e da sanção da Regente." (ASSIS, 1950 v.9 p. 64)

Ora, quem não podia ser propagandista da abolição, M.A ou M. A? Explicando melhor, Marcondes Ayres ou Machado de Assis? Quem o cargo público não permitia? A ambos, claro! Não podemos nos esquecer também de Policarpo, em quem já é possível perceber tantas características do Conselheiro Ayres, quando se define como "*alguém que não gosta de caras tristes, nem de caras alegres*", "*não pisa nos calos dos vizinhos*", "*não contraria as opiniões dos outros*" (ASSIS, Machado. Bons Dias! Gazeta de Notícias), além do fato (coincidência?) de terem exatamente a mesma idade, 62 anos.

Pergunta o Conselheiro à sua irmã Rita:

"*- Com os meus sessenta e dois anos?*" (ASSIS, 1950 v.9 p.16)

Fala Policarpo:

"*- Aos cinco anos (era em 1831) como já sabia ler, davam-nos no colégio a Pátria...*" (ASSIS, Machado. Bons Dias! GazNot *01 jun. 1888)*

Acreditamos que se Machado de Assis usava fontes francesas, inglesas e gregas com muita regularidade, são as crônicas que ele escreveu durante toda a sua vida, suas maiores fontes.

A ficção Machadiana é construída como uma colcha de retalhos de suas crônicas, sem que haja nessa analogia qualquer depreciação, pelo contrário. Idéias, fatos dispersos que chamaram sua atenção, que o marcaram, que fizeram com que ele refletisse sobre eles para poder escrever, vão ser costurados com extrema habilidade e perfeição em sua ficção, dando-lhe unidade e enriquecendo a obra. O escritor dos romances e das crônicas era o mesmo e não havia qualquer intenção de sua parte em fazer diferenciação entre eles ou até mesmo com seus personagens como o Conselheiro Ayres. Machado parecia gostar de ser muitos e confundir o leitor, fazia-o propositadamente, pois era comum nos romances ou nas crônicas discorrer e analisar sobre o processo de narrar. Ele queria que o leitor percebesse os caminhos que o escritor e suas criaturas trilhavam, mas não de forma tão clara que os reconhecesse facilmente. Esse era o mistério, o jogo que Machado gostava.

É comum ouvirmos estudiosos de Machado dizerem que seus personagens não são

nem bons nem maus, e nem poderia ser diferente, se em toda sua vida escrevendo crônicas, ele se preocupou em retratar a realidade, a observar o ser humano real. Deveria parecer a ele inverossímil um personagem representando todo o bem ou todo o mal, tão comuns em vários romances daquela época.

Lucia Miguel Pereira diz:

> *Por isso é que a Machado de Assis se pode chamar de realista, sem preocupação de escola literária desde que se libertou do romantismo, ele observou, como ninguém, entre nós, as criaturas em toda a sua realidade. Dando a cada aspecto o justo valor, isto é, apreciando a todos com um critério relativo. Foi assim que esse tímido realizou uma audaciosa revolução na nossa literatura ficcionista, até ele subordinada a valores absolutos, que reduziam a simples figurantes as personagens dominadas pela natureza e pela ética convencional."* (PEREIRA 1988 p. 76)

Será que sem o exercício da crônica, o ficcionista realizaria esta revolução a que Lucia Miguel Pereira se refere? Cremos que não. Estamos certos que a atividade de cronista, a exigência de se obrigar a escrever constantemente tendo ou não assuntos importantes, foi fundamental para que Machado treinasse o espírito de observação, a sensibilidade, e se tornasse o excepcional romancista de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ou de qualquer outro romance da maturidade.

Mas depois de mostrarmos como *Bons Dias!* é fonte e laboratório para os romances, falta perguntar: e a série tem que valor em si? Ao ler o livro de John Gledson em que ele compila as crônicas e explica os fatos, percebemos como as mesmas compõem com maestria, requintes de linguagem, de construção real e ficcional, uma obra única. É surpreendente como Machado havia se aperfeiçoado a tal ponto de ser capaz de alinhavar fatos tão díspares com tanta facilidade. Como ele empregava bem a ficção através de seu personagem Policarpo para fazer estórias da História.

Em toda esta evolução podemos perceber a importância das crônicas no amadurecimento do escritor.

> *A crônica não só treina e sustenta Machado, mas também o ensina a: (1) dialogar com o leitor, usando o vocativo, a oralidade e outros canais; (2)*

> *dialogar mais especificamente com a leitora, consumidora dos folhetins, até hoje maioria do leitorado de periódicos; (3) passar do nobre ao chulo, do erudito ao galhofeiro, do formal ao informal, misturando repertórios, ignorando a divisão tradicionalmente radical entre as tais 'norma culta' e 'linguagem coloquial'; (4) posicionar argumentos tanto em tom de ironia como de sinceridade, brincando com a expectativa do leitor, deixando-o em suspense ('Será que ele está falando sério?'); (5) dominar vozes, criando personagens, espécies de 'heterônimos' com que media seu diálogo com o leitor. O que estão aqui senão quase todas as suas principais marcas como ficcionista? Conversasão, fragmento, humor, obliqüidade – eis em gestação consciente o Machado maduro dos contos e dos romances pós 1880."* (PIZA, . O Estado de São Paulo. 21 jan. 2001

Seguida a *Bons Dias!* chegamos finalmente a maior de suas séries de crônicas: *A Semana*, nosso principal objeto de análise.

5 - DE CRÔNICA EM CRÔNICA

"Não quero mal às ficções, amo-as, acredito nelas, acho-as preferíveis às realidades, nem por isso deixo de filosofar sobre o destino das coisas tangíveis em comparação com as imaginárias."

(MA, A Semana GazNot 5 ago.1894)

Até agora estivemos tentando decifrar e compreender o que rodeia a última produção da crônica machadiana. Resumidamente tentamos reconstruir: o cenário histórico e social em que as crônicas aparecem, entendendo o momento, tanto em termos da profunda transformação pela qual passava o Rio de Janeiro, seja a nível econômico, político, cultural, de desenvolvimento em todas as áreas, como em termos de toda uma alteração de pensamento reinante que abandona definitivamente o romantismo para abraçar o realismo; a integração de Machado neste cenário; o leitor de Machado do jornal do século XIX restrito a uma única camada social, mas que por outro lado, era justamente o que detinha o poder econômico, formava opinião e era capaz de alterar significativamente a sociedade; a imprensa que também passava por transformações, principalmente capitaneadas pelo veículo que transportava a série *A Semana*, *A Gazeta de Notícias*, primeiro jornal a buscar a imparcialidade da notícia, que tinha credibilidade, que dava o devido valor ao cronista e que graças a esse conjunto de fatores pôde abrigar por muitos anos a pena de Machado; a percepção do escritor frente à imprensa e frente à atividade de cronista que vão permear toda sua produção; o gênero crônica e a evolução do cronista que estão intimamente ligados, já que é principalmente Machado que vai ao longo dos anos modificando a crônica brasileira que nasceu como relato jornalístico, mas que vai aos poucos incorporando elementos literários como a ficção e deixando de ser jornalismo, e por fim, nos ocuparemos agora da série *A Semana* que analisaremos decompondo seus elementos constitutivos sob vários aspectos.

Apesar do número elevado de crônicas que compõem nosso corpus, não houve possibilidade de se efetuar um recorte em um determinado ano ou período, por exemplo, pois não há nessa série de crônicas, um bloco que constitua um momento diferente dentro da

série *A Semana*, pois como demonstraremos a seguir havia uma unidade que percorreu os cinco anos. Assim nosso recorte foi quanto aos aspectos a serem analisados.

Ao todo são 248 crônicas que compõem *A Semana*, escritas ao longo de 5 anos, de 1892 a 1897 e mais as duas soltas publicadas em 1900, um período, como já foi dito, em que a situação política, econômica e social do Brasil, devido a recém instaurada República, estava em plena mudança, com a Revolta da Armada e uma rígida censura que culminou com a suspensão da *Gazeta de Notícias* durante o mês de dezembro de 1893. Além disso, fatos relevantes da vida de Machado aconteceram durante esse período como a criação da Academia Brasileira de Letras em 1896 e sua eleição para presidente em janeiro de 1897. Esses fatores sem dúvida, tiveram algum impacto nos textos machadianos e principalmente em suas crônicas, espaço aberto, onde esses fatos podiam e foram comentados. Assim cabe-nos identificar aqui se a série tinha uma unidade, de que forma se desenvolveu ao longo dos anos, quais eram os assuntos escolhidos por Machado e de que forma eram tratados, como se portava o narrador dessas crônicas, e a análise literária, histórica e sociológica daquelas que foram as derradeiras do escritor.

5.1 A unidade da série A Semana

> *"Há cerca de cinco anos que vos digo aqui, ao domingo, o que me passa pela cabeça, a propósito da semana finda, e até sem nenhum propósito."*
>
> (MA A Semana GazNot 28 fev.1897)

Quando se inicia *A Semana*, em 24 de abril de 1892, Machado vinha de um descanso como cronista de quase dois anos. Ele havia encerrado a série *Bons Dias!* no mesmo jornal em agosto de 1889, e provavelmente usou esse intervalo para escrever *Quincas Borba* publicado em novembro de 1891. Ou ainda, como simpatizante de Dom Pedro II, talvez tenha sentido dificuldades em escrever crônicas durante o período em que a República se instala. Cauteloso, é bem provável que tenha se afastado de cena, para só voltar quando houvesse certezas quanto à situação política. A situação econômica neste período, também não era das mais tranqüilas. No futuro, Machado chamaria os anos de 90/91 como os anos terríveis, devido a comercialização dos debêntures que fez com que inúmeras pessoas perdessem muito dinheiro.

Apesar de serem crônicas, em princípio, como já dissemos, leitura descartável, a série já começou chamando a atenção de grandes nomes da época como Artur Azevedo que escreve em *O Álbum* em janeiro de 1893:

> *Atualmente escreve Machado de Assis, todos os domingos, na Gazeta de Notícias, uns artigos intitulados A Semana, que noutro país mais literário que o nosso teriam produzido grande sensação artística.*

Ora, por esse comentário já começamos a perceber que Machado não escrevia apenas "uns artigos", suas crônicas eram bem mais do que isso. Tinham uma estrutura completamente diferente das crônicas de seu tempo. Havia por parte de seu autor, preocupação extrema com conteúdo e forma, corroborando inclusive nossa tentativa anterior de situar a crônica em terreno literário e não jornalístico.

Antes de prosseguirmos em nossa análise, cabe aqui uma explicação metodológica. Apesar de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira em seu *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* não fazer qualquer distinção entre os vocábulos "tema" e "assunto", este trabalho o fez, como forma de facilitar o entendimento; assim quando falamos em **tema** estamos nos referindo ao macro, como por exemplo, a política, e quando mencionamos **assunto,** a referência é a algum aspecto da política, como por exemplo, o trabalho na câmara dos vereadores. Entendemos que vários analistas literários ao definirem assunto também estão pensando na diversidade que compõem um tema, como por exemplo Wolfgang Kayser em sua *Análise e Interpretação da obra literária* que diz:

> *O que vive em tradição própria, alheio à obra literária, e vai influenciar o conteúdo dela, chama-se assunto. O assunto está sempre ligado a determinadas figuras, contém um decurso no tempo...O assunto pode existir da maneira mais variada, isto é, há as mais diversas fontes de assunto."* (KAYSER, 1976, p. 52)

E então Kayser passa a citar diversas fontes de assuntos, como por exemplo uma notícia de jornal, narrativas de familiares, casos da própria observação do escritor e assim por diante, ou seja, o crítico entende assunto como uma variação de um tema, um fato ou um aspecto, e não no sentido geral, exatamente como trataremos a seguir.

Desta forma, em termos de conteúdo, três temas dominavam a preocupação do cronista, o primeiro a política, opção natural de seus comentários, como ele mesmo disse em 2 de julho de 1893

> *Mas as questões literárias não têm a importância das políticas, por mais que haja dito Garrett da ação das letras na política. Com romances e com versos, bradava ele, fez Chateaubriand, fez Walter Scott, fez Lamartine, fez Schiller, e fizeram os nossos também, esse movimento reacionário que hoje querem sofismar e grangear para si os posistas e calculistas da oligarquia. Respeito muito o grande poeta, mas ainda creio que a política está em primeiro lugar.(ASSIS, 1950 v. 24 p.330)*

Mas não é, como ele mesmo diz, a política em si que o interessa, mas a psicologia da mesma, o que pode ser extraído psicologicamente da política para ser utilizado pela crônica,

ou ainda a possibilidade de interferir na política que o atrai. "*A estética é o único lado por onde vejo os negócios públicos; não sei de praxes nem regras. É possível até que as regras e praxes fundamentem o meu modo de ver, mas eu fico na estética.*" *(ASSIS, 1950 v.25 p.99)*

O segundo tema é o ofício do cronista, do escritor, preocupação que o acompanhou durante toda sua vida. São longas as suas explanações sobre o tema, tentando ao mesmo tempo explicar a si próprio e aos leitores, as dificuldades encontradas na atividade literária, fruto talvez do trabalho exercido durante tanto tempo como crítico.

E por fim, o terceiro tema, mais difícil de ser analisado devido à sua diversidade, é aquele que agrupa as coisas miúdas, os hábitos do dia a dia, os costumes e as pequenas e grandes contradições da sociedade, seria o cotidiano, que junto com a política e a literatura completam o quadro de *A Semana*. Fazer política e fazer literatura, ou mais que isso, entender até onde a política e a literatura levam o ser humano, compõem a alma das crônicas de *A Semana*. Parece ficar claro que o tempo todo, Machado está preocupado em levar o leitor a fazer os mesmos questionamentos que o perturbam, e guiá-lo, de forma muitas vezes tortuosa, para que ele chegue às suas mesmas conclusões, sem ao menos perceber das intenções do autor.

Não há em *A Semana* uma quebra, uma ruptura que altere sua forma ou conteúdo. É possível ler uma crônica qualquer e, a não ser pelos fatos a que ela alude, situá-la em quaisquer dos cinco anos. Há uma unidade que permite-nos visualizar tanto uma mesma construção externa, referente à forma, quanto uma interna, referente a conteúdo. Como lembra Kayser *(1976 p.163)* " *O problema da construção torna-se urgente no âmbito da linguagem sempre que uma unidade de qualquer espécie surja como resultado do discurso.*" Assim antes de passarmos à analise da construção precisamos demonstrar esta unidade.

Quanto à forma, mesmo o discurso direto, bastante utilizado pelo escritor em várias passagens da crônica, domina completamente o texto em pouquíssimas ocasiões, não mais que cinco, como a crônica que Machado escreve no final de 93, depois de, na semana anterior, ter sido substituído em virtude de doença. Nela, conversa com uma borboleta que lhe pergunta por que não fica doente de novo; ou ainda na crônica de 16 de setembro de 1894 em que conversa com a semana que havia terminado e em que é possível perceber a

preferência do autor pelas semanas pobres de acontecimentos, nas quais ele podia dar asas à imaginação e não ficar preso a comentar diversos fatos.

> *Para mim que amo o sossego e a paz é a pior de todas as visitas. As semanas ricas exigem várias cerimônias, algum serviço, muitas cortesias. Demais, são trapalhonas, despejam as algibeiras sem ordem e a gente não sabe por onde lhes pegue, tantas e taes são as coisas que trazem consigo. Não há tempo de fazer estilo com elas, nem abrir a porta à imaginas. Todo ele é pouco para acudir os fatos.(ASSIS, 1950 v.25 p.197)*

Em outra crônica, Machado usa um recurso original. Ao falar da ópera de Tanhauser que havia estreado na cidade, entremeia seus comentários por uma reprodução da música *"la, la, tra, la, la tra la la..."* e passeia pelos camarotes ouvindo as conversas completamente alheias à ópera. O recurso faz o leitor perceber que a ópera não pára, apesar de nem sempre o público, principalmente dos camarotes, estar prestando atenção. Uma maneira de duas ações serem mostradas ao mesmo tempo para o leitor.

Ainda estudando as raras exceções, em 04 de setembro de 1892, Machado escreve " *O Sermão do Diabo*", uma das suas poucas crônicas com título, da mesma forma que a crônica em verso da qual falaremos a seguir, *"Guitarra Fim de Século"*. Aliás, o próprio fato de colocar título nessas crônicas, ao contrário das outras, mostra que o escritor já as diferenciava dentro da estrutura de *A Semana*. *O Sermão da Montanha* é composto de 30 mandamentos e é uma das suas crônicas mais irônicas, justamente porque o Diabo prega tudo aquilo que contraria as boas normas da sociedade, como injuriar, embaçar, enganar, etc...

Mas, na verdade, só uma grande exceção na série não pode deixar de ser mencionada, única que não é em prosa, e que lembra um enxerto, uma peça fora do quebra-cabeça, que é a crônica toda construída em verso de 29 de novembro de 1896. *Guitarra Fim de Século* fala de Abdul-Hamid, sultão da Turquia, que à época desta crônica enfrentava a guerra de Creta(1890-97) e era pressionado pelo ocidente, principalmente pela Inglaterra. Machado não fala da guerra, mas constrói uma lamúria, como se Abdul-Hamid ou a própria Turquia fosse um doente, a qual ele pergunta ao final de cada estrofe: *"Verei morrer este eterno doente? Penso que sim."* O poema todo rimado faz uma grande comparação entre

SBD / FFLCH / USP

hábitos do ocidente e do oriente e mostra como seria mais "fácil" enfrentar uma potência como a Inglaterra, se Abdul-Hamid abdicasse das suas tradições e incorporasse as do ocidente. Numa mistura de termos, usando palavras turcas como pachá, hanuns, Mahomet, feredjehs, Machado constrói uma crônica belíssima, bastante superior às crônicas também em verso de *A Gazeta de Hollanda.*

Resta perguntarmos: por que esta crônica tão diferente dentro da série? Não cremos existir um motivo secreto, mas porque deve ter sido assim que a inspiração chegou ao mestre de *Esaú e Jacob*. O que prova, isto sim, que Machado era o dono absoluto de sua coluna e que para ele a crônica não era uma estrutura rígida, aliás, se pensasse assim não a teria alterado tanto ao longo de sua carreira.

Há crônicas que são um completo exercício de imaginação, em que o narrador, a partir de um fato real, transporta-se para o futuro e constrói a história, como a crônica de 20/10/1895, em que ele usa a visita anunciada para o próximo ano de uma líder anarquista internacional, chamada Luiza Michel, para imaginar como tal visita se dará. Mas tal exercício ficcional não é em vão, nele vai embutida uma crítica a hábitos da época. Machado cria o cenário, o cais por onde ela chegará, apinhado de gente, o hotel que acomodará a "diva do anarquismo", a entrevista para a *Gazeta de Notícias*, o diálogo que travará com o repórter, com um poeta que lhe prestará homenagens, com moças que lhe cobrarão um palpite no jogo do bicho, com a comissão de proprietários de imóveis que deseja que ela faça uma revolução, atitudes e pessoas que vão denunciando a sociedade carioca do século XIX.

Durante os cinco anos, as crônicas são praticamente do mesmo tamanho e não há qualquer alteração quanto à forma, (salvo as raras exceções citadas acima) ou quanto ao conteúdo dos temas abordados, o que torna *A Semana* uma série especial, pois se o mestre não a modificou dispondo de tantos anos para fazê-lo, significa que este modelo de crônica o satisfazia perfeitamente. Seguindo sua evolução como cronista, acompanhando todas as modificações que incorporou em cada uma das séries que fazia e chegando finalmente à *Semana*, onde não há mais este movimento evolutivo, constatamos que era exatamente esta forma de crônica livre para escolher ou não comentar os fatos, desvinculada da função jornalística, muito mais ficcional, a crônica eleita por Machado de Assis. Uma pitada de realidade, aqui e ali, explanações e digressões sobre os fatos e a vida, opiniões sobre tudo,

mais até do que sobre todos, um pouco de humor e ironia e muitas comparações formam a receita da crônica machadiana.

5.2 **O narrador**

> *"Não sei se me entendem. Eu não me entendo. Digo estas coisas assim, à laia de trocado engenhoso, para tapar o buraco de uma idéia. É o nosso ofício de pedreiros literários."*
>
> MA A Semana GazNot 24 maio 1896)

O narrador machadiano de *A Semana* é, entre todos os narradores de outras séries de crônicas do autor, o mais complexo e o mais próximo do escritor. Como dissemos, ele não tinha um nome, ou melhor, um pseudônimo, que o leitor pudesse identificar como um personagem. Por outro lado, todos sabiam que o autor de *A Semana* era Machado de Assis, e quando ele diz "eu", ou usa verbos na primeira pessoa em suas crônicas, nada mais lógico que o leitor ligar o "eu" ao escritor, e na maioria da vezes de forma acertada, é isso o que acontece. Ninguém dúvida quando ele diz: *"Eu, pouco dado a rugas, limitei-me a pensar comigo..."(*ASSIS, GazNot 11 out. 1896) de que era o próprio Machado falando. Quem tinha por hábito acompanhar suas crônicas, deve ter lido muito mais de uma vez, uma expressão similar a esta, que era típica da personalidade do Bruxo do Cosme Velho, um bruxo que gostava de ficar longe das discussões e dos problemas, e que, inclusive, emprestou esta característica a diversos personagens seus. O narrador de *A Semana* chega até a mencionar a data do próprio aniversário do escritor:

"Eu adoro o frio; talvez por ser filho dele; nasci no próprio dia em que o nosso inverno começa. Procura no almanaque, leitor; marca bem a data, escreve-a no teu caderno e manda-me nesse dia alguma lembrança." (ASSIS, GazNot 01 out. 1893)

Mas nem sempre isso pode ser levado a termo, em outros momentos o narrador era um completo desconhecido. Era como se Machado gostasse de confundir o leitor, não permitindo que fosse levado tão a sério o narrador. Por exemplo: ele diz em várias crônicas que tem fé em telegramas, mas de repente, em outra, se contradiz *"Vá um homem crer em telegramas! A mim custa-me muito."* (Ibid 20 nov.1892)

Listamos as características que mais aparecem e que formam um perfil interessante do autor de *A Semana*. Ditas por ele próprio, o narrador é alguém que:

- Busca a novidade nos assuntos, algo novo
- Inveja as palavras dos homens públicos que podem suster os acontecimentos
- Não entende de política
- Não se comove com as declarações de políticos
- Não se dá muito bem com os números
- Tem receio de cair no desagrado das senhoras
- É avesso às questões pessoais
- Leu muito Molière, muito Boccage
- Diz que sua obrigação não é discutir a semana, mas tão somente contá-la.
- É seu velho propósito não citar os amigos, deixá-los em uma relativa obscuridade
- É como certas crianças que estranham muito caras novas
- É paciente, firme e sagaz
- É justo, não pode ver o fraco esmagado pelo forte
- Nasceu com um certo orgulho
- Tem horror a toda superioridade
- Foi educado para ter respeito pela letra redonda(imprensa)
- Não é alguém que recusa elogios. Ama-os. Eles fazem bem à alma e até ao corpo (25/09/92)

A partir desta lista, podemos desvendar algumas facetas deste narrador. E se o retrato não fica completo, ou pelo menos completamente nítido, não podemos esquecer que pode ter sido esta a intenção do autor, afinal um retrato que sugere várias interpretações com certeza, é muito mais rico do que um pronto e acabado.

Na primeira característica apontada temos a questão da novidade. O narrador busca a novidade no fato que provavelmente já foi objeto de inúmeras matérias no jornal, uma vez que a crônica é semanal. Já que ela não pode concorrer com as matérias diárias, o que lhe resta é justamente uma nova forma de abordagem ou ainda buscar os pequenos detalhes que passaram despercebidos aos jornalistas, e nisso o narrador de *A Semana* é um mestre. Observador perspicaz, nada lhe escapa e nem se deixa levar pelas primeiras impressões.

> *Eu, posto creia no bem, não sou dos que negam o mal, nem me deixo levar por aparências que podem ser falazes. As aparências enganam; foi a primeira banalidade que aprendi na vida, e nunca me dei mal com ela. Daquela disposição nasceu em mim esse tal ou qual espírito de contradição que alguns me acham, certa repugnância em execrar sem exame vícios que todos execram, com em adorar sem análise, virtudes que todos adoram. Interrogo a uns e a outros, dispo-os, palpo-os, e se me engano, não é por falta de diligência em buscar a verdade.(Ibid 14 jun.1896)*

Haverá narrador mais cauteloso do que este? E se por acaso parece contraditório, aí fica explicada, ou melhor, desculpada tal imagem.

A busca pela novidade demonstra a segurança do narrador. Ele domina o seu objeto de tal maneira que sabe que pode revolvê-lo, modificá-lo, até mesmo sacudi-lo, que tudo isto só vai servir para revigorá-lo. Um bom exemplo, são as soluções encontradas para a falta de assunto. Em nenhum momento, o narrador engana o leitor, pelo menos no que diz respeito à dificuldade constante de escrever uma crônica por semana. Se não tem assunto, o diz claramente, e busca formas originais para resolver seus problemas de texto.

> *Tempo, espaço e papel, tudo vai faltando debaixo das mãos. Paciência também. Concluamos com uma boa notícia. Cansado desta obrigação de dar uma semana por semana, entendi convidar uns colaboradores, e a quem pensais que convidei? Um senador, um ex-ministro e pensador, tudo de*

França, o velho Julio Simon, que me responde nestes termos!...(Ibid 18 set.1892)

E aí, Machado reproduz a carta em francês de Simon, sem se preocupar em traduzi-la, o que demonstra que ele imaginava que seu leitor dominasse o idioma estrangeiro ou talvez não se preocupasse que o leitor fosse entendê-la ou não, e completa transcrevendo um texto do mesmo que ele consegue adaptar a uma questão dos funcionários públicos de Ouro Preto que estavam ameaçados por um projeto do Congresso Nacional. Machado. Fica contente com o resultado obtido, a ponto de reforçar: *"Daqui em diante, quando me faltarem idéias, corro ao meu velho amigo Simon" (Ibid)* Deste recurso, que vimos nascer exatamente nesta crônica, vão se valer inúmeros cronistas no futuro, sem se lembrar muitas vezes de dizer ao leitor que o recurso, apesar de pertinente, tem muito mais a função de preencher um espaço, uma dificuldade da escrita, sinceridade que nunca faltou a Machado.

Já a política, seu assunto predileto, o seduz e ao mesmo tempo o exaspera. Repete diversas vezes que não entende de política, mas ela ocupa espaço nobre em quase todas as suas crônicas. Como alguém que não entende de política, fala tanto dela? Nesse caso, entra a famosa cautela machadiana. Se disser algo que desagrade os políticos, sempre pode dizer que "não entende de política" e por isso mesmo é passível de erro. Sua desculpa já está pronta e impressa, mesmo antes que qualquer problema se aproxime. Mas é claro que ele entende de política, a ponto de não ser ingênuo e acreditar nas declarações dos políticos, a ponto de discuti-la com riqueza de detalhes e a ponto de sentir inveja dos políticos que podem suster os acontecimentos, mas somente quanto a este aspecto. No geral, os políticos e economistas têm mesmo é o seu desprezo. "*Geralmente, os espíritos que não conseguem ver claro dão para a economia política e as finanças, atribuindo assim à ciência de muitos varões ilustres a obscuridade que está neles próprios."(Ibid* 12 ago.94)

O narrador de *A Semana* é um narrador que tem pleno controle sobre o leitor e sobre os fatos narrados ou comentados, é possível sentir a segurança com que ele conduz a crônica, partindo muitas vezes de um exemplo inocente, corriqueiro, onde ele possa dizer tudo o que pensa e logo após, levar o leitor a uma situação correlata em que as pessoas ou órgãos públicos são importantes, mas que em virtude do que já foi dito anteriormente, não é preciso dizer mais nada. A transposição de uma situação a outra fica a cargo do leitor, mas ela foi

tão bem construída, que não resta outra opção ao inocente leitor, a não ser seguir as direções apontadas pelo narrador. Desta forma, o narrador nunca se compromete: ele aponta, mas não diz.

Não é um narrador democrático, tolerante, disposto a aceitar bem a indiferença de um leitor, pelo contrário, quer atenção, chega mesmo a dizê-lo claramente: *"Medita bem, não me leias como os que têm pressa de ir apanhar o bonde; lê e reflete."(Ibid13 ago95)* Por outro lado, gosta de manter uma relação provocativa com este leitor, pode elogiá-lo, mas também demonstrar um aparente descaso por ele. *" Este resto de frase é obscuro, mas eu não estou agora para emendar frases nem palavras. O que for saindo saiu e tanto melhor se entrar na cabeça do leitor." (Ibid 31 maio 96)* Nem a frase anterior era obscura e nem se pode confiar que o narrador não queira que o leitor entenda. Este é apenas um jogo de cena, uma provocação. Ao fazer isso, o narrador consegue que o leitor que talvez o lesse distraído, redobrasse sua atenção e se esforçasse ainda mais para entender o cronista, recurso que se repete em várias outras crônicas: *"Sei que não tens nada com as minhas mazelas, nem eu as conto aqui para interessar-te;conto-as porque há certo alívio em dizer a gente o que padece. O interesse é meu; tu podes ir almoçar ou passear."* (Ibid 17 set.95)

Seus amigos, até mesmo outros escritores conhecidos e por isso também pessoas públicas, não são citados com freqüência nas crônicas de *A Semana*, a não ser quando do lançamento de algum livro ou estréia de alguma peça de teatro, mesmo assim, são raras essas citações. Como é o próprio Machado que diz ser seu propósito não citar os amigos, essa referência, quando acontecia, devia ser uma grande honra para o citado, como percebemos lendo a correspondência machadiana, em que os amigos agradecem com certa emoção, qualquer comentário do mestre.

Outra característica deste narrador é que ele é um visionário, um homem capaz de enxergar além de seu tempo. Já conseguia prever, por exemplo, que a guerra física seria substituída pela guerra comercial: *"a guerra será no campo da venda e da compra; eu quererei comprar barato, tu quererás vender caro, eis aí um vasto campo de luta, de emboscadas, de fortalezas mascaradas, de feridos e mortos."(Ibid 17 jan. 1897)* ou ainda que um dia no futuro, o sexo seria livre, desvinculado do casamento, previsão esta que naqueles anos, deve ter causado um certo arrepio nas senhoras mais conservadoras, mas que

Machado ousadamente publicava. *"Repito, os tempos se avizinham. Agora o amor precoce; vai chegar o amor livre...O amor livre acompanha os estados da alma...O divórcio que o senado fez cair agora, será remédio desnecessário. Nem divórcio, nem consórcio." (Ibid 02 ago. 1896)*

As mulheres e as minorias também foram sua preocupação. Quando a mulher ainda não tinha sequer direito ao voto, o criador de Capitu, sem qualquer temor, escreveu:

> *Elevemos a mulher ao eleitorado; é mais discreta que o homem, mais zelosa, mais desinteressada. Em vez de a conservarmos nessa injusta minoridade, convidemo-la a colaborar com o homem na oficina da política.*
>
> *Que perigo pode vir daí? Que as mulheres, uma vez empossadas das urnas, conquistem as câmaras e elejam-se entre si com exclusão dos homens? Melhor. Elas farão leis brandas e amáveis. As discussões serão pacíficas. Certos usos de mau gosto desaparecerão dos debates."(Ibid* 15 jul. 1894)

Até a ponte Rio-Niterói, que seria construída muitos e muitos anos depois, foi objeto de reflexão Machadiana: *"Um dia, quem sabe, lançaremos uma ponte entre esta cidade e Niterói, uma ponte política, entenda-se, nada impedindo que também se faça uma ponte de ferro."(*07/06/96)

Praticamente todas as crônicas trazem uma pista sobre a personalidade do narrador que gosta de falar de si próprio e normalmente de falar bem. Mesmo quando fala mal, tenta amenizar logo em seguida. Por exemplo, ele diz numa crônica de 21 de agosto de 1892 que tem repugnância por questões sociais, mas completa antes que o leitor se escandalize:

"Talvez eu esteja fazendo injustiça a mim próprio, há pessoas(e já me tenho apanhado em lances desses) que levam o empenho de dizer mal ao ponto de maldizer de si mesmas.

Que juízo formar? Acredita-se que o narrador seja um insensível que tem "repugnância" por questões sociais? Claro que não. Ele próprio sugere que pode ter exagerado, chega quase a pedir para o leitor relevar seu comentário inicial, mas então por

que razão, na leitura da crônica, ele próprio não refez esse trecho e tirou a afirmação que pudesse de alguma forma comprometer sua imagem junto ao leitor? Porque esta era sua intenção: a ambigüidade. Suas idéias são ambíguas, o narrador tem personalidade ambígua. Machado não queria ser completamente simpático ou antipático ao seu público. Seu narrador era um personagem contraditório, porque a alma humana assim o é, e um personagem para um observador da natureza humana, como Machado foi, quanto mais facetas tivesse, mais rico ele seria. É o próprio bruxo do Cosme Velho que nos dá a dica em outra crônica: *"O homem é em si mesmo, um laboratório."* (Ibid 05 maio1896)

O narrador diz que ao mesmo tempo que nasceu com certo orgulho, tem horror a toda superioridade e não pode ver o fraco sendo esmagado pelo fraco, o que não pode ser entendido como uma contradição do escritor, primeiro, porque quando está Machado falando em superioridade, está se referindo a grandes forças políticas ou econômicas, as quais se o narrador deixasse, dominariam completamente a crônica; segundo, porque o orgulho, tão presente na personalidade machadiana, foi a força que o empurrou para as conquistas quase diárias, numa sociedade escravocrata, provinciana, que não abria suas portas facilmente para os pobres e os "de cor", como o escritor.

Machado não escrevia apenas para os seus leitores da época, mas para seus leitores futuros. Sempre se preocupava com aqueles que iriam ler sua crônica em 40 ou 50 anos, o que mostra que acreditava na perpetuidade da crônica. Ao se lembrar que um acidente de barco acontecido em 1895 poderia ser relembrado anos depois, e para isso a notícia que se está dando e que será fonte de consulta deve ser escrita com estilo, ensina aos seus colegas: *"Estilo, meus senhores, deitem estilo nas descrições e comentário; os jornalistas de 1944 poderão muito bem transcrevê-los, e não é bonito aparecer despenteado aos olhos do futuro."(Ibid 13 jan.1895)*

Até uma estudiosa de suas crônicas em pleno século XXI, como a autora deste trabalho, se sentiu agradecida ao deparar com o trecho que nos fez lembrada como leitora e que copilamos a seguir para satisfazer ao nosso velho e sábio mestre que com certeza ficaria feliz em saber que não apenas foi lembrado em meio século, mas há mais de um século, e também para mostrar que apesar da alegada modéstia, tinha crença que seus escritos seriam lidos e estudados no futuro.

"Compilador do século vinte, quando folheares a coleção da Gazeta de Notícias, do ano da graça de 1894, e deres com estas linhas, não vás adiante sem saber qual foi a minha observação. Não é que lhe atribua nenhuma mina de ouro, nem grande mérito; mas há de ser agradável aos meus manes saber que um homem de 1944 dá alguma atenção a uma velha crônica de meio século. E se levares a piedade ao ponto de escrever em algum livro ou revista: 'Um escritor do século XIX achou um caso de cor local que não nos parece destituído de interesse..."se fizeres isto, podes acrescentar como o soldado da canção francesa:

Du haut du ciel, - ta demeure derniere,

Mon colonel, tu dois être content.

Sim, meu jovem capitão, ficarei contente, desde que te abençôo, compilador do século vinte;"(Ibid 19 ago. 1894)

Acompanha o narrador em muitas de suas crônicas, seu fiel criado José Rodrigues, um personagem que representa a gente simples do povo, a quem Machado pode atribuir as reações populares diante dos fatos, conversar, trocar idéias. José Rodrigues mostrava toda a sua incredulidade e perplexidade perante situações esdrúxulas que muitas vezes acontecia na política ou na economia, mas sabiamente o cronista não concordava com ele. Ironicamente desculpava seu empregado chamando-lhe de estúpido que chegava a irritar o narrador com sua ingenuidade, exatamente como muitas pessoas daquela época, mas nem por isso o autor deixava de escutá-lo:

"Este José Rodrigues é bom, diligente, respeitoso, mas coxeia do intelecto, não que seja doido, mas é estúpido. Não digo burro; burro com fala seria mais inteligente do que ele."(Ibid 23 dez. 1894)

mas

"José Rodrigues, a quem consulto em certos casos, vai mais longe, entendendo que os próprios intendentes deviam ser nomeados. É homem de arrocho; o pai era saquarema." (Ibid 02 dez. 1894)

Seu criado podia ser homem de arrocho, se Machado não o era, tudo justificado pelo pai saquarema, termo dado na época do império aos conservadores mais exaltados, como o termo luzia, que era aplicado justamente para a posição contrária, a dos liberais mais exaltados.

José Rodrigues fazia o papel de leitor, interlocutor, alter ego do autor, sempre concordando com seu patrão numa incontestável admiração, que o acompanha até em suas viagens imaginárias. Se o patrão imaginava que o criado fosse a deusa Hebe e ao invés do suco de caju estivesse servindo-lhe uma taça de néctar, José Rodrigues com espanto retorquia:

"- Tu és um deus, tu estás no próprio Olympo ao lado de Júpiter." (18 mar. 1894)

Se o cronista queria discutir uma lei, uma posição ou qualquer fato que o preocupava na Semana, mostrando como as pessoas em geral se posicionavam diante daquilo, José Rodrigues era chamado a trabalhar, através de curtos comentários ou mesmo, longos diálogos com o narrador.

Qual o tom deste narrador? Com certeza não é melancólico.Parece divertir-se com a falta de bom senso das pessoas. Em algumas ocasiões é perceptível sua irritação. Mas no geral prefere o ar zombeteiro, irônico, um certo ar de superioridade que lhe confere a possibilidade de ensinar aos leitores suas teorias e suas interpretações dos fatos e da vida. Sua superioridade é admitida em diversas passagens por ele próprio, principalmente em relação a sua capacidade de análise.

> *Eu, posto creia no bem, não sou dos negam o mal, nem me deixo levar por aparências que podem ser falazes. As aparências enganam; foi a primeira banalidade que aprendi na vida e nunca me dei mal com ela. Daquela disposição nasceu em mim esse tal ou qual espírito de contradição que alguns me acham, certa repugnância em execrar sem exame, vícios que todos execram, como em adorar sem análise, virtudes que todos adoram. Interrogo a uns e a outros, dispo-os, palpo-os, e se me engano, não é por falta de diligência em buscar a verdade.*"(Ibid 14 jun. 1896)

5.3 A construção das crônicas

> *"Não peças lógica a uma triste pena hebdomadária. A regra é deixá-la ir, papel abaixo, pingando as letras e as palavras, e, se for possível, as idéias."*
>
> (MA A Semana GazNot 01 out.1893)

Vamos iniciar nossa análise situando o tempo textual. Diferentemente do romance o tempo textual da crônica coincide sempre com o tempo presente, mesmo que o autor fale do futuro ou relembre o passado, o narrador se encontra no presente. É do presente, que ele enxerga os fatos e os interpreta, bem como o leitor os vê. Normalmente, se inspira em fatos recentes, que aconteceram naquela mesma semana e os situa no tempo. Mesmo quando não o faz, é percebível para o leitor que trata-se de algo que está na pauta do dia, inclusive pelo uso dos verbos no presente. Isto não quer dizer que o cronista não os relacione com tantos outros fatos do passado. Esta é uma prática freqüente, muitas vezes até, relacionando com fatos completamente diferentes, pelo menos aparentemente, mas que a habilidade de Machado vai fazendo com que sigamos o seu raciocínio e encontremos ao final a relação pretendida.

A crônica Machadiana passa a um leitor desavisado a errônea impressão de que o cronista foi construindo o texto como uma divagação que nem sabe bem onde quer chegar, como se Machado fosse colocando no papel uma série de comentários descompromissados que não passaram sequer pelo crivo de uma revisão final. Nem seria preciso saber que o escritor era meticuloso a ponto de ser capaz, no órgão público em que trabalhava, de refazer um simples ofício oito vezes, conforme testemunhos colhidos por seus biógrafos, para desconfiar de tal impressão. Efetuando uma leitura um pouco mais cuidadosa, é possível verificar que existe um fio condutor que atravessa a crônica e é responsável pela estrutura da arquitetura do texto. Machado coloca o leitor na porta da entrada segurando uma ponta do fio e o vai puxando de um lado a outro, mostrando-lhe as janelas, para enfim fazê-lo chegar à porta de saída, onde o narrador o aguarda com a outra ponta que se unem perfeitamente.

A influência das leituras francesas, inglesas e principalmente, gregas, é presente em grande número de seus textos, as citações são muitas e chega a aconselhar o leitor a fazer suas mesmas leituras. *"Relêde Éschylo, amigo leitor"(Ibid 24 abr. 1892)* . O narrador chega mesmo a concordar com esta presença e a justificá-la. *"A antiguidade cerca-me por todos os lados. E não me dou mal com isso. Há nela um aroma que, ainda aplicado a coisas modernas, como que lhes toca a natureza."(Ibid* 11 nov.94)

É interessante analisar os diversos elementos da construção literária da série *A Semana.* São recursos recorrentes que funcionam como pilares do texto, que se repetem sempre, pelo menos, dois ou três deles em cada crônica. São facilmente identificáveis: a ironia, o exagero, a personificação, a brincadeira ou humor, o didatismo, a oralidade, a comparação poética e a repetição.

Muitas vezes o uso de um deles serve como ferramenta para aplicação do outro, como por exemplo, é comum o escritor usar a comparação para explicar melhor uma idéia, uma teoria ou uma situação, ou seja, o didatismo. Servir-se da oralidade para ser irônico, o exagero para brincar com o leitor e assim por diante. São recursos que se unem e se completam. Mais do que pilares que dão sustentação, mas permanecem estanques, estes elementos, recursos estilísticos de que se valem o autor, devem ser comparados à linhas de costura, cada uma com a sua tonalidade, algumas mais grossas outras mais finas, mas que ao se cruzarem vão tecendo um pano único.

IRONIA

Muito já se falou a respeito da ironia machadiana. Antes de mais nada, como recurso discursivo, é preciso deixar claro que a ironia é um risco. Como alguém pode dizer algo, querendo dizer outra coisa, esperando não só que as pessoas entendam o que na verdade se quis dizer e também a intenção por trás disto? Além da ironia poder passar completamente despercebida ainda há o perigo de ser mal interpretada. Então, para que se dar o trabalho de usar ironia? Ironizar nem sempre é buscar a graça, o riso fácil, mas criticar, ou até mesmo reforçar posições e mesmo a ironia humorística pode ser muito séria. A utilização da ironia permite várias finalidades: seria uma maneira de dizer ou fazer oposição num sistema considerado opressivo pelo autor; outra possibilidade seria provocar ou humilhar o leitor; ou ainda permanecer numa posição confortável toda vez que o irônico tenha dúvida sobre algo.

O narrador lança a faísca, mas não acende o fogo, se o dito incendiar terá sido obra de seus leitores, mas não a dele, que pode a qualquer momento negar a ironia, algo como "jogar verde para colher maduro."

A ironia ainda está intimamente ligada a uma comunidade discursiva, ou seja, aquela capaz de entender a ironia pretendida, mesmo com os menores demonstradores, e só vai criar a cumplicidade pretendida pelo autor, levando em conta o interpretante, ou seja, o leitor. O fracasso ou o sucesso da comunicação irônica depende desta apropriação e do talento do narrador em torná-la acessível. É evidente que o próprio fato de se perceber que entre o público das crônicas existiam aqueles que não conseguiriam entender a ironia, aumenta ainda mais o prazer do público apto ao entendimento e de seu autor. Desta forma podemos compreender por que a ironia, se bem utilizada, nas mãos de um escritor experiente e talentoso é um recurso poderoso.

A ironia nas crônicas de *A Semana* ia de um extremo a outro, podendo ser sutil, quase imperceptível para um leitor desavisado e muitas vezes irreconhecível para um leitor do século XXI, mas também gritante em outras ocasiões, quase expressa para que não passasse em branco. Desta forma, o autor minimizava o risco, ou seja, se realmente quisesse que todos entendessem, lançava mão de uma ironia grosseira, mas se queria dizer levemente, normalmente denúncias ou comentários de ordem política que poderiam vir a criar inimizades, Machado utilizava uma ironia fina, delicada, que poderia ser negada caso fosse questionada.

O dúbio da ironia dá a graça da dúvida. Falando de micróbios e bacilos e de como as palavras mudam de significado com o passar do tempo e de contexto, é permitido chamar políticos de bandidos. Note-se que no trecho abaixo, em nenhum momento aparece o termo "político."

> *Graças às culturas sucessivas, podemos hoje chamar bandido a um adversário, e, às vezes, a um velho amigo, com quem tenhamos alguma desinteligência. Está assentado que bandido é um divergente. Corja de bandidos é um grupo de pessoas que entende diversamente de outra um artigo da Constituição. Quando os bandidos são também infames, é que venceram as eleições, ou legalmente, ou aproximadamente. Com tais culturas erija-se a alma, poupam-se ódios, não se perde o apetite nem a*

consideração. Antes do fim do século, bandido valerá tanto como magro ou canhoto."(Ibid 9 dez. 94)

A ironia machadiana tem seu papel, sua causa e suas conseqüências, e também inúmeros matizes. Pode ser autodepreciativa, dramática, zombateira, sarcástica, mas nos recusamos a chamá-la predominantemente de ironia pessimista ou "pessimismo irônico" como preferia Manuel Bandeira, mas sim de ironia crítica, enquanto estratégia de discurso e de vida, que como a ironia socrática visava a provocação que deveria levar à reflexão do seu interlocutor.

Quanto à causa, podemos nos fiar em hipóteses conhecendo a biografia do escritor. Marcos Almir Madeira defende a idéia que o ironista nasceu da *"estreiteza da repartição pública"*, pois é praticamente inconcebível que o fundador da Academia Brasileira de Letras, o autor de Dom Casmurro, mestre das nossas letras, aceitasse a mediocridade de um cargo público, assinando ponto, esperando uma promoção irrisória, e que só a ironia poderia ser uma válvula de escape. (MADEIRA, 1944 p.54) Concordamos, mas a infância e adolescência pobre e difícil também colaboraram, sem dúvida. Mulato, pobre, gago e epiléptico, porém dotado de uma inteligência muito acima da média, o escritor sempre usou a ironia em proveito próprio. Aprendendo rapidamente como devia portar-se, o que dizer e o que não dizer para ocupar um lugar sempre acima na escala social que pretendia escalar. Machado, se não podia apresentar as mazelas de uma vida que conhecia tão bem, seus personagens o podiam fazer por ele, mas sempre com graça e ditas vagamente ou ironicamente para que pudesse ter outra interpretação se o autor fosse questionado. Assim ensinou seus personagens a dizer coisas usando metáforas, mostrando imagens, rindo-se das convenções sociais a que eram obrigados, fazendo comparações muitas vezes estapafúrdias mesmo, para que até um leitor desatento as percebesse. Nas crônicas, seu narradores-personagens tinham a mesma função e na série *A Semana*, Machado já se permitia assumir a autoria de muitas ironias.

Era comum, inclusive, que a ironia dissesse respeito ao próprio narrador, que exagerava em sua ignorância dos fatos. Dizia não entender de política, nem sequer de finanças, a ponto de ironizar e dizer que não distinguia dez mil réis de dez tostões, e que se sentia vexado por isso.(Ibid 14 ago.92)

A necessidade de não calar o crítico, que passou a se expor sob a capa protetora da ironia, não é razão para culpar o escritor, pois como ensina o professor Alfredo Bosi:

> *A necessidade de proteger-se e de vencer na vida - mola universal - só é satisfeita pela união ostensiva do sujeito com a Aparência dominante. E, por acaso, será lícito culpar esse pobre e vulnerável sujeito porque subiu com a maré do seu tempo para não afogar-se na pobreza, na obscuridade e na humilhação?"*(BOSI 1999 p. 86)

Um dos alvos preferidos da ironia machadiana é o espiritismo, doutrina sempre lembrada pelo escritor para explicar algo que o bom senso não consegue. Ele a repudia claramente, mas chama-a de "*grande doutrina moderna e eterna*". (ASSIS, GazNot.23 set.94) e ri dos seus seguidores que se comportam como tolos e ingênuos por acreditarem em algo sem qualquer fundamento científico.

Para Muecke

> *Não há nada que um ironista 'polemicamente desenvolvido', com uma mente bem provida, não possa considerar irônico se desejar; sempre existe em algum lugar um contexto contrastante. Assim, o papel do observador irônico é mais ativo e criativo do que sugere a palavra 'observador'".(MUECKE, 1995, p. 63)*

Portanto, concluímos que o observador atento que sempre foi Machado podia transformar qualquer coisa em ironia, tinha talento pra isso, mesmo que a matéria-prima fosse uma doutrina como o espiritismo com muitos seguidores. Claro, que sua mira irônica sempre esteve mais voltada para a política e a economia, terreno fértil onde conseguia, sem esforço, material para zombaria ou sarcasmo.

EXAGERO

Além da ironia, o narrador comumente faz uso do exagero, chega até a ser dramático em muitas situações. *"Quando li o relatório da polícia a cerca do jardim zoológico, tive uma comoção tão grande, que ainda agora mal posso pegar na pena"* (ASSIS, GazNot 12 jan96) Ora, que tipo de pessoa tem uma comoção, que não é qualquer comoção, mas uma "tão grande" ao ler um relatório da polícia sobre o zoológico? Já imaginamos algo gravíssimo, algo talvez como a morte de todos os animais, um incêndio avassalador, ou coisa

do gênero, mas que nada, o narrador se refere ao jogo do bico que ganhou as ruas do Rio de Janeiro. Mas então pra que o exagero? Porque a imagem que Machado quer passar é realmente como se os bichos tivessem fugido do zôo. Leões, camelos, girafas e elefantes todos soltos pela rua do Ouvidor e adjacências, invadindo as lojas e casas e passando a conviver diariamente lado a lado com as pessoas.

Esse narrador hiperbólico faz uso de expressões exageradas combinando-as com fatos corriqueiros, e desta forma elevando estes fatos, a um status que com certeza eles não teriam. Se não sabe se deve dar uma esmola a um mendigo, cuja única doença é um pé sujo, diz *" Quando lhe descobri essa única moléstia, travou-se em minha consciência um terrível conflito. Darei o meu vintém ao homem ou não."* (Ibid 30 abr.92)Mais uma vez, esse conflito não tiraria o sono de ninguém a não ser do nosso narrador. Mas como duvidar se é mesmo um grande problema se gerou nele um *terrível conflito*?

Outra forma do cronista exagerar é a construção com três palavras, que normalmente obedecem a uma progressão crescente de valor. *"E poderá ser preso, açoitado, crucificado."(Ibid* 01maio1892) e *"Querem a caridade escriturada, legalizada, regulamentada..."(Ibid 3 abr.1892)* ou que juntas criam um reforço de idéia: *"Nós fazemos tudo por vontade, por escolha, por gosto."*(Ibid 29 maio 1892) ou ainda *"Para tudo há limite, defesa, explicação."(Ibid 05 jun 1892)*

Esta forma de exagerar era consciente em Machado que chegou a dizer que era exatamente assim que ele escrevia.

> *Eu escrevo, - não sei se lhes disse isto alguma vez, - pela língua do meu criado, imitando Moliére com a cozinheira. Ora, o José Rodrigues nunca absolutamente viu explodir uma bomba, uma granada, um simples grão de milho posto ao fogo. Para ele tudo estala, rebenta, estoura. O que ele faz, é graduar a aplicação dos verbos..." (Ibid 24 set. 1893)*

O exagero cumpre então dois papéis e torna-se relevante primeiro porque sem ele fatos tão corriqueiros podem dar a impressão ao leitor da precariedade da crônica e da sua desnecessariedade, depois porque ajudam o narrador a esculpir com precisão a imagem a ser passada. Não há como o leitor ter dúvidas, se o narrador usa três palavras para dizer praticamente a mesma coisa.

PERSONIFICAÇÃO

Ao lado da ironia e do exagero, animais, objetos e até doenças ganham vida e adquirem características humanas nas mãos de Machado.

"...as palavras aposentam-se. Algumas ainda têm o magro ordenado sem gratificação, que lhes possam dar eruditos; outras caem na miséria e morrem de fome." (Ibid 26 jan. 1896)

Não há limite para sua imaginação. Não há objetos, por mais insossos que sejam, que não possam nas crônicas machadianas, de uma hora pra outra, se tornarem personagens com vontade e pensamentos próprios.

Com certeza, animais falantes são seus preferidos. Os pombos da praça pousam em seus ombros e comentam o câmbio. As borboletas e as aranhas dançam a tarantela. Mas são os burros que mais têm espaço nas crônicas de *A Semana*, de alguma forma esses animais mexiam com o cronista, pois eles já apareciam nas crônicas de Machado, anos antes, desde a série "*História de quinze dias*", em que admite não gostar de cavalos e gostar muito mais dos burros. É com freqüência que eles falam, pensam e agem como filósofos. São sempre bons, sensatos e mais justos que os homens e, como nas fábulas, dispostos a deixar para os humanos uma lição de sabedoria. (Ibid 08 abr. 1894). Eles fazem exames de consciência antes de morrer, falam inglês (Ibid 10 jun. 1894) e pedem punição para aqueles que os maltratam.

Justamente os animais que os homens consideram menos inteligentes, são os escolhidos pela ironia machadiana para demonstrar sabedoria, colocando os seres humanos como os últimos numa escala social.

É clara a influência de La Fontaine sobre Machado. Já havia dito, em crônica da década de 1880, como foi citado anteriormente neste trabalho, que ele era o próprio La Fontaine. Chega a comentar esta influência e a construir uma crônica inteira sobre animais falantes, conversando com eles depois de um longo período de chuvas como se fosse Noé. (Ibid 01 jul. 1894).

Dando voz a animais e objetos, Machado falava por eles, fazia críticas que não gostaria de colocar em sua própria boca. De forma quase ingênua, como nas fábulas, o cronista ia dizendo tudo o que queria e cutucando a sociedade de sua época.

HUMOR

Distinguimos neste estudo, humor de ironia, porque realmente são coisas distintas. Nem sempre, como já foi dito acima, a ironia busca riso, como também se pode brincar sem a utilização do recurso da ironia. Machado dizia sempre que a crônica não era um espaço para assuntos muito sérios e pesados e tentava compensar o leitor sempre que tratava desses assuntos, aliviando-os com brincadeiras, com bom humor.

Assim no meio de uma longa e séria exposição que toma quase toda a crônica acerca do câmbio e da venda da Central do Brasil, o cronista sai com essa:

> *Neste conflito de remédios ao câmbio e às finanças, invoquei a Deus, pedindo-lhe que, como a Tobias, me abrisse os olhos. Deus ouviu-me, um anjo baixou dos céus, tocou-me os olhos e vi claro. Não tinha asas; trazia a forma de outro economista, que publicou anteontem uma exposição do negócio assaz luminosa."* (Ibid 08 mar.96)

Depois dessa quebra, o cronista se sente à vontade para ser sério novamente. Analisemos que o fato de se chamar de anjo alguém que chega com uma solução luminosa para um problema, não é irônico, e sim um elogio. A brincadeira aparece na invocação a Deus, no fato de Deus tê-lo ouvido e tocado seus olhos.

Outras vezes a situação era séria, mas o absurdo da situação era tamanho que só brincando mesmo. Desta forma, o cronista escreve que num dia de eleição, a sua seção estava fechada, sem mesário, sendo que a urna, livros e ofícios estavam abandonados simplesmente no meio da rua. Enquanto esperavam pela chegada de algum mesário, a meia dúzia de eleitores discutia, para passar o tempo, como se fosse uma brincadeira inocente, quem nasceu primeiro, se o ovo ou galinha. As opiniões se dividiram e com bom humor o cronista faz com que até o galo ganhe um voto, ao contrário dos políticos que devido à desorganização do processo eleitoral ficaram sem nenhum, quando todos resolveram ir embora sem votar. A crítica havia sido feita, mas em nenhum momento ela foi explícita.

O estranhamento de Machado frente aos fatos aparecia no seu discurso humorístico que tinha um apelo muito maior do que se o cronista tivesse optado por um discurso sério e inflamado. Ao ridicularizar instituições e atos, principalmente governamentais, os desmoralizava de forma muito mais eficiente.

DIDATISMO

Para falar do didatismo, é preciso lembrar que durante toda sua atividade de cronista, desde outras séries de crônicas, o bruxo do Cosme Velho chega a chamar o seu leitor de "discípulo amigo".(Ibid20 jan.95) e se vê muito mais como um professor do que como um bruxo propriamente dito.

" Estudemos; é o melhor conselho que posso dar ao leitor amigo; estudemos...Temos duas lições e podíamos ter sete ou oito; mas eu não sou professor que empanzine a estudantes de boa vontade." (Ibid 13 out. 1895)

Mais uma vez tenta mostrar ao leitor de que tipo de professor está falando. Já que não "empanzina o estudante", significa que tem bom senso, uma lição de cada vez e ainda reafirma que as lições óbvias não valem a pena.

Ele próprio lembra que sua missão é extrair a lição dos fatos: *"O meu fim não é contar os atos ou comentá-los; onde houver uma lição útil é meu gosto e dever tirá-la e divulgá-la como um presente aos leitores; é o que faço aqui."* (Ibid 22 nov. 1896) E muitas vezes suas lições tinham entre seus leitores alvo certo, como quando deseja que os debates das câmaras sejam publicados na íntegra, e se dirige explicitamente àqueles que de alguma forma deveriam fazer o que o mestre ensina: *" Se algum membro ou ex-membro do congresso, me lê, espero que providenciará...."*(Ibid 13 dez.96)

Um professor ensina, daí a necessidade de ser didático, dominar a técnica para alcançar o aprendizado de seus alunos, o que não quer dizer, no caso das crônicas, que necessariamente isto precisasse estar o tempo todo, como mostrado acima, explicitado, as lições podiam vir bem escondidas no meio do texto para que o leitor as apreendesse e aprendesse sem perceber. O didatismo do qual Machado se utiliza não apenas esclarece, ensina os significados, expõe teorias, mas também aponta soluções. Como por exemplo, quando se refere ao eleitores que por qualquer razão não votam e têm o título de eleitor, defende que o mesmo seja confiscado do seu dono.

"Uma lei de desapropriação com processo sumário que tirasse o título ao eleitor remisso, três dias antes da votação, e o desse a quem mais desse, seria a forma legal de restituir àquele papel os seus efeitos." (Ibid 27 dez. 1896)

Ao praticar o didatismo, o autor tenta convencer o leitor, que o faz praticamente por diletantismo. É o bom cidadão tentando resolver pequenos e grandes problemas da sociedade

sem qualquer interesse outro que não seja o bem estar de todos. Na briga entre companhias teatrais nacionais e estrangeiras, tenta satisfazer as duas partes. Sugere uma taxa moderada às companhias estrangeiras e isenção de taxas às companhias nacionais. Fundamenta seu ponto de vista:

> *"Creio que assim se cumprirá o dever de animar as artes, sem distinção de origens, ao mesmo tempo que se protegerá a arte nacional. Que importa que,* ao lado *dela seja protegida a arte franco-brasileira? Esta é um fruto local; se merece menos que a outra, não deixa de fazer algum jus à equidade."* (Ibid 13 dez. 1896)

E reconhece que sua idéia é boa, pertinente, que pode ser posta em prática a qualquer momento, que mereceria até pagamento, mas completa *"Aí fica a idéia; é exeqüível. Não a dou por dinheiro, mas de graça e a sério." (Ibid)* Poderia se imaginar, à primeira vista e pelo exemplo acima, que é apenas um homem de bom senso que usa um espaço na imprensa para dar idéias lógicas e "totalmente imparciais" que os administradores ou responsáveis pelas leis, simplesmente não pensaram

Ora, Machado tem opinião e sugestão a fazer a respeito de quase tudo que ronda a sociedade fluminense do século XIX. Suas crônicas jamais poderiam ser chamadas de imparciais, pois é possível perceber os juízos de valor que o autor emprega, toda vez que é didático, e sua vontade de interferir na sociedade, que já foi apontada em outro capítulo. Era sua maneira de fazer política sem ter sido jamais eleito para qualquer cargo público.

COMPARAÇÃO

Outro recurso muito utilizado pelo cronista é a comparação. Tudo vale uma boa comparação.

> *Aqui vai agora como eu separo as liberdades teóricas das liberdades práticas. A liberdade pode ser comparada às calças que usamos. Virtualmente existe em cada corte de casimira um par de calças; se o compramos as calças são nossas. Mas é mister talhá-las, alinhavá-las, prová-las, cosê-las e passá-las a ferro, antes de se vestir. Ainda assim há tais que podem sair mais estreitas do que a moda e a graça requerem. Daí esse paralelismo da liberdade do voto e da limitação dos criados e das bestas. É a liberdade alinhavada. Não se viola nenhum direito; trabalha-se na oficina. Pronta as calças, é só vesti-las.(Ibid 10 maio 1896)*

Quem pensaria em comparar liberdade com calças? Não há qualquer ponto de semelhança que nos remetesse de um ponto ao outro antes de ler o parágrafo acima, e depois de lê-lo parece que é a comparação mais inteligente, mas nem por isso, óbvia. A riqueza das comparações machadianas surpreende o leitor, não apenas na quantidade, mas na qualidade, justamente por buscar a originalidade, o inédito.

O próprio Machado percebe a utilização e a necessidade de comparações. Diz que *"todas as comparações estão na natureza. A questão é sabê-las achar e compor."* (Ibid 25 fev. 1894) A comparação machadiana busca não ser evidente, mas ela sempre auxilia o autor a compor uma imagem para o leitor. Aliás, a imagem é o mais importante, ela permite que escritor e leitor enxerguem sob o mesmo ângulo, restringindo a imaginação do leitor que poderia voar para campos que não interessam ao cronista. Ao usar imagens, Machado não está apenas sendo mais claro nas explanações de suas idéias, ele está guiando o leitor, fazendo-o interpretar os fatos sob a mesma ótica do que ele. Ao já dar a comparação, Machado de Assis não permite outra analogia, o leitor "compra", sem perceber, a comparação como se fosse sua. Essa busca de Machado pela imagem, não era intuitiva, mas um processo de carpintaria textual consciente, como pode se verificar por suas próprias palavras, em crônica que desejava terminar: *"Pena da minha alma, vai afrouxando os bicos, diminui esse ardor, não busque adjetivos, nem imagens, não busques nada, a não ser o repouso..."*

Cada comparação vinha carregada de valores e opiniões que o autor queria passar. Às vezes, as comparações se encaminhavam para outras comparações, como por exemplo, quando o autor compara eleição com loteria e ambas, em virtude da grande quantidade de bilhetes em branco, com o evangelho, *"onde também os chamados são muitos e os escolhidos são poucos."* (Ibid 25 fev 1894)

Uma comparação bem escolhida era festejada pelo autor como um achado:

> *"A vida, por exemplo, comparada a um banquete é idéia felicíssima. Cada um de nós tem ali o seu lugar; uns retiram-se logo depois da sopa, outros antes do coup du milieu, não raros vão até a sobremesa...Há sopas execráveis, peixes podres e não poucas vezes esturro. Mas uma vez que a gente se deixou vir para a mesa, melhor é ir farto dela para não levar saudades."* (Ibid 01 jan 1894)

Quem não aceitaria tal comparação? Ela é perfeita, convincente, nos faz acreditar que nem tudo é gostoso, mas que é necessário provar de todos os pratos nesta vida, para se sair da mesa realmente satisfeito.

Mas o fato de comparar a vida a um banquete em uma crônica não significa que fosse essa imagem utilizada recorrentemente. Da próxima vez a vida poderia ser qualquer outra coisa. Da mesma forma, a alma humana, talvez sua maior preocupação.

> *"Se eu houvesse de definir a alma humana.. .diria que ela é uma casa de pensão. Cada quarto abriga um vício ou uma virtude. Os bons são aqueles em que os vícios dormem sempre e as virtudes velam e os maus..."(Ibid 13 out. 1895)*

Suas comparações são sempre com figuras do cotidiano das pessoas. Não busca elementos eruditos ou figuras desconhecidas, e elas ajudam a cumprir o didatismo a que se impõe, além disso, são um recurso poderoso que permite que o cronista comente fatos indigestos. Um bom exemplo é quando Machado compara desfalques a amores enganados que doem muito, mas que o tempo acaba por matar e enterrar. (Ibid 15 nov. 1896)

REPETIÇÃO

Já a repetição não permite outra leitura que não seja a intenção de reforçar algo, para quaisquer fins, sejam humorísticos, sérios, ou mesmo para a negação. Mas não seria a repetição, apenas uma forma de exagero? Não. A repetição amplia e modifica o significado.

Como lembrou Gilberto de Mendonça Teles:

> *O objetivo da repetição é o de ativar a imaginação e levar o leitor a prolongar em si aquele instante do ato criador em que o esforço da intuição e da inteligência pressiona o material lingüístico, amoldando-o ao individualismo da fala, ou do estilo. Sendo, pois, um processo eminentemente estilístico (na estilística da língua e na da fala), a sua eficácia ultrapassa 'aqueles golpes sucessivos que esmagam a idéia' e que, segundo Bally, se verificam toda vez que em lugar de repetir uma palavra, substituímo-la por sinônimos. Ultrapassa e se dirige ao espírito, adquirindo também natureza emocional, atuando efetivamente."(TELES,. 1970. p.48)*

A repetição nas crônicas de *A Semana* se dá de duas formas diferentes. A primeira é a repetição imediata de um termo ou de uma frase *"também eu te vi caminhar, caminhar, caminhar sempre, naquela madrugada dos meus anos, tão remota" (ASSIS, GazNot. 30 abr.*

1892), recurso que o próprio cronista atribui ao hábito de ter metrificado em criança e que busca valorizar, destacar ou prolongar uma ação como no caso descrito acima, ou um estado. A segunda,é a repetição de uma palavra ou expressão ao longo de toda crônica, amarrando os diversos assuntos tratados e muitas vezes colocando-os numa mesma gradação de valor. É o caso da crônica de 15 de maio de 1892 em que a palavra "ovo" aparece nada mais nada menos do que 15 vezes, em que fatos da política, a carta que um leitor escreve para a namorada, a descoberta da América, "tudo é ovo." O próprio cronista reconhece: *"Se esta crônica não é uma fritada. é só porque lhe falta cozinheiro."* É óbvio que a referência, neste caso, é à fritada no sentido literal, porque a fritada imaginária qualquer leitor foi capaz de fazer.

A repetição também é uma ferramenta que auxilia o didatismo a que o autor se impõe. Um professor repete, quantas vezes forem necessárias, ate que o aluno entenda ou absorva a lição. Se a lição é reconhecidamente mais difícil de ser compreendida, o professor a repete, antes mesmo que surjam as primeiras dúvidas de seus alunos.

ORALIDADE

Por fim, a oralidade, o último dos elementos listados acima, está intrinsecamente ligado ao gênero crônica. Um texto que ambiciona conquistar o leitor de jornal, no caso de Machado num domingo, dia de descanso, e que fale de coisas miúdas, comente-as como um amigo ou um vizinho, não pode ser formal. É condição primeira que deva se assemelhar a uma boa conversa, prazeiroza, num tom coloquial. Quase todas as expressões conhecidas, largamente utilizadas na linguagem oral aparecem na crônica machadiana, como por exemplo, quando dizemos "*eu estava falando mesmo do quê? Ah...*" ou "*Antes de ir adiante, deixem-me pôr aqui uma observação...*", ou ainda "*Mas como eu ia dizendo...*"

Como já citamos anteriormente, era comum Machado utilizar expressões que indicam esquecimento, como "perder o fio da meada", freqüentes no discurso oral, mas estranhas ao texto escrito. *"Não sei bem onde tínhamos ficado, antes desta digressão."*(Ibid 12 jun. 1892) Pode até ser que o escritor após a digressão, realmente tivesse que voltar e ler o início do texto para retomar o fio da meada, mas isso não precisava ser comunicado ao leitor, entretanto, o cronista sempre o faz, sem se preocupar se com isto, perdia a fluidez de texto culto porque por outro lado tornava o texto muito mais próximo do seu leitor. Era o

amigo ou vizinho comentando fatos e tecendo comentários, a quem Machado procurava se igualar.

O próprio fato do narrador, conversar com o leitor em inúmeras crônicas remetem à oralidade. Mesmo que esse não respondesse, o narrador fazia perguntas, advertia, elogiava, reclamava ao leitor como se este estivesse presente ao lado do escritor na feitura da crônica.

As crônicas de *A Semana* têm frases curtas que dão clareza e agilidade ao texto, e que muitas vezes são fundamentais para compor a história que o narrador está contando, principalmente quando se trata de uma cena de ação. É quase possível ouvir o narrador:

> *Para mistério, mistério e meio. Saí dali, corri à casa de um armeiro, onde comprei algumas espingardas e bastante cartuchame. Além disso, com o pretexto de saudar o dia 21 de abril, alcancei por empréstimo duas peças de artilharia. Assim armado, recolhi-me à casa, jantei, digeri e meti-me na cama. Naturalmente não dormi; mas também não vi a aurora, nem o sol de quinta-feira. Portas e janelas fechadas. (Ibid 23 abr. 1893)*

São crônicas escritas predominantemente em primeira pessoa do singular, mas com freqüência, elas passam para a primeira pessoa do plural, com o claro propósito de incluir o leitor, ou seja, o narrador não deseja ficar sozinho em algumas afirmações, ou pelo menos usando a primeira pessoa do plural fazer com que ele e o leitor se encontrem nas mesmas condições frente aos fatos. Machado passa do singular para o plural, volta para o singular, diversas vezes numa mesma crônica, sem que isso em nada prejudique o texto.

Da mesma forma narra os fatos em terceira pessoa do singular e os intercala com várias frases em primeira pessoa, exatamente como a maioria das pessoas procede ao contar uma história. O último parágrafo da primeira crônica de 1896 é um bom exemplo:

"*Adeus.* (o narrador se despede) *O Sol arde, as cigarras cantam, um cão late, passa um bonde.* (os fatos se sucedem em terceira pessoa) *Consolemo-nos com a idéia de que um dia, de todos estes fenômenos - nem o Sol existirá.* (O narrador quer que o leitor também se console). *É banal, mas o calor não dá idéias novas.* (O calor não dá idéias novas a quem?

Nesse caso, o narrador não assume que é ele que não tem idéias novas e prefere deixar indefinido). *Adeus.*" (novamente o narrador se despede) (Ibid 05 jan.1896)

O interessante é que durante a crônica, o narrador se utiliza inúmeras vezes deste recurso, de acordo com suas necessidades, sem que o leitor se dê conta disto. Como muitas vezes também o leitor é colocado como um telespectador, principalmente quando Machado se utiliza do discurso direto entre personagens, ou mesmo um monólogo de um personagem. Analisemos o trecho abaixo:

> "*- Eu, sr. Maciel, diz a moça examinando as agulhas, sempre tive confiança no cavalo.*
>
> *Ele, debruçando-se:*
>
> *- Creia, D. Mariquinhas, que é animal seguro. O burro não é menos, mas o cavalo é muito mais. As agulhas servem?*
>
> *Talvez o leitor não entenda bem esse esclarecimento. D. Mariquinhas entende, dá dois dedos de palestra, cinco em despedida e vai direto mandar comprar no cavalo.*"(Ibid 12 jan. 1896)

Por que o diálogo? Pela força que o mesmo contém. Uma coisa é dizer que nas lojas de armarinho, o balconista dá dicas do jogo do bicho para suas freguesas, a outra é mostrar exatamente como isto se dá, de forma natural, quase ingênua, mesmo parecendo absurdo aliar o jogo do bicho a um ambiente de agulhas e linhas freqüentado por moças e senhoras "decentes". Machado de Assis vai se utilizar do diálogo, sempre que seja preciso que o leitor "veja" e "escute" por si próprio. O diálogo reforça aquilo que o narrador afirma, trazendo ou levando o leitor para a cena do fato. A linguagem remete à imagem. Mesmo que o diálogo seja fictício inventado pelo cronista, ele dá a impressão de ser real.

Desmembrando os elementos constitutivos da crônica machadiana dessa forma, como fizemos até agora, pode parecer a um leitor deste trabalho que basta misturar todos esses elementos para se escrever como Machado fazia. Ledo engano. A esses elementos junta-se uma sensibilidade excepcional para alinhavá-los e um poder de observação

surpreendente, capaz de captar o detalhe que a grande maioria acha irrelevante e elevá-lo a condição de fato importante, e pelo seu olhar permitir ao leitor uma nova perspectiva.

Dentre as 248 crônicas analisadas e cujos muitos trechos aqui aparecem demonstrando as conclusões a que este trabalho chegou, existem várias crônicas representativas de toda série, mas achamos por bem eleger apenas uma para que este trabalho não se tornasse cansativo, e que acreditamos representa não só a estrutura que explicamos acima, em termos de construção literária, mas que também e principalmente porque a escolhida traz o tom e a essência da crônica machadiana.

A SEMANA – 11/07/1893

"Antes de relatar a semana, costumo passar pelos olhos os jornais de sete dias. É um modo de refrescar a memória. Pode ser também um recurso para achar uma idéia que me falha. As idéias estão em qualquer coisa; toda a questão é descobri-las.

Há algumas idéias boas nesta casaca, dizia o alfaiate de um grande poeta. Es liegen einige gute Ideen in diesen Rocke. Quantas não acharia ele em uma loja de casacas da rua Sete de Setembro...Não digo o número, para me não suporem sócio comanditário;mas procurem nos anúncios. Note-se que nada houve mais casual do que a achada deste anúncio, porque a semana foi, entre todas, cheia de lances, debates, cóleras, acontecimentos, notícias e boatos; tais coisas não deixam tempo à leitura de anúncios. Mas eu ia a dobrar uma folha para passar à outra, quando ele me chamou a atenção com as suas grossas letras normandas, e um título por cima.

Nada mais simples: "Casacas e coletes para todos os corpos; alugam-se na rua..." Isto só, e não foi preciso mais para esquecer por instantes o resto do mundo. Uma pedrinha, uma folha seca, um fiapo de pano, têm dessas virtudes de exclusão e absorção! Eis aqui uma pequena concha velha, enegrecida, sem valor nem graça; foi arrancada a um sofá de concha – como eles se faziam antigamente – de uma chácara sem cultura, em que há uma casa sem concerto, paredes sem caio, varanda sem limpeza, tudo debaixo de muitos anos sem regresso. Muitos, mas não tantos que não caibam na pequena concha enegrecida, que os encerra a todos, com os seus óbitos e núpcias, alegrias e desesperos. Tornemos às casacas e coletes de aluguel.

Quando acabei de ler o anúncio, entrei a malucar. Imaginei um baile, para o qual fossem convidados cem homens que não possuíssem casaca, nem dinheiro para mandar fazê-la. Comparecimento obrigado; corriam todos à loja; onde havia justamente cem casacas e cem coletes.

É muita imaginação; mas eu não estou dosando um elixir para cérebros práticos. Estou contando o que me aconteceu. Naturalmente, os fregueses não correram a uma; como, porém, tinham poucas horas, houve certa aglomeração. Os matinais levaram as casacas mais adequadas: os retardatários saíam menos bem servidos. De quando em quando, um trecho de diálogo:

- *Aquela que aquele sujeito está vestindo, é que me servia.*
- *Se ele não ficar com ela...*
- *Fica, mandou embrulhar.*
- *Não importa; as casacas agora usam-se um pouco folgadas. As pessoas magras como o senhor, precisam justamente de arredondar a figura. Menino, embrulha esta casaca. Que é que o senhor quer?*
- *Acho esta casaca demasiado estreita, comprime-me as costelas; a gola enforca-me...*
- *Mas então o senhor queria meter o seu corpo num saco? As pessoas cheias precisam disfarçar qualquer excesso de gordura vestindo casacas apertadas. Demais, é a moda.*
- *Assim, com estas abazinhas pendidas lá atrás?*
- *É boa! Então as abas deviam estar adiante? As abas da casaca não são feitas para os olhos da pessoa que as põe, mas para os dos outros. As suas estão muito bem. Veja-se a este espelho, assim, volte-se,volte-se mais, mais...*
- *Não posso mais, e não vejo nada.*
- *Mas, vejo eu, senhor!*

A última casaca foi alugada sem exame, não havia onde escolher, e o comparecimento era obrigado.

Corria a espiar o baile. Os cem convidados tinham acabado de dançar uma polka e passeavam pelos salões as suas casacas alugadas. Vi então uma coisa única. Metade das casacas não se ajustavam aos corpos. Vi corpos espremidos em casacas estreitas; outros, magros, nadavam dentro de casacas infinitas. Alguns, de pequena estatura, traziam abas que pareciam buscar o chão, enquanto as golas tendiam a subir pelos lustres. Outros, de tronco extenso e pernas compridas,

pareciam estar de jaqueta, tal era a exigüidade das abas. E jaqueta curta, porque mal passava da metade do tronco.

Deu-me vontade de apitar, como nos teatros, quando se faz mutação à vista, a fim de ver trocadas as casacas e restituída a ordem e a elegância; mas nem tinha apito comigo, nem era certo que a troca das casacas melhorasse grandemente o espetáculo. Quando muito aliviaria alguns corpos e daria a outros a sensação de estarem realmente vestidos; nada mais. Havia satisfação relativa em todos, posto que nem sempre; uma ou outra vez, detinham-se, lançavam um olhar rápido sobre si e ficavam embaraçados, ou então buscavam um canto ou vão de janela. Consolava-os a vista dos companheiros; persuadiam-se talvez de que era uma epidemia de casacas mal ajustadas. A música chamava à dança; todos corriam a convidar pares.

Quando a minha imaginação cansou, deixei o baile e recolhi-me ao gabinete. Vi as folhas de papel diante de mim, esperando as palavras e as idéias. E eu tive uma idéia. Sim, considerei a vida, remontei os anos, vim por eles abaixo, remirei o espetáculo do mundo, o visto e o contado, cotejei tantas coisas diversas, evoquei tantas imagens complicadas, combinei a memória com a história, e disse comigo:

- *Certamente, este mundo é um baile de casacas alugadas.*

Meditei sobre essa idéia, e cada vez me pareceu mais verdadeira. Os desconcertos da vida não têm outra origem, senão o contraste dos homens e das casacas. Há casacas justas, bem postas, bem cabidas, que valem o preço do aluguel; mas a grande maioria delas divergem dos corpos, e por ventura os afligem. A dança dissimula o aspecto dos homens e faz esquecer por instantes o constrangimento e o tédio. Acresce que o uso tem grande influência, acabando por acomodar muitos homens à sua casaca.

Condoído desse melancólico espetáculo, Jesus achou um meio de corrigir os desconcertos, removendo deste mundo para o outro a esperança das casacas justas. Bem-aventurados os mal encasacados, porque eles serão vestidos no céu! Profetas há, porém que entendem que o mal do mundo deve ser curado no próprio mundo. E muitos foram os alvitres; vários os processos, alguns não provaram nada, outros dizem que serão definitivos. Pode ser; mas o mal está no único ponto de serem alugadas as casacas. Que a fortuna ou a providência, com a melhor tesoura do globo, talhe as casacas por medida e as prove uma e muita vez no corpo de cada pessoa, e não as haverá largas nem estreitas, longas nem curtas, todas parecerão ter sido cosidas na própria pele dos convidados. Sem isso, o baile será esplêndido pela profusão de luzes e flores, pelo serviço de boca, pela multidão

e variedade das danças, mas não haverá perdido este pecado original de ser ele um baile de casacas alugadas."

É impossível ler a crônica acima, sem ao menos esboçar um sorriso. É o humor machadiano, sarcástico, zombando da ingenuidade dos homens, construindo uma história fantástica, usando da melhor ficção para fazer a crítica da sociedade, essa sim real, que tenta se ajustar.

Logo no primeiro parágrafo, Machado já fala de seu hábito de procurar nos jornais o assunto para as crônicas, lembrando que toda e qualquer idéia vale, e também sem medo de admitir que este expediente é necessário, pois em sete dias a sua memória pode esquecer algum fato.É o narrador contando ao seu"amigo leitor", o expediente utilizado pelo cronista, criando a cumplicidade. A familiaridade se estende à Rua Sete de Setembro que todos conheciam e que tornava o cenário comum. Para completar o cronista se vale da oralidade e conversa com o leitor ao dizer que não diz o número da loja, mas manda que procure nos anúncios.

Quem imaginou que o cronista se deteve no anúncio pela falta de assunto, rapidamente teve que admitir o engano, já que o próprio lembra que a semana havia sido cheia de acontecimentos, mostrando mais uma vez que era ele, o cronista, quem decidia se comentava o grande fato ou o caso miúdo.

Antes de partir para o assunto central da crônica, Machado se deixa levar pelas digressões sobre coisas banais como a capacidade que uma simples pedrinha ou uma folha seca tem, de nos desviar a atenção, que também era o caminho habitual do cronista que gostava de deixar voar o pensamento sem perder o fio da história a ser contada e retornando " às casacas e coletes de aluguel."

Até este ponto, o narrador havia lido o anúncio e passa então a imaginar o baile. Ele próprio avisa ao leitor que é só imaginação, mas de repente percebemos como o narrador se torna personagem de sua própria história quando diz "*Estou contando o que me aconteceu*". Ora, nada aconteceu de verdade, é quase como se o narrador estivesse mostrando ao seu leitor que ele também entrou na história, acreditou nela, e convidando o leitor a embarcar junto com ele no jogo da imaginação.

O uso dos diálogos permite que se construa as imagens pretendidas pelo escritor. É possível "enxergar" o pobre cliente experimentando uma casaca que lhe cai de forma ridícula e o vendedor irônico a convencer que a mesma lhe cai bem e que "é a moda". O cronista se diverte fazendo com que o personagem além de ingênuo, ridiculamente vestido, ainda faça papel de bobo se virando, virando... para olhar no espelho as abas da casaca impossíveis de serem vistas.

Durante o baile, Machado é o observador, ao mesmo tempo, próximo o suficiente para tudo ver, porém distante o bastante para não perder a capacidade crítica de analisar o absurdo da situação. Diz que teve vontade de apitar e tentar arrumar aquele descompasso de casacas trocadas, mas não o faz porque conclui que pouco adiantaria, nota até que havia uma satisfação relativa em todos, e porque é exatamente essa a personalidade do narrador que se confunde com a de Machado, que foi um homem da pena e não de ação. Sua pena faz denúncias, críticas, alerta, ensina, mas cabe a cada um ou à sociedade a tomada de atitude, a transformação, e se não a fazem é porque se contentam com a tal satisfação relativa.

Quando a imaginação se cansa e volta o escritor á realidade da crônica para suas considerações, é importante deixar claro ao leitor que não são considerações assim, sem mais nem menos, é a hora do cronista exagerar, repetir a mesma idéia usando palavras diferentes para mostrar o trabalho que ele teve ao considerar a vida, remontar os anos, vir por eles abaixo, remirar o espetáculo do mundo, evocar tantas coisas, tantas imagens, combinar a memória com a história, para enfim fazer a comparação que arremata a história de que "*este mundo é um baile de casacas alugadas.*"

Outro cronista talvez tivesse terminado aí a sua crônica, mas para Machado ainda dá tempo de ser didático, reexplicar sua idéia de desajuste entre os homens para poder fazer a crítica à igreja católica que, se não consegue consertar os males do mundo no próprio mundo, sempre tem o céu para prometer aos infelizes.

5.3.1.A escolha de assuntos

> *"Os acontecimentos parecem-se com os homens. São melindrosos, ambiciosos, impacientes. o mais pífio quer aparecer antes do mais idôneo, atropelam tudo, sem justiça nem modéstia..."*
>
> **A Semana 04/12/1892**

Os assuntos que dominavam as páginas da *Gazeta de Notícias* nesses cinco anos são a anistia, o saneamento da cidade, o divórcio, o serviço dos correios, a Revolta da Armada, problemas na Escola Politécnica e Antonio Conselheiro. Nem todos esses vão ser objeto de preocupação da pena do cronista, que, se podia eleger um fato insignificante e sobrepujá-lo a um muito mais importante, também tinha a liberdade de ignorar aquilo que lhe aprouvesse. Por exemplo: não há uma única linha a respeito da Escola Politécnica, mesmo que quase diariamente no ano de 1896, a Politécnica estivesse nos jornais por causa de uma greve de professores. O Machado cronista da maturidade estava muito distante daquele do *Diário do Rio de Janeiro* que seguia até a ordem em que as notícias apareciam no jornal para comentá-las.

Em 30 de agosto de 1896, faz uma crônica inteira de fatos miúdos que os grandes faziam questão de abafar, sem deixar de anunciar que era essa a sua intenção. Diz estar agindo como Jesus que pediu para deixar vir a ele os pequeninos. E vai chamando os fatos, lembrando que são obscuros ou "pequeninissimos." Machado tinha consciência de que mesmo uma idéia batida, poderia ser renovada constantemente pelo talento do escritor, a tal ponto do próprio achá-la completamente nova. Desta forma, nenhuma idéia era considerada ruim ou poderia ser desprezada, tudo poderia ser assunto das crônicas.

Mas talvez a escolha do quê comentar numa semana que vinha rica em acontecimentos, não fosse uma tarefa fácil. É preciso lembrar que a coluna era semanal, que muitos fatos se deixados para a crônica seguinte poderiam perder seu significado inicial, a coluna também tinha um tamanho limitado, por isso que a escolha de assuntos revela tanto

de seu autor, que mostrava sua indecisão quanto aos acontecimentos quando estes eram muitos:

> *"E quando todos são graves? Então é que é ver um miserável cronista, sem saber em qual pegue primeiro. Se vai ao que lhe parece mais grave de todos, ouve clamar outro que lhe não parece menos grave, e hesita, escolhe, torna a escolher, larga, pega, começa e recomeça, acaba e não acaba..."* (Ibid 4 dez. 1892)

Um assunto recorrente em suas crônicas são os envenenamentos que ocorriam com certa freqüência, em virtude de medicamentos aviados errados ou tomados inadequadamente, a que Machado sempre dizia que era preciso ter mais cuidado, uma espécie de prestação de serviço completamente didática: "*Um pouco mais de cuidado, um pouco menos de distração, ou de ignorância, evitarão males futuros.*" (*Ibid 5 jul. 1896)* Em outros momentos, os mesmos envenenamentos são ironicamente tratados pelo escritor que vê neles um mal necessário, como o uso de cobaias para verificar a eficácia dos medicamentos. Machado variava o tom, mas sua intenção era clara, a de chamar a atenção da população, das autoridades e dos próprios farmacêuticos para o absurdo destas mortes.

Em 1894, todos os dias até o final do conflito, a *Gazeta de Notícias* trazia na primeira página, sob o título "A Revolta", o andamento da Revolta da Armada, descrevendo o movimento dos navios e lanchas, os tiros e ataques dos dois lados, o que conhecemos hoje no jornalismo como suíte, ou seja, uma notícia que continua, dia após dia. "A Revolta" ocupava quase diariamente o canto superior esquerdo da primeira página, menos aos domingos, quando cedia esse espaço para a crônica *A Semana*, o que nos dá uma perfeita idéia do prestígio e importância da mesma. O que não significava que Machado se ocupasse da mesma semanalmente.

Dentre o tema política, o movimento da Câmara é seu assunto predileto. Diz várias vezes que sempre gostou de ocupar as galerias e assistir aos discursos, o que pode ser verdade não apenas para o narrador de *A Semana*, mas também para Machado de Assis. As eleições municipais, estaduais e até de outros estados como Bahia, também era assunto constante. Zombava da falta de organização das eleições e das prováveis fraudes como haver

mais cédulas do que eleitores em alguns distritos(Ibid 27 jan. 1895). Várias vezes também se deteve a analisar o parlamentarismo, como falou da criação do partido em 1895.

Não há nada mais contraditório em Machado ou em seu narrador de *A Semana*, do que suas afirmações em relação à política. Como já foi dito neste trabalho, era um eterno dizer e desdizer. A política dominava as crônicas enquanto assunto, mas seu narrador insistia em comentar os fatos políticos e em seguida apontar sua incapacidade de fazê-lo ou sua aversão à matéria. Entretanto em outras crônicas saía com afirmações como esta a seguir, que demonstra que acreditava que política e literatura não eram tão estranhas assim *" E eu gosto de ver a política entrar pela literatura;anima a literatura a entrar na política, e dessa troca de visitas é que saem as amizades."* (Ibid 13 maio 1894)

A não ser pela política, como já dissemos anteriormente, nenhum outro tema vai ser tão discutido como a própria crônica. Desde a dificuldade de escrever semanalmente, o tipo de texto que deveria ocupar aquela coluna, até como se dá a construção literária, e nesse caso a palavra construção tem realmente seu sentido literal para o cronista. Ele faz comparações entre um cronista e um pedreiro, o qual Machado chama de pedreiro literário justamente para que associemos o trabalho de escrever a crônica a um trabalho árduo, suado, construído tijolo a tijolo. *"É o nosso ofício de pedreiros literários. A vantagem é que, enquanto trabalhamos de trolha, a idéia aparece, ou a memória evoca um simples fato, e a pena refaz o aço e o escrito continua direito."* (Ibid 24 maio 1896)Também não deixa de aliar a crônica às suas próprias características ou condições de alma. Por exemplo:

"Quanto ao tom assustadiço da Semana, saibam que é natural, e podem lançá-lo a conta da melancolia com que acordei hoje."

ou ainda,

"A boa regra para quem empunha uma pena é só tratar do que pode dar de si algum suco, - uma idéia, uma descoberta, uma conclusão. Não dando nada, não vale a pena gastar papel e tinha; melhor é abrir a janelas e ouvir o passaredo..."(Ibid 28 jun.1896)

A crônica estava intimamente ligada às condições emocionais do autor, que não omite e nem pretende omitir, esta condição que influencia tão fortemente o texto. Pelo

contrário, Machado faz questão de a deixar claro, desde que, esta revelação o auxilie na construção do caminho pelo qual está levando o leitor. Não podemos esquecer que nada em se tratando de Machado de Assis é gratuito. Por outro lado, o escritor não permite que as crônicas sejam tristes. Quando os assuntos vão levando-a por este lado, o cronista percebe, interrompe dizendo não ser aquele um lugar para tristeza e muda de assunto.

"Não, não quero sangue, nem loucuras, nem equívocos de boticários. A perda da vida ou da razão não é coisa própria deste lugar" (Ibid 19 abr. 1896)

ou ainda:

"Não quero entrar pela tristeza; por isso não direi nada daquele moço que tentou matar-se por amar a uma moça de Campos que o não amava."(Ibid 01 mar.1896)

Por fim:

"A crônica não gosta de lembranças tristes, por mais heróicas que sejam, não vai para epopéias, nem tragédias. Coisas doces, leves, sem sangue nem lágrimas."(Ibid 01 de jan. 1894*)*

Essa opção por temas mais leves, ou mesmo aqueles mais difíceis como a política, mas tratados de forma mais suave, foi várias vezes justificada por Machado pela necessidade de agradar e prender o leitor, que podia abandonar o jornal caso se sentisse enfadado.

Se fôssemos eleger o cenário das crônicas, é claro que seria o Rio de Janeiro, explicitamente referenciado, mas mais especificamente a Rua do Ouvidor, que funciona ao mesmo tempo de pano de fundo, mas também de assunto costumeiro do narrador durante os cinco anos que durou a série. Em algumas crônicas ele é contra o seu alargamento, em outras o defende, como se estivesse com raiva da rua por causa da boataria.

Ninguém ignora que nesta cidade os segredos fazem a sua hora de rua do Ouvidor todos os dias, entre quatro e cinco. É uso antigo; raros se deixam estar em casa." (Ibid 01 nov 1896).

ou em uma das suas últimas crônicas:

> *"Ora, esta rua é o alçapão dos governos. Pela sua estreiteza, é a murmuração condensada, é o viveiro dos boatos...Eu, se tivesse voz no Conselho Municipal, antes de cuidar do saneamento da cidade, propunha o alargamento da rua do Ouvidor. Quando este beco for uma avenida larga em que as pessoas mal se conheçam de um lado para outro, terão cessado mil dificuldades políticas.* (06 dez. 1896)

Por outro lado, como se poderia erroneamente imaginar, as crônicas não faziam uma descrição detalhada de lugares da cidade e mesmo a rua do Ouvidor era descrita pela vida, pelo burburinho diário, pela moda e pelos boatos que ali nasciam e se espalhavam. O cronista se limitava várias vezes apenas a dizer que ela era estreita, muito mais como um dado que sugere a proximidade entre as pessoas do que uma descrição espacial. Machado foi, sem dúvida, um cronista de uma época e não de um lugar.

O jogo do bicho, os atropelamentos dos bondes, o espiritismo, a chegada dos imigrantes chineses, o encilhamento e a ação de Antonio Conselheiro foram os outros assuntos que predominaram nas crônicas de *A Semana*. Sobre cada um, o narrador tinha um juízo de valor que se repetia. Quanto ao jogo do bicho, ele se surpreendia com o avanço e a importância do mesmo na sociedade fluminense, estava nos lugares mais insuspeitos e alcançava até mesmo senhoras e mocinhas ingênuas. Quando houve em 1896, um movimento pela imprensa e pela polícia para proibir o jogo, Machado foi a favor, mas temia que o hábito já estivesse tão arraigado, que a missão fosse quase impossível ou que pelo menos que fosse levar muito mais tempo do que se supunha. Pelo jeito, o escritor visionário mais uma vez, estava certo.

Os bondes haviam surgido há pouco mais de trinta anos, em 1868, e quando se tornaram elétricos em 1892, passaram a representar o que havia de mais moderno em termos de transporte urbano. Machado lembrou em crônica a primeira vez que o bonde comum em que ele estava se cruzou com o elétrico e toda superioridade deste último em relação ao primeiro. Era comum que tal novidade fosse assunto de outras crônicas, principalmente porque com os bondes elétricos, começaram também os atropelamentos, até então desconhecidos da população. Discutia o narrador, a necessidade de se estipular indenizações às vítimas e punir os condutores que com freqüência fugiam após o acidente.

O espiritismo fornece alguns dos momentos mais bem humorados das crônicas de Machado, mas em outros, o cronista assume um ar mais sério, quase ameaçador aos dirigentes da nova religião:

> *Quando o médium Paulina declara que recebe os espíritos, e transmite os seus pensamentos aos membros da associação, eu se fosse Código, diria ao médium Paulina: Uma vez que a Constituição te dá o direito de receber os espíritos e os corpos, à escolha, fico sem razão para autuar-te, como mereces, minha finória; mas não te exponhas a tirar algum relógio aos associados, que isso é comigo.*"(Ibid 27 out. 1895)

Não se nota em Machado nenhum tipo de preconceito ou de xenofobia, ao contrário de muitos dos seus contemporâneos. Tanto os chins, que era como na época se referia aos chineses, como os italianos, ou alemães eram bem vistos pelo cronista e quanto às temidas aglomerações de uma só raça, como estava se dando no sul com os alemães, ou em São Paulo com os italianos, e que era comentário constante à época, o cronista dizia que a culpa era nossa, dos brasileiros que haviam permitido que isto acontecesse, mas lembrava que os imigrantes traziam não apenas seus braços para trabalhar e colher, mas também para amar e que não se constituíam em uma ameaça.(Ibid 27 set.1896)

Anualmente, o carnaval sempre tinha destaque em uma ou duas crônicas durante sua realização e influenciava o texto, pois Machado dizia que na época do carnaval ninguém estava interessado em outras coisas, a não ser na festa, e que qualquer fato triste deveria ir viver em outra parte e que até os enterros deveriam ser realizados sem melancolia(16 fev. 1896) Mesmo em 1894, quando o carnaval de rua foi proibido, em virtude do forte calor que estava causando inúmeras mortes por insolação, Machado dizia que o seu ofício era deitar fora as melancolias (04 fev 1894)

Em 1896/97, o seu último grande assunto foi Antonio Conselheiro, ou melhor, Antonio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, como ficou conhecido. O narrador de *A Semana* se surpreendia com a celebridade que Conselheiro havia alcançado em tão pouco tempo. O cearense andava pelo sertão nordestino de barba longa e camisolão e sua pregação mística acabava atraindo centenas de fiéis, fanáticos que o seguiam. O movimento que o governo da Bahia não teve forças para reprimir, também foi forte o suficiente para malograr

a primeira expedição federal, o que alcançou grande repercussão no Rio de Janeiro. À medida que a resistência em Canudos crescia, ganhava as páginas dos principais jornais da Corte e também espaço nas crônicas machadianas. O cronista tinha uma visão romântica de Conselheiro e seus homens, imaginava-os como os últimos piratas, indo de vilarejo em vilarejo e arrebatando as moças para levar com eles.

Machado chega a sugerir que algum jornal mande um repórter para Canudos para que possa fazer um retrato fiel do Conselheiro e de seus homens e também para contar toda a verdade sobre a seita. (Ibid 31 jan 1897) Duas semanas depois, em outra crônica, sugere que Coelho Neto que escreveu *Sertão*, escrevesse um livro sobre o movimento de Antonio Conselheiro. (14 fev 1897) Coincidência ou não, meses depois, Euclides da Cunha seria esse repórter a serviço do jornal *O Estado de São Paulo* e também o autor do livro *Os Sertões*, que descreve Canudos.

Não podemos esquecer que uma fonte de inspiração bastante usual das crônicas machadianas eram os anúncios de jornal, quando o escritor descansava dos fatos e se divertia com a diversidade e originalidade dos mesmos. Não era um simples correr de olhos, mas uma busca de observador treinado a procura de uma "pérola", que era como ele mesmo chamava os anúncios que traziam assunto para a crônica. Em 1892, um anúncio que uma viúva pôs no jornal procurando um esposo, expediente bastante incomum para a época, rendeu uma crônica inteira, indo o escritor, claro, muito além de analisar o simples anúncio. Imaginou como seria a viúva, deu conselhos, fantasiou um encontro entre ela e seu pretendente, enfim criou uma boa história.

Da mesma forma, os telegramas comumente publicados nos jornais, também rendiam crônicas saborosas.

> *Dizem telegramas de São Paulo que foi ali achado, em certa casa que se demolia, um esqueleto algemado. Não tenho amor a esqueletos; mas este esqueleto algemado diz-me alguma coisa, e é difícil que eu o mandasse embora, sem três ou quatro perguntas."*(26 jun 1892)

Por este trecho é possível perceber de que forma Machado apreendia o que lia. Não mandava embora assim, sem mais nem menos, qualquer fato com um pormenor incomum que pudesse ser transformado em assunto de crônica.

Não havia para Machado de Assis, fonte de inspiração que lhe fosse desprezível e um dos grandes prazeres de ler suas crônicas, é a possibilidade que seu autor nos dá, de saber de onde veio a idéia para aquele texto. É surpreendente perceber que tudo, absolutamente tudo, na pena de Machado se transformava em um bom texto.

CONCLUSÃO

Machado de Assis não nasceu Machado de Assis. Por mais estranha que esta frase pareça, é assim que enxergamos o mestre após anos de pesquisa em cima de sua obra. O escritor, principalmente o cronista, foi amadurecendo e se moldando num movimento que a partir da maturidade, nos pareceu voluntário. Usou anos e mais anos, experimentando novas formas de escrita, desenhando aquele que seria seu estilo incomparável. Assim como inovou em contos e romances, também na crônica foi um desbravador e o novo para uma personalidade conservadora como a sua e com necessidade de aceitação foi um risco e um prazer servido aos goles, para que o leitor fosse se acostumando ao sabor.

Já havia em Machado, sem dúvida, desde jovem, o talento latente, que no caso de um escritor é basicamente sua capacidade de observação e reflexão, sua capacidade de sentir e transmitir, mas que foi aos poucos sendo lapidado por ele próprio. Desde cedo lia os grandes autores de forma voraz e conscientemente foi buscando a companhia daqueles que faziam a literatura brasileira da época. Era um movimento de mão dupla. Machado aprendia com nomes como Bocaiúva, Alencar, Manuel de Almeida e ao mesmo tempo tornava sua obra conhecida dos mesmos. Aos poucos, ele próprio foi ganhando o direito legítimo de participar de forma ativa da formação de uma grande geração da literatura brasileira, para enfim tornar-se seu maior nome.

Se pensarmos que a crônica era o gênero mais popular na época, e que a crônica de *A Semana* estava no jornal mais importante, em seu dia mais lido, no lugar mais nobre do periódico, concluímos que não havia nada naquela época com mais "audiência" do que a crônica Machadiana. Era um misto de *Jornal Nacional* e *Novela das oito* da Rede Globo, do que representa em tempos atuais, guardadas as devidas proporções para o século XIX.

Quando iniciamos este trabalho nossa principal intenção era descobrir de que forma e sobre o quê escrevia o maior nome de nossas letras, justamente no final de sua carreira como cronista. E foi surpreendente descobrir que a carpintaria da crônica machadiana, escrita há mais de cem anos, ainda é incrivelmente atual. É a mesma estrutura de que se valem os

nossos cronistas do século XXI. Estamos nos referindo, claro, à *Semana* e não às séries iniciais.

Humor, ironia, oralidade, repetição, exagero, personificação, comparação e o didatismo foram os ingredientes, os tijolos de que Machado se valeu para construir *A Semana*. Sentia-se na obrigação de ensinar aos seus leitores, fazer com que percebessem o que acontecia a sua volta e para isso buscava todos os tipos de ferramenta, às vezes era engraçado, outras vezes irônico, passava suas mensagens através das coisas e dos animais que ganhavam voz, muitas vezes repetia, exagerava e usava comparações com coisas próximas ao cotidiano do leitor para que não existissem dúvidas, para que finalmente conseguisse "enfiar na cabeça do leitor" o que queria dizer, tudo num tom de conversa amigável entre amigos de longa data.

Machado embarcou no barco do progresso junto com a sua cidade, o Rio de Janeiro, enxergando em suas modificações físicas e nas transformações da sociedade, fontes de inspiração para seu trabalho de cronista. Abordava em suas crônicas, assuntos que estavam mexendo com as pessoas como a invenção dos bondes, a chegada dos imigrantes, o problema do aviamento dos remédios, o nascimento do espiritismo brasileiro, a modificação do papel da mulher, a proliferação do jogo do bicho, e todos esses assuntos eram costurados com a política e inúmeras explanações do escritor sobre o lado humano de todas as coisas.

Soube se valer da imprensa como poucos porque compreendia seu alcance e sua penetração. Começou em jornais pequenos, revistas femininas, sem qualquer preconceito, pois sabia que eram vitrines importantes para quem desejava viver de literatura, até chegar na *Gazeta de Notícias*, onde enfim se acomodou. Na *Gazeta* estava em companhia de grandes escritores, até mesmo estrangeiros, como Eça de Queiroz, e era o primeiro jornal realmente imparcial do Rio de Janeiro, que não estava ligado a nenhum partido político. Uma casa segura para a personalidade machadiana, lembrando que apartidarismo não significa alienação, pelo contrário, dava liberdade ao cronista de enxergar e discutir cada fato político pelo seu modo de ver.

Foi com prazer redobrado que esperamos ter provado ao longo deste trabalho que Machado de Assis foi tudo, menos um absenteísta, como quiseram vários críticos de sua

obra. Como pode ser considerado absenteísta, se a política predomina nas crônicas ao longo de toda sua vida? Claro, que não é o discurso inflamado, liberal, do jovem colaborador do *Diário do Rio de Janeiro*, mas é o questionamento do escritor maduro e sábio que aprendeu de forma muito mais eficaz como formar opinião e influenciar a sociedade de sua época.

Alguns empunham armas, outros fazem discursos inflamados, mas ainda há aqueles, que como Machado, só com uma pena, conseguem mudar os rumos de toda uma sociedade, e principalmente de sua literatura, num trabalho lento, a longo prazo, que não aparece imediatamente, que absorvemos aos goles como alimento ou remédio.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Jorge de Souza - Perfil do leitor colonial. Salvador, UFBA, 1999.

ASSIS, Machado de – A Semana. Crônicas 1892-1893. Edição, introd. e notas de John Gledson. São Paulo-Campinas: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de – Balas de Estalo.Org. de Heloisa Helena Paiva De Luca. São Paulo. Annablume, 1998

ASSIS, Machado de - Bons Dias! Crônicas 1888-1889. Edição, introd. e notas de John Gledson. São Paulo, Editora da Unicamp, 1990.

ASSIS, Machado de - Obra Completa. Org. de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguillar, 1994

ASSIS, Machado de -Obras Completas. Rio de Janeiro. W.M.Jackson Editores, 1950.

ASSIS, Machado de - Uma revisão Organização Antonio Carlos Secchin, José Maurício Gomes de Almeida, Ronaldes Melo e Souza. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998.

BENJAMIN, Walter - Sobre o conceito de história. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Ed. Brasilense - São Paulo, 1993,

BOSI, Alfredo - Dialética da Colonização. São Paulo, Companhia das Letras, 1996

BOSI, Alfredo - História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo, Editora Cultrix, 1985.

BOSI, Alfredo - Machado de Assis. O Enigma do Olhar. São Paulo, Ed. Ática, 1999.

BOSI, Alfredo et al. Machado de Assis. São Paulo, Ed. Ática, 1982.

CANDIDO, Antonio et al. A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas. Editora da UNICAMP, 1992.

CANDIDO, Antonio - Formação da Literatura Brasileira. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1981

CANDIDO, Antonio - Literatura e Sociedade. São Paulo, Editora Nacional, 1976.

CANDIDO, Antonio – O Estudo analítico do poema.São Paulo, Terceira Leitura FFLCH – USP, 1987

CORÇÃO, Gustavo. Machado de Assis. Obra Completa. Nova Aguillar, R. Janeiro, 1994 v3

COUTINHO, Afrânio - A Literatura no Brasil. Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana, 1971

DE LUCA, Heloisa Helena Paiva - Balas de estalo de Machado de Assis. São Paulo, Ed. Anna Blume, 1998

GLEDSON, John - Machado de Assis - Impostura e Realismo. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

GRANJA, Lúcia - Machado de Assis Escritor em formação (À roda dos Jornais). Campinas, Mercado de Letras, 2000

HALLEWELL, Laurence O livro no Brasil. São Paulo. Edusp. 1985

HOLANDA, Sergio Buarque de - Raízes do Brasil. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1987

HUTCHEON, Linda - Teoria e Política da Ironia. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2000.

KAYSER, Wolfgang – Análise e interpretação da obra literária. Coimbra, Armênio Amado Editor. 1976

LECLERC, Max - Cartas do Brasil. São Paulo. Companhia Ed. Nacional, 1942.

LOTMAN, Iuri - A estrutura do texto artístico. Lisboa, Editorial Estampa, 1978

MACEDO, Joaquim Manuel de. Memórias da Rua do Ouvidor. Ed. Nacional -RJ, 1952.

MADEIRA, Marcos Almir - A ironia de Machado de Assis e outros temas. Rio de Janeiro, Perfecta, 1944.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo - Vida e Obra de Machado de Assis. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira,1981

MAINGUENEAU, Dominique. O contexto da obra literária. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1995.

MANGABEIRA, Octavio. Machado de Assis. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira S/A, 1954.

MARTINS, Wilson. Pontos de Vista (crítica literária) v.1. São Paulo, T.ª Queiroz Editor, 1991.

MASSA, Jean-Michel. A juventude de Machado de Assis. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1971.

MOISES, Massaud. Machado de Assis -- Crônicas – Crítica – Poesia – Teatro. São Paulo, Ed. Cultrix, 1961.

MOISÉS, Massaud. Ficção e utopia. São Paulo, Ed. Cultrix, 2001.

MONTELLO, Josué. Memórias Póstumas de Machado de Assis. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997.

MORAES, Vinicius. Para Viver um Grande Amor, Companhia das Letras, 1991, p.18

MUECKE, D. C. Ironia e o irônico. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1995.

PASSOS, Gilberto Pinheiro - A Poética do Legado. São Paulo, Ed. AnnaBlume, 1996

PASSOS, Gilberto Pinheiro - O Napoleão de Botafogo. São Paulo, Ed. AnnaBlume, 2000

PUJOL. Alfredo. Machado de Assis. São Paulo. Typographia Brazil, 1917

PEREIRA, Lucia Miguel - Machado de Assis: estudo crítico e biográfico. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1955.

PEREIRA, Lucia Miguel - Prosa de Ficção. Itatiaia, Belo Horizonte. 1988 pp 76

REIS, Carlos - Técnicas de Análise Textual. Introdução à leitura crítica do texto literário. Coimbra, Livraria Almedina, 1981.

RIBEYROLLES, Charles - Brasil Pitoresco. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1980

ROMERO, Silvio. História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro. José Olímpio Editora, 1960

SÁ, Jorge de - A crônica. São Paulo, Ed. Ática, 1987.

SCHWARZ, Roberto - Um Mestre na Periferia do Capitalismo/Machado de Assis. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1991.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. Teoria da Literatura. Coimbra, Livraria Almedina, 1984

SODRÉ, Nelson Werneck - História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1966

TAVARES, Hênio – Teoria Literária. Belo Horizonte, Editora Bernardo Álvares, 1969

TELES, Gilberto Mendonça – A escrituração da escrita. Teoria e prática do texto literário. Petrópolis, Editora Vozes, 1996

TELES, Gilberto Mendonça. Drummond A estilística da repetição. José Olympio Editora. RJ. 1970

TODOROV, Tzvetan - Poética da Prosa. Lisboa, Edições 70, 1971

URBANO, Hudinilson. Oralidade na Literatura (o caso Rubem Fonseca). São Paulo. Editora Cortez, 2000.

WELLEK, René e WARREN, Austin. Teoria da Literatura. Lisboa, Publicações Europa-América, 1962.

TESES/DISSERTAÇÕES

CRUZ JR, Dilson Ferreira. A crônica em Machado de Assis. Dissertação de mestrado. São Paulo. USP FFLCH. 2001

CHINELLATO, Thais. Crônica e Ideologia - contribuições para leitura possíveis Tese de doutorado. São Paulo. USP FFLCH, 1996

DIMAS, Antonio. Bilac, o jornalista. Tese de livre-docência. São Paulo. USP FFLCH, 2000

FACIOLI, Valentim Aparecido. Machado de Assis: trânsito para a glória. Dissertação de mestrado. São Paulo FFLCH, 1982

LIVROS DE JORNALISMO

BAHIA, Juarez. Jornal, História e Técnica. Martins Editora, 1967

LAGE, Nilson. A linguagem jornalística. São Paulo. Ed. Ática. 1998.

LIMA SOBRINHO, Barbosa; O problema da Imprensa. São Paulo, Edusp, 1997.

MELO, José Marques de. A opinião no Jornalismo Brasileiro. Petrópolis, Ed. Vozes 1994.

PERIÓDICOS

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro:1892 - 1897

GAZETA DE NOTÍCIAS.Rio de Janeiro:1900 e 1908

ARTIGOS

PIZA, Daniel. Machado de Assis, geógrafo de seu tempo. O Estado de São Paulo, 21 de jan. 2001, Suplemento: Caderno 2

7. ANEXOS

Sumário Explicativo

Página de capa do Jornal *A Gazeta de Notícias*, edição de 08 de maio de 1896 150
Edição de domingo em que aparece na segunda coluna, a seção *A Semana*, objeto deste estudo. Ainda é possível observar as seções fixas: *Telegrammas*, *Questões do Dia* e *Boletim do Congresso.*

Capa do Jornal *A Gazeta de Notícias*, edição de 04 de fevereiro de 1897 151
Note-se a diagramação pesada do jornal dividido em 8 colunas com muito texto e nenhuma ilustração, o que era a diagramação habitual.

Página de capa com um mapa feito a bico de pena de Queimadas a Canudos 152
O mapa era ilustrativo da matéria sobre Canudos que vinha logo abaixo. Note-se ainda no rodapé, a coluna *"Artes e Manhas"* escrita por Ferreira de Araújo.

Página de capa de uma edição de domingo com *A Semana* na segunda coluna 153
Note-se a seção *Telegrammas* na esquerda, ocupando toda a primeira coluna e parte da segunda. Os telegramas foram fontes de muitas crônicas machadianas.

Destaque de *A Semana* na edição de 12 de julho de 1896 154
É possível ver em cima, à esquerda, o preço do exemplar que era de 100 réis.

Página de capa de uma edição de sábado com a coluna Rodapé de Olavo Bilac 155

Destaque de uma piada feita a bico de pena numa edição dominical 156

Note-se o humor ingênuo e a disposição da piada, ao lado de *A Semana*, de um folhetim, de notícias de economia, políticas, etc... Não havia ainda a preocupação de separação por editorias.

Destaque do Folhetim *Mortas e Vivas* de Charles Merouvel 157

Este folhetim dura, praticamente, todo o ano de 1896. É possível ainda, ver a seção *Gazetilha* na outra página, que correspondia à coluna social como conhecemos nos dias de hoje.

Destaque de *O Filhote* na edição de agosto de 1896 158

O Filhote saía todos os dias em 1896, sempre no canto superior direito.

Anúncio da folha *O Filhote* que deveria ter se tornado independente da GazNot 159

Edição comemorativa de 21 anos da Gazeta de Notícias 160

Note-se *A Semana* na primeira coluna, logo abaixo dos Telegrammas

Destaque do Editorial de 21 anos publicado em 02 de agosto de 1896 161

Todos os anos, o jornal comemorava seu aniversário com desenhos, editoriais e publicação de telegramas recebidos de outros jornais e de políticos.

Destaque da seção Rodapé que era assinada por Olavo Bilac 162

Destaque da seção Rodapé com vários versos publicados 163

Destaque da seção Às Quintas escrita por Ferreira de Araújo 164

Destaque de anúncio publicado na edição de 07 de agosto de 1896 165

Note-se o humor do tipo de anúncio que costumava ser inspiração para Machado de Assis.

Página com vários anúncios de loteria..... 166

Note-se que loterias de outros estados também eram anunciadas nos jornais fluminenses.

Página com vários anúncios de peças teatrais **167**

Destaque de anúncio do xarope Cambará **168**

Note-se que alguns remédios traziam em seus anúncios testemunhos de cura vindos de todas as partes do país.

Destaque de anúncios com doenças **169**

É possível observar que há um anúncio para curar sífilis e outro para curar gonorréia, anúncios comuns naquela época.

Capa da edição que traz a Exposição Nacional **170**

Note-se o uso da cor já em 1908, data desta edição.

Edição Comemorativa dos 33 anos da Gazeta de Notícias **171**

Em 02 de agosto de 1908, Ferreira de Araújo, dono da Gazeta, já havia falecido e Machado viria a falecer dias depois.

Condolências a Machado de Assis publicadas em 30 de setembro de 1908..... **172**

Estranhamente estas condolências não vêm na primeira página, mas na segunda. Trazem várias informações sobre a morte e o sepultamento, e também o texto de Arlindo Guanabara pronunciado na Câmara em honra a Machado. Parte deste texto encontra-se na página 32 deste trabalho.

SBD/FFLCH

SBD / FFLCH / USP
SEÇÃO DE: LETRAS TOMBO: 245668
AQUISIÇÃO: DOAÇÃO / SERVIÇO DE PÓS-GRADUAÇÃO / N.F.Nº
DATA: 22/03/04 PREÇO: R$ 30,00

Anno XXII — Rio de Janeiro — Domingo 8 de Maio de 1900 — Nr. 128

GAZETA DE NOTICIAS

TELEGRAMMAS

VIDA NOMADE

EXPLOSÃO

Boletim do Congresso

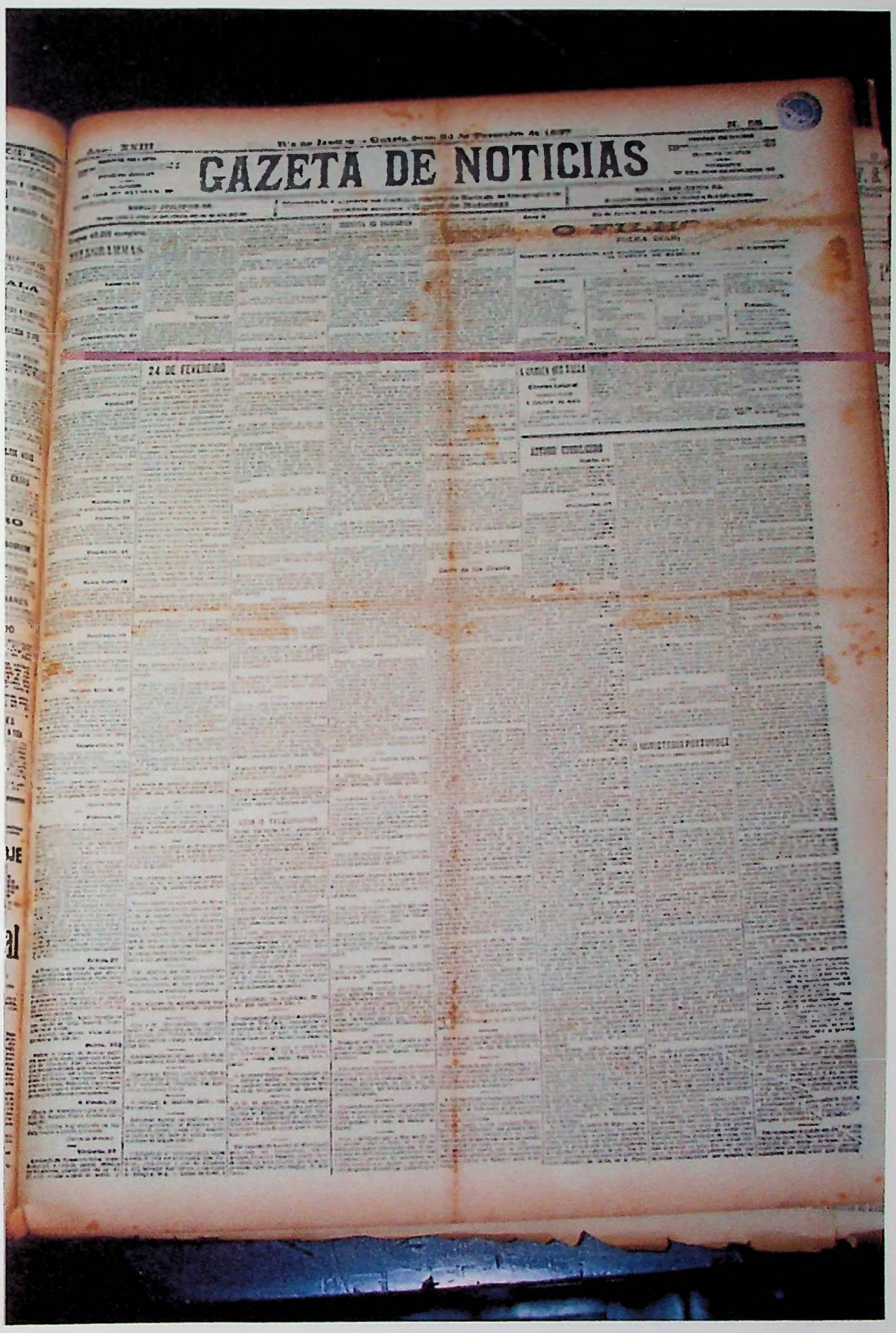
D. ELVIRA GAMA

A SEMANA

CONFERENCIAS DO DIA

A affirmação de S. Paulo

ESCRITINHO PRESO



GAZETA DE NOTICIAS

24 DE FEVEREIRO

GAZETA DE NOTICIAS

TELEGRAMMAS

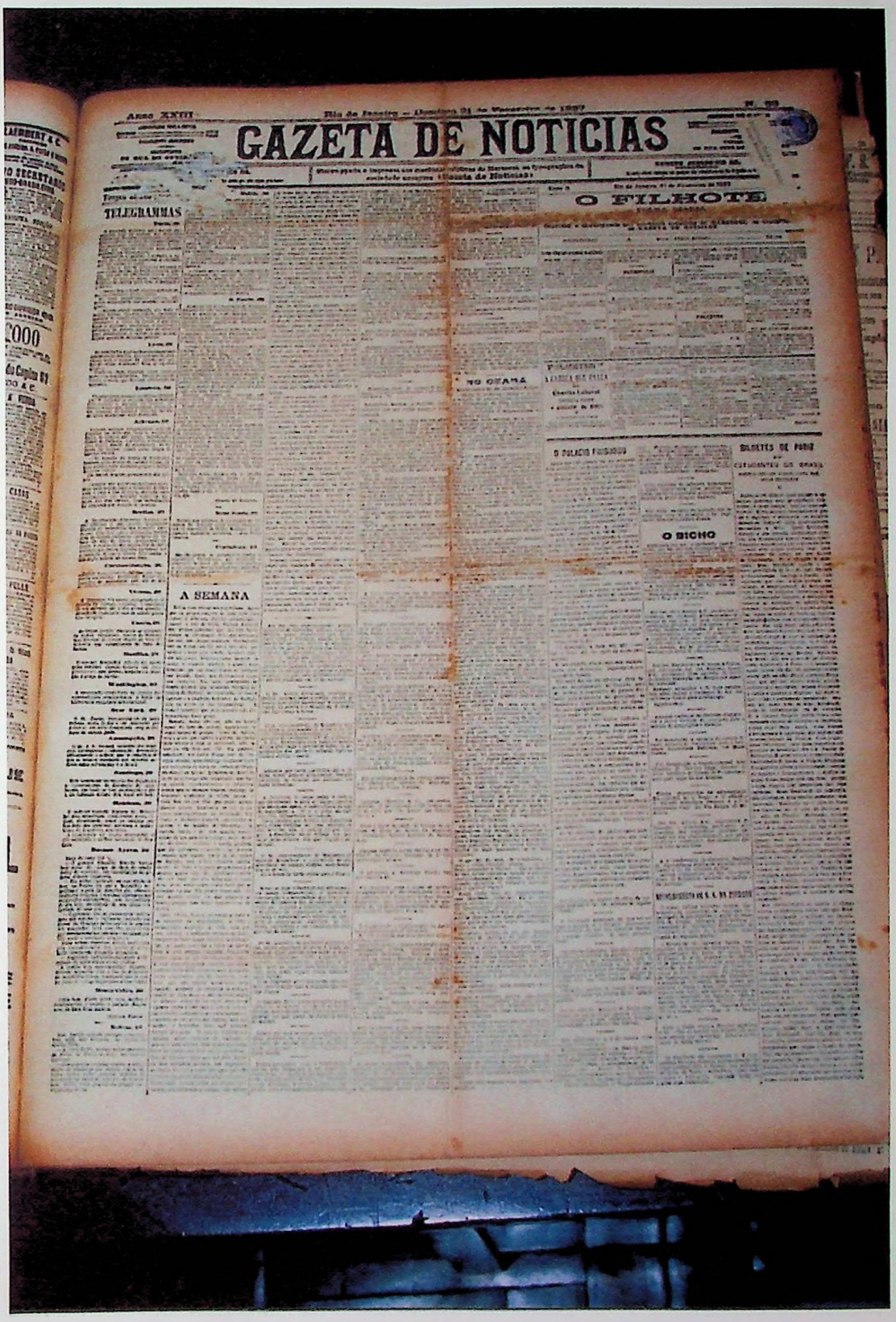
CONVENÇÕES

O FILHOTE

DE QUEIMADAS A CARUDOS

EM PAQUETÁ

ARTES E MANHAS



ANNO XXIII

GAZETA DE NOTICIAS

TELEGRAMMAS

O FILHOTE

NO OCEANO

O PALACIO FUSADO

BILHETES DE PARIZ

O BICHO

A SEMANA

ANNO XXII

Rio de Janeiro — Domingo 12 de Julho de

GAZETA DE NO

NUMERO AVULSO 100 RS.

Stereotypada e impressa nas machinas rotativas de Marinoni, na sociedade anonyma «Gazeta de Noticias»

10.000 exemplares

A SEMANA

SELVAGERIA

NA POLICIA

TELEGRAMMAS

Porto, 11

Roma, 11

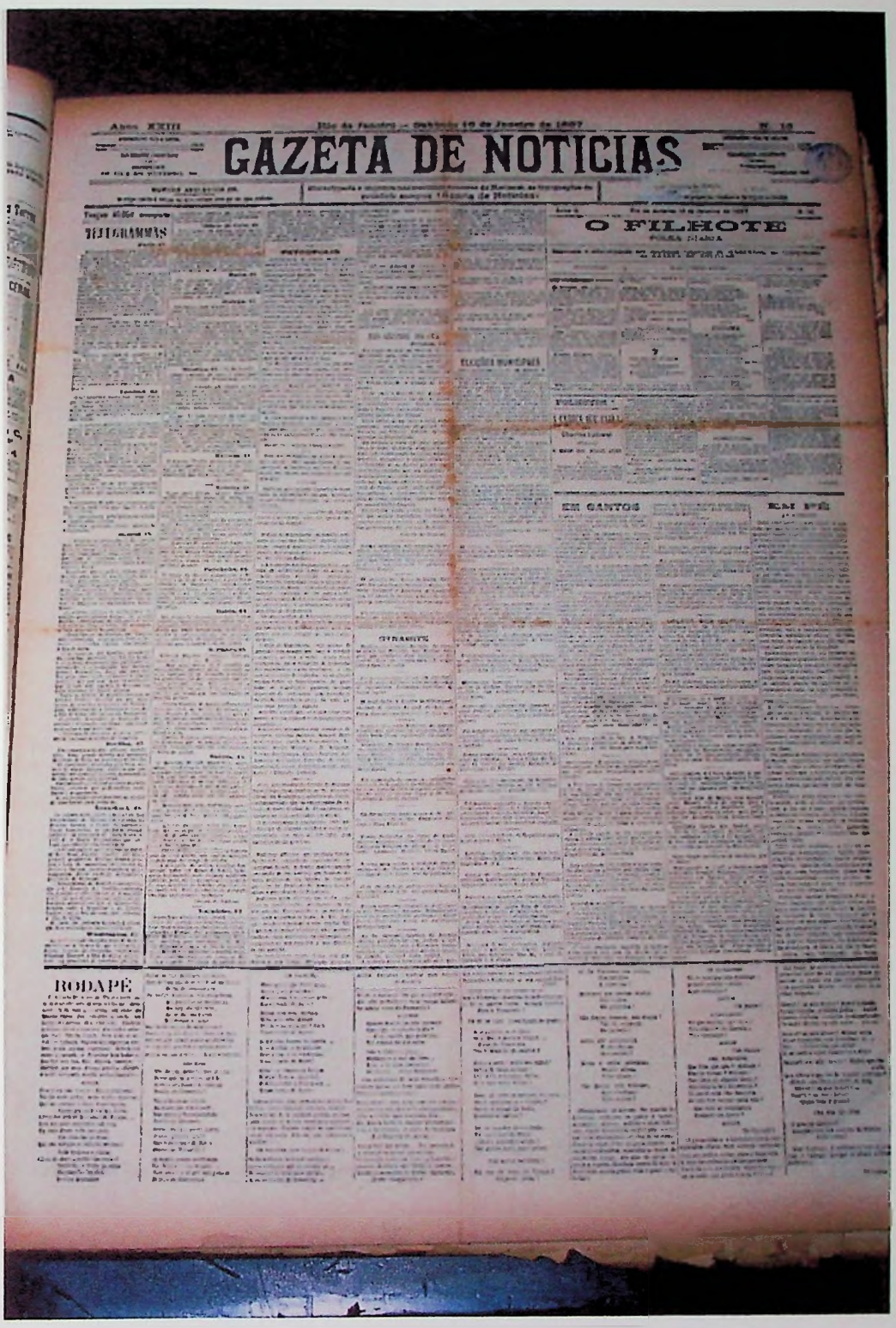
Pelotas, 11

Porto Alegre, 11

Fortaleza, 11

Recife, 11

Bahia, 11



GAZETA DE NOTICIAS

TELEGRAMMAS

O FILHOTE

EM SANTOS

RODAPÉ

A SEMANA

BANCOS REGIONAES

— E' verdade que o seu papai é muito rica?
— E sim
— E a senhora é filha unica?
— Sou...
— E apezar de tudo isso ainda duvida do meu amor?

COUSAS...

O CANTARO

No camara

FOLHETIM

CONFLICTO

GAZETILHA

FOLHETIM

MORTAS E VIVAS

POR

CHARLES MERQUVEL

SEGUNDA PARTE

Ao Olhar

XXI

CONCLUSÃO DEVIDA

(Continuação)

— Olhe, disse Dambert, enquanto Pepe lhe tirava o pelo roto, na linha principal não se entendem não haver a pérola pela Torre de Frente, agora de violeta. Quem que [illegible] Bem, é medido que [illegible] Pepe. Não é verdade, Pepe?

O rapaz olhava para o seu com olhos de boi-dagua.

Compreendendo Dambert, sem ele quando [illegible] quando ouvia [illegible] o Rapaz.

— A outra vida? perguntou.

— Não posso absolutamente Dambert. Não sabe o [illegible]?

— Entendo, não o [illegible] Eldorado...

— A outra vida, disse a [illegible] Carmen [illegible] que se [illegible] — Outra [illegible] Dambert [illegible] que [illegible] a [illegible] [illegible] [illegible]

DE NOTICIAS

O FILHOTE

FOLHA DIARIA

TELEGRAMMAS

Diario das Camaras

SALÃO DE CAUSAS

A PEDIDO

ANNUNCIOS

SPORT

FOLHETIM

O P. R. F.

12 A RUA DA QUITANDA 12 A

5$000

53 LARGO DO CAPIM 53

ALFREDO & C.

Á PRAÇA

José Joaquim Lopes e Alfredo João Ferreira de Souza Figueiras, sócios da firma J. Lopes de Figueiras, estabelecida á rua de Ourives n. 71, communicam a seus amigos e freguezes deste praça e do interior que resolveram suspender os pagamentos em data de 30 do mez passado, dissolver a sociedade acima referida, cabendo o todo Alfredo João Ferreira de Souza Figueiras para o estabelecimento de Rua de Ourives, levando todo o activo e passivo da extincta firma e correr da mesma firma, constituida sob a razão commercial de J. Lopes, Magalhães & C., em sociedade de nomes como de mesmo da dita, José Lopes, Magalhães e C., em consequencia da mesma razão de negocio da extincta firma de J. Lopes & Figueiras, á Rua de Ourives n. 71. — Rio Claro.

Outrosim declaram aos credores como interessados da nova firma o Sr. Manoel Lopes Figueiras, para que os seus amigos e freguezes continuem a dispensar a mesma confiança e mesmo tratamento a estes, bem como pelo que, [illegible] José Joaquim Lopes, Magalhães e C.

Attenção

Grande e variado sortimento de [illegible] para todos os gostos, a 1$000, 1$, 1$, 1$, 1$ e 1$ e todos os preços intermedios [illegible] Ourives n. 241, proximo á praça Tiradentes.

BISCOITOS

A fabrica Internacional, á rua do Livramento n. 130, vende biscoitos [illegible] em latas de 10 kilos, e que é de [illegible] preço [illegible]

A MELHOR AGUA APERIENTE NATURAL DO MUNDO.

Hunyadi János

A esta que tem recebido para cima de

1000 attestados de auctoridades medicaes.

PREVENÇÃO: *Nenhuma é genuina que não levar no rotulo a assignatura da casa* "Andreas Saxlehner."

O FILHOTE

Por estes dias começará a ser publicada n'esta capital uma folha com o titulo acima e duas edições, uma de manhã e outra á tarde.

Será impressa e steriotypada nas officinas da «Gazeta de Noticias.»

TERRENOS (PIEDADE)

Vendem-se todas [illegible] de terrenos [illegible] 2 minutos da estação, bem [illegible] [illegible] Pedro [illegible] de [illegible] [illegible]

MODISTA

Mme. Amelia, encarrega com perfeição vestidos, [illegible] etc., para senhoras e [illegible] rua do Carmo n. 50, 2º andar.

FINADOS

Grande sortimento de grinaldas para finados, [illegible] fabrica da rua Barbosa Coelho n. 101.

M. A. SIMÕES DE PAIVA

[illegible]

3 LARGO DA CARIOCA 3

Café Centro Commercial

127 RUA DA QUITANDA 127

Os abaixo-assignados, [illegible] grandes e todos os seus amigos e os [illegible] [illegible] Café do Centro, á rua da Quitanda n. 127, e [illegible] na sua nova casa denominada «Café Centro Commercial», á rua da Quitanda n. 127, [illegible]

Junta de Hygiene

[illegible]

CAPITAL [illegible]

MOLESTIAS DA PELLE

SYPHILIS

DR. SILVA ARAUJO

8 Rua Primeiro de Março

As pessoas que querem um PURGATIVO de [illegible] AFAMADAS PILULAS PURGATIVAS

DEHAUT

SELLO UNION DOS FABRICANTES

FALSIFICAÇÃO

12:00

QU.

12:00

QU

20:0

S

12:0

SABB

GRANDE

100

SE

20:0

GAZETA DE NOTICIAS

O FILHOTE

21 ANNOS

A Gazeta de Notícias completa hoje vinte e um annos de existencia. Não nos compete dizer o que têm sido estes vinte e um annos de labor constante, em que alguns de nós, a começar o mesmo que nos escreve, quasi lhes dedicaram a mocidade e vigor. O que é de nosso dever é exhortar ainda uma vez toda a nossa gratidão para com o publico, que sempre nos acompanhou, e a quem temos procurado servir tanto quanto se nos tem largado nossa vocação. Que esse amparo não falte, e continuaremos a esforçar-nos para que ninguem o receiem tal empenho.

21 ANNOS

Os nossos distinctos collegas da Notícia e da Gazeta da Tarde desempenharam-se bonitamente com as seguintes palavras que muito agradecemos:

Da Notícia:

«Hoje completa 21 annos a Gazeta de Notícias, o brilhante jornal que tão rapida carreira tem no conceito do publico fluminense, que é hoje uma das mais poderosas empresas jornalisticas do Brasil.

As affinidades que existem entre a Notícia e a Gazeta, e que muito nos honram, nos tornariam não certo pouco suspeitos para proclamar o acaso merecimento e a superior consideração dos nossos illustres collegas, e com merecimento e com consideração não temos, como não, um alheio gosto geral da opinião publica.

Os dias de anniversario da Gazeta não são de festa só para ella, são de festa para nós todos, a quem ella, como precursora, abriu o largo caminho da imprensa honesta, operando nos costumes publicos uma das mais beneficas e das mais altas conquistas.

Recordando a sua parte n'esta lida, A Notícia junta os seus comprimentos aos dos seus illustres e grande amigo, dos que secundam os patrioticos vôos da Gazeta, pelos nossos illustres collegas da Gazeta de Noticias.»

Da Gazeta da Tarde:

«Saudamos cordialmente aos nossos distinctos collegas da Gazeta de Noticias, pelo 21º anniversario de existencia d'esse popular orgão noticioso, anniversario que recorda a amizade entre as imprensas vespertinas publicas.

A Gazeta de Noticias e Gazeta da Tarde, irmãs dedicadas, desejam a mutua prosperidade.»

Consta-nos que uma firma estrangeira, que ia prestar capitaes empregados na cidade de Nictheroy, tentava adquirir, e nesse sentido vai realisar o negocio, a Companhia Canteiro e Viação Fluminense, com todos os seus serviços, por quantia superior a trez mil contos.

Foi exonerado a pedido a lente substituto da Casa de S. José Pedro Rodrigues de Aguiar, sendo nomeado para substituil-o Ernesto da Rocha e Silva.

Ao Director da Fazenda de Mattoso d'esta capital expediu o ministerio da interior o seguinte aviso:

«Em solução á consulta constante do officio de 17 d'este mez, se o preparador [illegible] sanitaria, até os dias 5 e 20 de cada mez, [illegible] recommendado em [illegible] de 12 de abril de 1893, os [illegible] dos medicamentos, [illegible] o dever de vencer [illegible] por aquella repartição os respectivos [illegible]»

No palacio do governo

A reunião de senadores e deputados [illegible] no palacio do governo, [illegible]

O palacio tinha todo as salas bem [illegible] e os [illegible] em conversar [illegible] e [illegible].

Este presidente da Republica, seus filhos e os ministros de sua casa civil e militar [illegible] com todos [illegible] que ali se achavam.

Alem de todos os Srs. ministros, podemos notar os senadores Srs. senadores e deputados:

Senadores, João Neiva, Almeida Barros, [illegible] Bulhões Pedra e Soares Barros, João Pedro, Manoel de [illegible], Demetrio Ribeiro, José Bernardo, Fagundes de Souza Bezerra, Galindo, Carlos Rodrigues, [illegible] Peres Ferreira, Abdon Milanez, João Cleto [illegible]

A Vista do que [illegible] em Londres [illegible] publicou que o governo [illegible] o dia de [illegible] para tratar dos preliminares das reclamações italianas, e [illegible] não [illegible] o que [illegible] opportunidade.

Pelo Sr. Dr. Prudente Bandeira, presidente provisorio da Republica, foi interposta hontem a seu filho, por parte da Fazenda publica, da sentença proferida pela [illegible] sobre a questão da [illegible]. Perdeu [illegible] foi tomado o competente termo.

O Dr. Thomaz de Mariolle publica hoje em carta aberta, o resumo de sua [illegible] Sul-Americana, apresentando como prova de suas de [illegible] em diversas de [illegible] capital.

SONHO DOURADO

(A Francisca Pinto)

Julgava em tudo o coração de pelo,
Que [illegible] ser [illegible],
Porque meu ideal não se presente
E [illegible] ainda pode [illegible]-o.

Que [illegible]... Se me [illegible] para tudo
Nos [illegible] de [illegible],
Como [illegible] que é [illegible] — que não
[illegible]

Ver [illegible] ... outros olhos [illegible]!...

No [illegible] em que vive... no [illegible]
[illegible] que me [illegible] e [illegible]
Meu [illegible] de amor [illegible]!...

Sem [illegible]!... E me [illegible] o [illegible]
De que o bem que tão [illegible] [illegible]
Hoje [illegible] ideal... Nunca em [illegible]!

Eleuta Gama.

15 de [illegible] de 1896.

Annunciou publicamente o segundo discurso do illustre Sr. deputado Cochrane Braga, sobre o protocollo das reclamações italianas.

O Sr. ministro das relações exteriores não compareceu hontem em sua secretaria.

Hoje [illegible] [illegible] dizendo que [illegible] por [illegible] [illegible] [illegible]

Valparaiso, 11

[illegible] revolução de Iquique [illegible] completamente [illegible] cidade, [illegible] grande [illegible] das classes operarias.

Santiago, 11

A camara dos deputados [illegible] votação dos creditos [illegible] exercitos [illegible] que [illegible] a sua [illegible].

— Esta [illegible] que, a partir de [illegible] pelo Estado.

Lima, 11

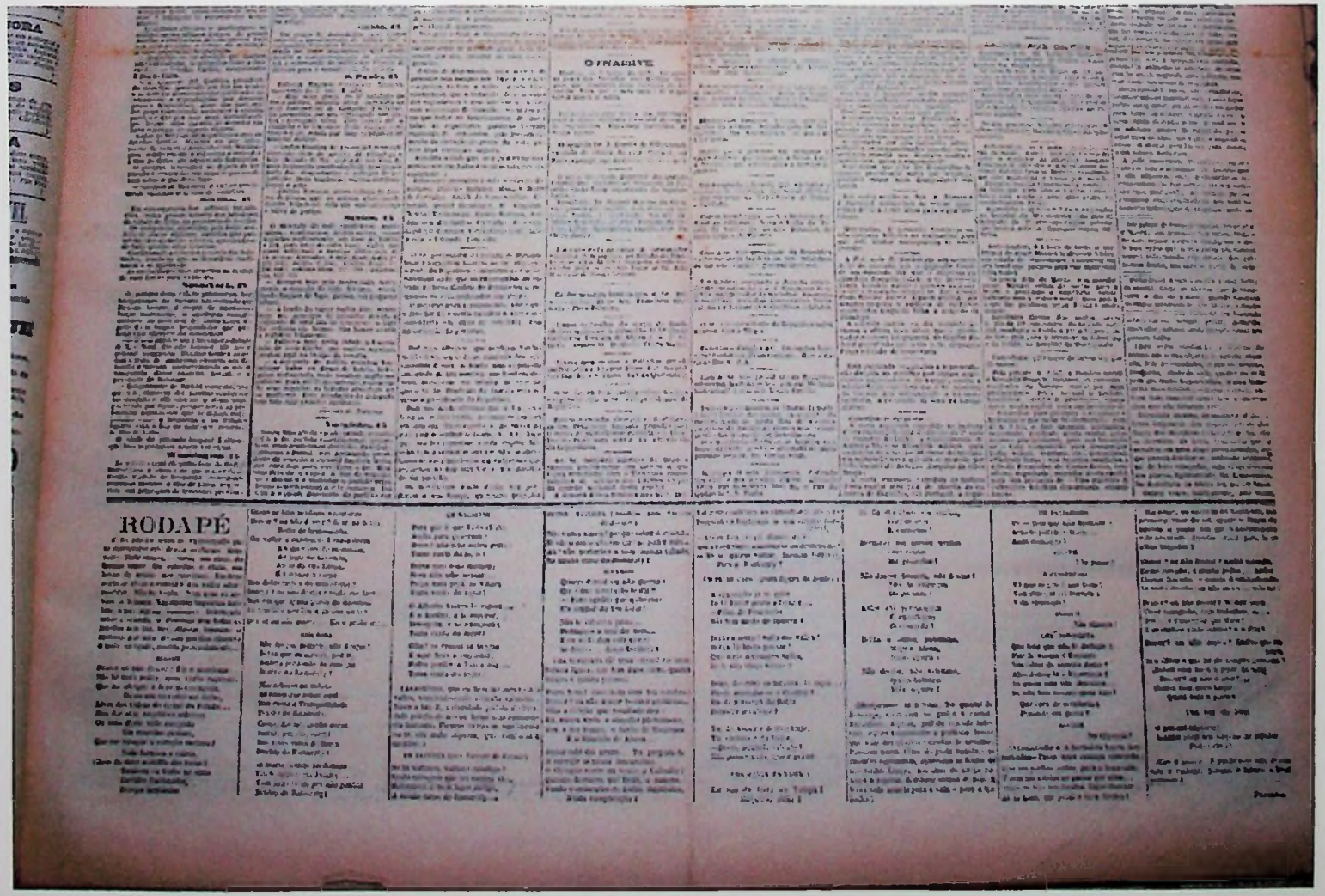
Esta completamente tranquilisada a revolta dos indios no interior do Perú [illegible] pelo Estado.

Portsmouth, 11

A [illegible] Russo [illegible] Port [illegible] Spokeed, em consequencia [illegible] uma collisão com a [illegible] Kasbek.

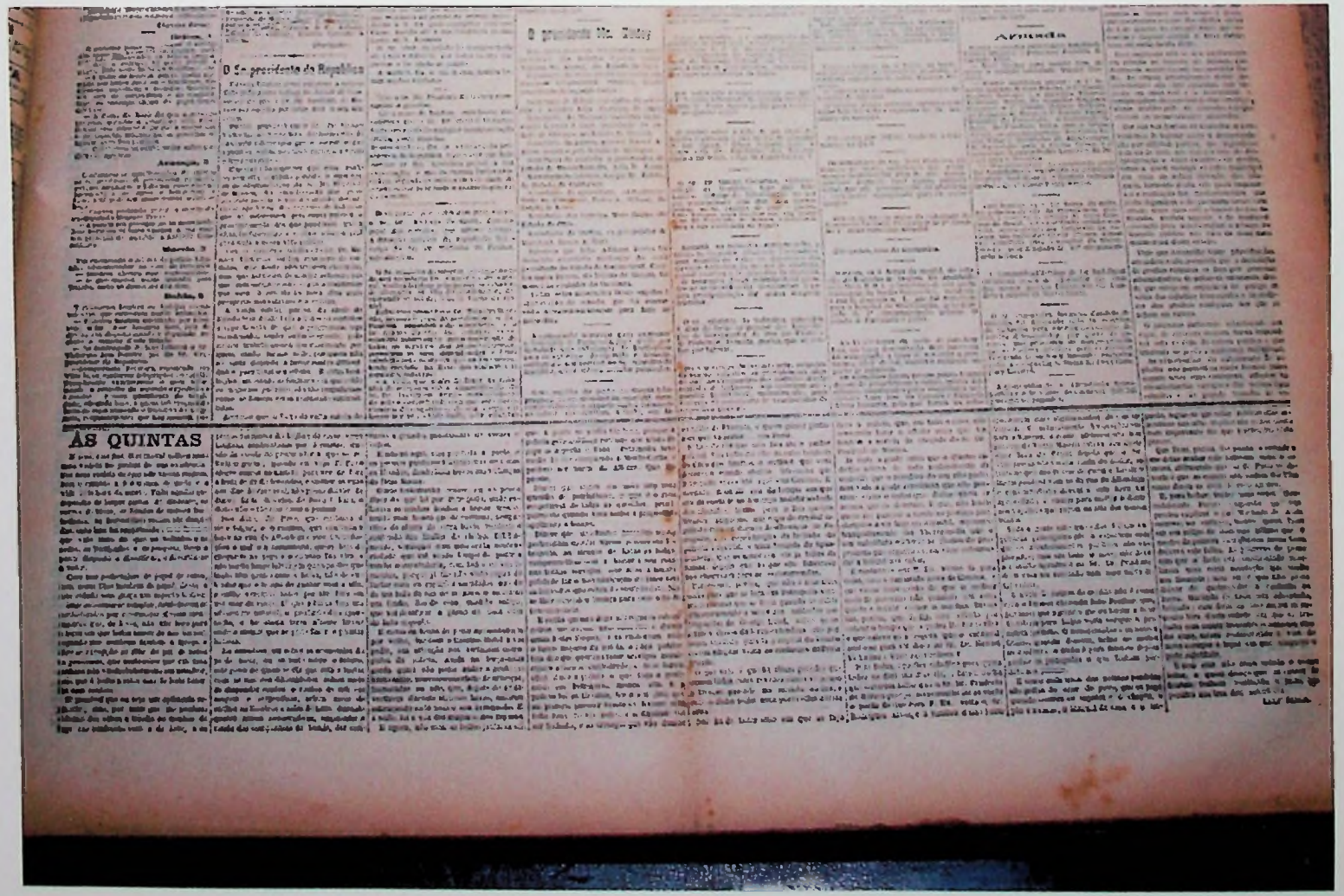
Madrid, 11

Hontem, na representação do theatro de [illegible], quando a rainha regente Maria Christina [illegible] uma [illegible] [illegible] [illegible]



O PINGUIM

RODAPÉ



O Sr. presidente da Republica

O presidente Mr. Taft

Aviação

ÁS QUINTAS

Os agentes só recebem bilhetes das loterias da **Capital Federal.**

ATTENÇÃO.—Não tendo chegado ainda os documentos exigidos nova lei, ficam por esse motivo suspensas as vendas n'esta capital eria da Bahia.

OTERIAS

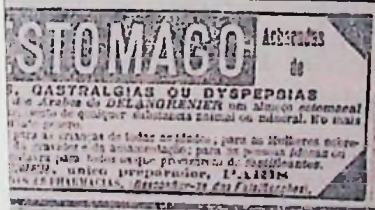
ASA DO GUIMARÃES

tabelecimento continúa a fazer re- o interior dando commissão nos pe- ores a 50$000.

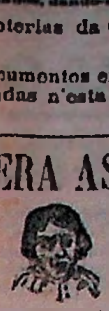
A DO ROSARIO 33

ANTO DO BECCO DAS CANCELLAS

73 FRANCISCO A. DE OLIVEIRA GUIMARÃES



EU ERA ASSIM



CHEGUEI A FICAR QUASI ASSIM!

Soffria horrivelmente dos pulmões; mas, graças ao inimitavel **Alcatrão e Jaborandi**, preparado pelo pharmaceutico Honorio da Costa

CONSEGUI FICAR ASSIM!

completamente curado e bonito.

Este xarope cura **tosses, bronchites, asthma, rouquidão, coqueluche e escarros de sangue.**

Unico deposito na Capital Federal

J. M. PACHECO & C.

59 Rua dos Andradas 59

CALOR—EPIDEMIAS

Durante a estação calorosa e as quadras epidemicas se deve usar o *toilette* o SABONETE HYGIENICO DE EUCALYPTUS GIBERTUS, preparado por Carvalho Gibert & C., por ser o unico antiseptico inoffensivo, que reforça a pelle, preservando o organismo contra as molestias contagiosas. Agradavel, aromatico, celular. Deposito rua Primeiro de Março n. 8.

PORTUGAL

Precisa-se falar de Antonio Pinto, cunhado de Antonio Duarte da Cunha, da freguezia de Pesos, concelho de Sintiles, a rua da Carioca n. 1, para negocio de familia.

152 Rua da Uruguayana 152

CONTRA-BAIXO

Precisa-se de um de boa voz, rua Santa Luzia n. 56, loja.

PARAHYA DO SUL

ATTENÇÃO

Publico para conhecimento do publico e mais pessoas com quem tenho relações commerciaes que, tendo sido demittido da minha casa o Sr. Arthur Vieira da Costa, responsavel de toda a confiança e pontualidade, desta data em diante não me responsabilisa por qualquer transacção que possa apparecer a não ser com a de meu proprio punho.

Parahyba do Sul, 22 de fevereiro de 1891. — *Candido Pinto Maya.*

2:000$000

Precisa-se de um sócio com esta quantia, garantindo juros e dividendos em cada mez; cartas n'esta folha a R. E. R.

CAFE' AMORIM

Provisoriamente rua do Hospicio 113.

APRENDIZES

A' rua do Hospicio n. 206 e 208 precisa-se de um ou dous.

CURATO DE SANTA CRUZ

Vende-se um lote de terreno no logar denominado marco II; trata-se na pharmacia Andrade.

PIANO

Vende-se um de meia, proprio para concerto, com muito boas vozes, muito em conta; rua de Santa Luzia n. 56, loja.

ACÇÃO ENTRE AMIGOS

A rifa de uma cama, um lavatorio e um criado-mudo, que linha de se extrahir pela loteria da Bilhetes da capital, por motivos motivos foi transferida para quando se annunciar.

ACÇÃO ENTRE AMIGOS

A de um potro e um relogio de prata que devia extrahir-se hoje, fica transferida para o dia 6 de março.

CAFÉ AMORIM

O café Amorim continúa a vender o seu superior e puro café moido, por atacado e a varejo. Provisoriamente na rua do Hospicio n. 113. — *Elias, Espinola & C.*

DIA E NOITE

Alugam-se fornos de cozinha na rua da Uruguayana n. 1, 2º andar.

VENDEDOR

Admitte-se um na fabrica de cerveja Derby.

PAPEIS

OFFERTAS DA BOLSA

Apolices:	VENDA.	COMP.
Geraes de 5 %	915000	910,000
Idem de 4 %	[illegible]	[illegible]
Idem de 3 %	9[illegible]	[illegible]
Emp. de 1868	9[illegible]	[illegible]
Emp. de 1869	[illegible]	[illegible]
Emp. Mun. (prata R.)	[illegible]	[illegible]
Idem idem (ouro)	[illegible]	
Estado do Rio		[illegible]
Bancos:		
Commercial	[illegible]	[illegible]
Commercio	[illegible]	[illegible]
Idem 2ª	[illegible]	[illegible]
Constructor	[illegible]	[illegible]
C. Mercl.	[illegible]	[illegible]
Dep. e Descontos	[illegible]	[illegible]
Nac. Publicador	[illegible]	[illegible]
Agr. e Commercio	[illegible]	[illegible]
Idem 2ª	[illegible]	[illegible]
Nacional	[illegible]	[illegible]
Republica	[illegible]	[illegible]
Idem 2ª	[illegible]	[illegible]
Rural Hypothecario	[illegible]	[illegible]
Idem 2ª	[illegible]	
Brasil e Londres		[illegible]
Ipiranga		

Diversos:	VENDA.	COMP.
Centros Industriaes	[illegible]	[illegible]
Geral Brasileira	[illegible]	
Geral, Ord.	[illegible]	[illegible]
Geral, Pref.		[illegible]
Fabricas e Estaleiros	[illegible]	
Rio de Janeiro	[illegible]	
Mata no Brasil	[illegible]	[illegible]
Mata no Maranhão	[illegible]	[illegible]
Oleos Hydraulicos	[illegible]	[illegible]
Estrada de Ferro de Cafó	[illegible]	[illegible]
Saneamento		[illegible]
Terrenos		[illegible]
Transp. de Café	[illegible]	[illegible]
Loteria Nacional	[illegible]	[illegible]
Lloyd Brasileiro	[illegible]	
Dels. diversas:		
Leopoldina (Rio)	[illegible]	[illegible]
Leopoldina (Bah.)	[illegible]	[illegible]
Sorocabana	[illegible]	[illegible]
Tec. Brasil Industrial		[illegible]
Jornalho Commercio	[illegible]	
Dom. Sarmento		[illegible]
D. C. Mercl.	[illegible]	[illegible]
Letras de Imposto:		
C. H. do Brasil (papel)		[illegible]
Idem idem (ouro)		[illegible]
C. H. do S. Paulo		[illegible]

Saída Lunes—vap. ingl. «Hesiras».
Nova York—vap. ingl. «Do Rey».
Santos—vap. fr. «Corrinne».

VAPORES ESPERADOS

Nova Zelandia, «Lanc» — 27
Genova e Napoles, «Alcubilla» — 27
Trieste e Fiume, «Arno» — 27
Portos do Norte, «Alene» — 27
Pernambuco, «Pernambuco» — 27
Santos, «Porto Alegre» — 27
Liverpool e escalas, «Nantyglo» — 27
Rio da Prata, «Valdivia» — 27
Marselha e escalas, «Apostasia» — 28
Genova e Napoles, «Alfredo» — 28
Santos, «N. F. Willcocks» — 28
Bordeos e escalas, «Brenda» — 28

Março:

Bremen e escalas, «Luxemburg» — 1
Portos do Norte, «Rajah» — 1
Havre e escalas, «Germania» — 1
Hamburgo e escalas, «Rio» — 1
Rio da Prata, «La Plata» — 1
Genova e Napoles, «Lombardia» — 1

S. Paulo e escalas, «Rio Grande e Pelotas» — 1
Março:
Bremen e escalas, «Vienna e Nassau» — 1
Rio da Prata, «Rio Parana» — 1
Portos do Sul e Norte, «Brasil» — 1
Porto do Norte, «Rio Negro» — 1
Liverpool e escalas, «Rio Grande» — 1
Rio da Prata, «Cuzco» — 1
Genova e escalas, «Rio Parana» — 1
Santos, «Rio Negro» — 1
Rio da Prata, «Rio Parana» — 1
Nova York, «Rio Grande» — 1
Marselha, «Rio Grande» — 1
Rio da Prata, «Parana» — 1
Rio da Prata, «Rio Parana» — 1
Buenos Ayres, «Rio Grande» — 1
S. João da Barra, «Rio Grande» — 1
Nova York, «Rio Grande» — 1
Marselha, «Rio Grande» — 1
Rio da Prata, «Parana» — 1
Rio da Prata, «Rio Parana» — 1
Santos e escalas, «Rio Grande

GAZETA DE NOTICIAS — Domingo 21 de Junho de 1896

PECHINCHA

ENTRA GRATIS 22 RUA DOS ARCOS 22

A' PRAÇA

Chacaras

VENDEM-SE

ESTAÇÃO DE ARTA A PRAÇA

LOTERIA DA BAHIA

Extracção do 2º sorte extraordinaria

AMANHA AS 3 horas da tarde AMANHA

20:000$000

INTEGRAES POR 4$000

QUINTA-FEIRA, 25 DO CORRENTE

20:000$000 INTEGRAES POR 4$000

Publicação das Loterias

LUIZ VELLOSO & C. CAMÕES & C.

COMPANHIA DE LOTERIAS NACIONAES DO BRASIL

CASA DO CORREIO N. 41 END. TELEG. LOTERIAS

Companhia de Loterias Nacionaes do Brasil

GRANDE E EXTRAORDINARIA

LOTERIA DA CAPITAL FEDERAL

Premio maior

500:000$000

INTEGRAES POR 24$000

EXTRACÇÃO INFALLIVEL DESTE IMPORTANTISSIMO PLANO

SABBADO 11 DE JULHO DO CORRENTE ANNO

A's 5 horas da tarde

NO VASTO SALÃO DA RUA NOVA DO OUVIDOR 29

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de LUIZ VELLOSO & C., rua Nova do Ouvidor ns. 29 e 29 A: CAMÕES & C., beco das Cancellas n. 2 A, os quaes encarregam-se de quaesquer pedidos.

60$000

26

ESCOLA DE PRETO

PHARMACIA

UNICA—QUE TEM SO 10.000 NUMEROS

10:000$ LOTERIA DE S. PAULO

INTEGRAES POR 4$000 — 18ª LOTERIA, PLANO 4 — EXTRACÇÃO

QUINTA-FEIRA 25

AS 3 HORAS

Pedidos ao agente geral JOSE VASQUES

3 RUA NOVA DO OUVIDOR 3

Liquidação de calçado

O PROGRESSISTA

FOGOS NACIONAES

BALÕES E LANTERNAS

PREÇOS SEM COMPETENCIA

71 RUA DO HOSPICIO 71

CHAPEOS CHICS!

LOJA

GATO PRETO

25$000

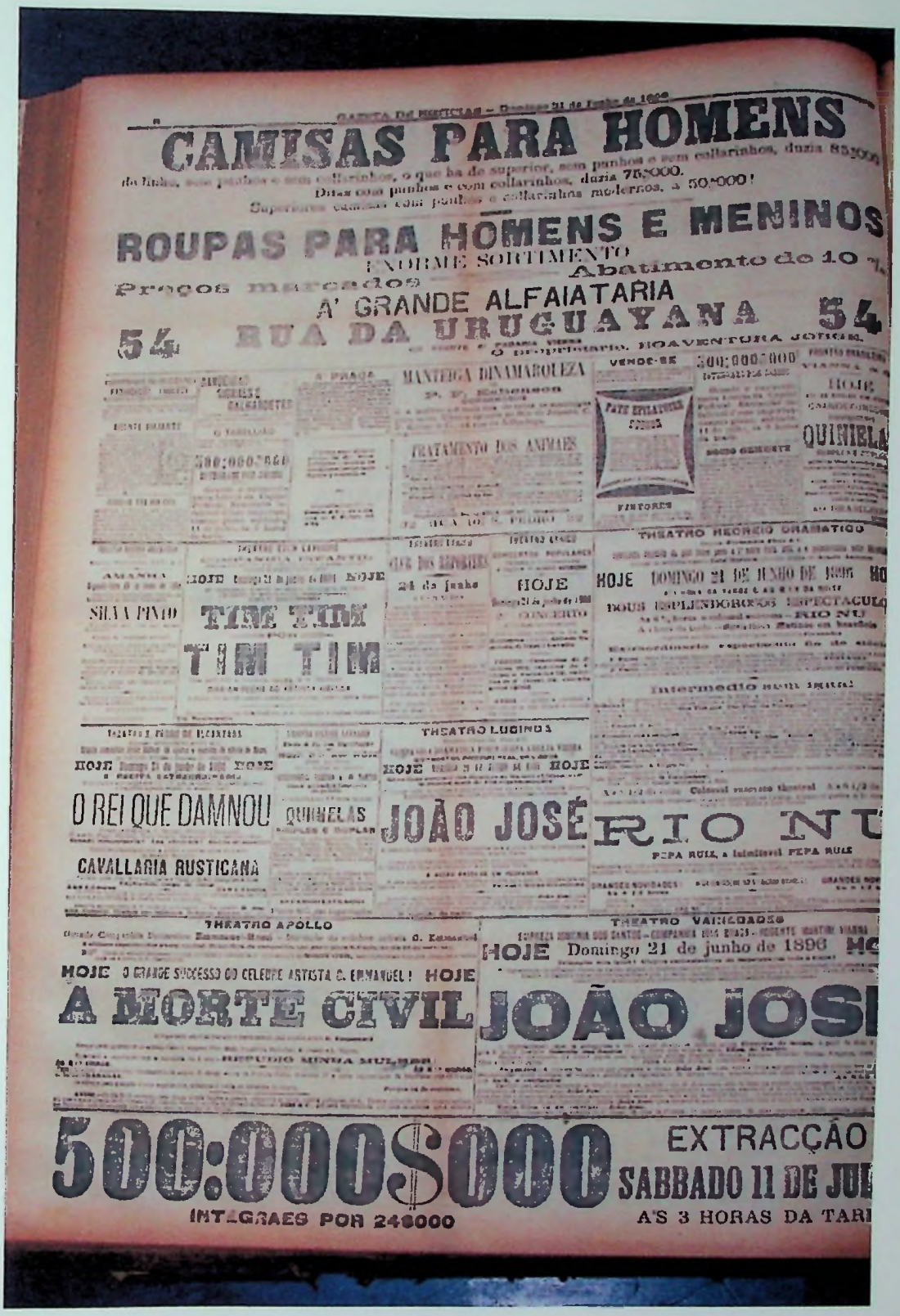
15$000

APRAMADAS PILULAS PURGATIVAS DEHAUT

FALSIFICAÇÃO

PREÇO A VISTA

PHARMACIA



CAMISAS PARA HOMENS

Dias com punhos e com collarinhos, duzia 75$000.

ROUPAS PARA HOMENS E MENINOS

ENORME SORTIMENTO

Abatimento de 10 %

Preços marcados

A' GRANDE ALFAIATARIA

54 RUA DA URUGUAYANA 54

O proprietario, BOAVENTURA JORGE.

MANTEIGA DINAMARQUEZA

TRATAMENTO DOS ANIMAES

VENDE-SE 300:000$000

HOJE

QUINIELA

THEATRO RECREIO DRAMATICO

HOJE DOMINGO 21 DE JUNHO DE 1896

DOUS ESPLENDOROSOS ESPECTACULO

RIO NU

Intermedio novo inicial

SILVA PINTO

TIM TIM

TIM TIM

24 de junho

HOJE

O REI QUE DAMNOU

CAVALLARIA RUSTICANA

QUINELAS

THEATRO LUCINDA

JOÃO JOSÉ

RIO NU

PEPA RUIZ, a inimitavel PEPA RUIZ

THEATRO APOLLO

HOJE O GRANDE SUCCESSO DO CELEBRE ARTISTA C. EMMANUEL! HOJE

A MORTE CIVIL

REFUGIO MINHA MULHER

THEATRO VARIEDADES

HOJE Domingo 21 de junho de 1896

JOÃO JOSE

500:000$000

INTEGRAES POR 24$000

EXTRACÇÃO

SABBADO 11 DE JUL

A'S 3 HORAS DA TARI

IMPORTANTES CURAS
DO
PEITORAL DE CAMBARÁ

De todos os pontos do paiz chegam constantemente attestados de curas em favor do **Peitoral de Cambará**, de Souza Soares. Destacaremos d'entre elles os seguintes importantes casos, que comprovam eloquentemente a efficacia do grande remedio:

Bronchite de 20 annos, na pessoa do Sr. João Coelho de Queiroz, do Rio Bonito;
Asthma de 17 annos, na pessoa do Sr. Ignacio Teixeira Macedo, de Pelotas;
Tosse pulmonar de 10 annos, na pessoa do Sr. Vasco José Pereira d'Avila, funccionario publico;
Bronchite de 5 annos, com frequentes hemoptyses, na pessoa do Sr. João José Zebendo, do Bom Jardim;
Tosse asthmatica de 4 annos, na pessoa do Sr. Manoel Cavalcante de Albuquerque, do Pilar das Alagoas;
Tosse pulmonar de 6 annos, na pessoa do Sr. Bernardo José dos Santos, do Rio Grande do Sul;
Bronchite asthmatica de 8 annos, em uma distincta senhora da familia do Sr. José Carneiro da Silva Rego, da Bahia;
Coqueluche de 2 mezes, em duas filhinhas do Sr. major honorario José Pereira Carneiro, do Andaraly Grande;
Anemia de muitos annos, na Exma. esposa do Sr. Basilio Pereira de Athayde, do Itaquy;
Affecção pulmonar do 2º grão, em um filho do Sr. Vicente Simões, do Livramento;
Bronchite de peior caracter, na Exma. esposa do Sr. Joaquim Soares Gomes, vice-consul de Portugal em Paranaguá, depois de empregadas inutilmente cerca de cincoenta remedios;
Rouquidão de tres mezes, na pessoa do Sr. João Custodio de Andrade Junior, do Rio Grande do Sul;
Tosse asthmatica de muitos annos, na pessoa do Sr. coronel reformado Fernando José da Gama Lobo;
Laryngite de 5 annos, na Exma. esposa do Sr. Ignacio Gravana, de D. Pedrito;
Bronchite de 4 annos, na pessoa do Sr. tenente-coronel Silverio Ribeiro, de Minas Geraes;
Affecção pulmonar do 2º grão, na pessoa do Sr. Raul Cruz, do Pará;
Tosse secca de 2 annos, com dôres no peito, na Exma. esposa do Sr. Joaquim Alves Cavalcanti, de Ceará;
Bronchite asthmatica de muitos mezes, na pessoa do Sr. João Antunes da Silva, de Minas Geraes.

22 E 24 RUA DE S. PEDRO OS AGENTES, SILVA GOMES & C. **RUA DE S. PEDRO 22 E 24**

ROUPAS PARA Banhos

CARTAS DE ENTERRO

Fazem-se a qualquer hora do dia ou da noite, na typographia da **GAZETA DE NOTICIAS**

70 RUA SETE DE SETEMBRO 70

A MELHOR AGUA APERIENTE NATURAL

55000

AOS DOENTES DO ESTOMAGO

CAMOMILLA

COMPANHIA DE LOTERIAS NACIONAES DO BRASIL

SÉDE: CAPITAL FEDERAL
RUA NOVA DO OUVIDOR N. 29, SOBRADO

Depois de amanhã
LOTERIA DA CAPITAL FEDERAL — L 8

TODOS OS SEUS PRODUCTOS LEVAM A MARCA

TOSSES E BRONCHITES

KALODONT

HYGEIA

CRAYON BRAUN

DINHEIRO

PIANOS

RUA DO RAMOSELO

AOS DOENTES

SYPHILIS

RHEUMATISMO

MOLESTIA DA PELLE

O maior numero de curas importantes.

O que é um a rara virtude de curar algumas molestias consideradas incuraveis.

O que tem milhares curas feitas.

O recomendado por sabios medicos brasileiros.

O que tem sido usado por clinicos distinctos.

O que é recomendado por casas de saude nacionais.

O que tem chamado sobre si a attenção de notabilidades medicas e o

LIQUOR DE TAYUYA

DE

S. JOÃO DA BARRA

Vendido em todas as phar-macias e drogarias

Depositos: ALVES FRANCO & C.

114 RUA DOS OURIVES 116

LOMBRIGAS

LIQUOR DAS GRAÇAS

PRISÃO DO VENTRE

DOR

A CAMPHORINA

Dr. Mesto Godinho

AVISO A' PRAÇA

CONORRHÉAS

CASA EM M

CATRA

PARTE COMM

ZETA DE NOTICIAS
EXPOSIÇÃO NACIONAL
PORTA MONUMENTAL

GAZETA DE NOTICIAS
1875 - 1908

Quarta-feira 30 de Setembro de 1908

MACHADO DE ASSIS

AS CONDOLENCIAS

O cadaver, depois de embalsamado, é levado para a Academia Brasileira de Lettras

Pela inauguração do governo

O Sr. Dr. Tavares de Lyra, ministro do interior, logo que teve conhecimento pela imprensa da morte do illustre escriptor, pela intermediação do Dr. Graça Aranha, secretario da Academia de Lettras, dirigiu-se ao palacio do governo, onde conferenciou com o Sr. Presidente da Republica, a quem propôz para que fosse mandado um illustre escriptor, representando o governo, para assistir ao entrerramento, a expensas do governo.

Depois da conferencia, o Sr. Dr. Tavares de Lyra dirigiu-se para o palacio do Catete, o Sr. Ministro Gonçalves, para entender-se a respeito com a mordomia da Santa Casa da Misericordia, Dr. Miguel de Carvalho.

Segundo deliberação de que trata, o enterramento do illustre homem de lettras será effectuado amanhã, quarta-feira, ás 4 horas da tarde, saindo o feretro da difficio do Santo Lagoinha para a cemiterio de S. João Baptista.

Este enterramento será de primeira classe e custará de 1:000 a 1:500$.

Depois da entrada do corpo, o Dr. Miguel de Carvalho, a 2ª Dr. Mesquita Guimarães pronunciou o Sr. Mario de Alencar, da Academia de Lettras, com quem conversou a trasladação do cadaver embalsamado para o salão do Senado.

Na solemnidade funebre compareceram, alem dos representantes do presidente da Republica, os srs. Dos Tavares de Lyra e Miguel Calmon, ministros do interior e da viação.

Ao ministerio da industria

Em homenagem ao Sr. Machado de Assis, o Sr. ministro da industria informou que iriam baixar expediente ao que dá o expediente da direcção geral da contabilidade durante o tempo que o illustre brasileiro era director.

Para acompanhar o cadaver foram nomeados os seguintes commissarios: pela Casa Brasileira: dos Srs. Barbosa Lima do Ministerio da Industria, Dr. João Chaves e Carlos Costa, e por parte dos funccionarios da secretaria Hermenegildo de Oliveira e Francisco Gomes.

Representou officialmente os srs. do Congresso Nacional a nova de falecimento de Machado de Assis.

No Senado, o Sr. Pinto Coelho propôz o seguinte discurso:

"Sr. presidente, ainda que V. Ex. abstenha-se de dar o expediente, requeiro que consulte a casa sobre se permitte lançar na ata da sessão um voto de pesar pelo fallecimento do illustre escriptor Machado de Assis.

O Sr. Dr. Tavares de Lyra, ministro do interior, logo que teve conhecimento pela imprensa da morte do illustre escriptor, pela intermediação do Dr. Graça Aranha, secretario da Academia de Lettras, dirigiu-se ao palacio do governo, onde conferenciou com o Sr. Presidente da Republica, a quem propôz para que fosse mandado um illustre escriptor, representando o governo, para assistir ao entrerramento, a expensas do governo.

Depois da conferencia, o Sr. Dr. Tavares de Lyra dirigiu-se para o palacio do Catete, o Sr. Ministro Gonçalves, para entender-se a respeito com a mordomia da Santa Casa da Misericordia, Dr. Miguel de Carvalho.

Segundo deliberação de que trata, o enterramento do illustre homem de lettras será effectuado amanhã, quarta-feira, ás 4 horas da tarde, saindo o feretro da difficio do Santo Lagoinha para a cemiterio de S. João Baptista.

Este enterramento será de primeira classe e custará de 1:000 a 1:500$.

Depois da entrada do corpo, o Dr. Miguel de Carvalho, a 2ª Dr. Mesquita Guimarães pronunciou o Sr. Mario de Alencar, da Academia de Lettras, com quem conversou a trasladação do cadaver embalsamado para o salão do Senado.

Na solemnidade funebre compareceram, alem dos representantes do presidente da Republica, os srs. Dos Tavares de Lyra e Miguel Calmon, ministros do interior e da viação.

Ao ministerio da industria

Em homenagem ao Sr. Machado de Assis, o Sr. ministro da industria informou que iriam baixar expediente ao que dá o expediente da direcção geral da contabilidade durante o tempo que o illustre brasileiro era director.

Para acompanhar o cadaver foram nomeados os seguintes commissarios: pela Casa Brasileira: dos Srs. Barbosa Lima do Ministerio da Industria, Dr. João Chaves e Carlos Costa, e por parte dos funccionarios da secretaria Hermenegildo de Oliveira e Francisco Gomes.

Representou officialmente os srs. do Congresso Nacional a nova de falecimento de Machado de Assis.

No Senado, o Sr. Pinto Coelho propôz o seguinte discurso:

"Sr. presidente, ainda que V. Ex. abstenha-se de dar o expediente, requeiro que consulte a casa sobre se permitte lançar na ata da sessão um voto de pesar pelo fallecimento do illustre escriptor Machado de Assis.

A triste nova

A Academia de Lettras expediu telegramas, para todos os seus membros ausentes, comunicando a funesta noticia do fallecimento do seu illustre presidente.

Foi incumbido (illegible) um telegrama ao honorabilissimo (illegible) Ferreira, que é membro honorario da Academia.

Pesames do Sr. presidente da Republica

O Sr. presidente do Sr. (illegible) dirigiu ao Sr. (illegible), transmitiu á Academia o seguinte telegrama:

"Apresenta a seus illustre corporação os meus sinceros pesames pelo entrerramento de seu presidente prematuramente. — Nilo de Assis, ministro da Interior, Industria."

A Academia respondeu pedindo

"A Academia Brasileira agradece muito sensibilidade os pesames que V. Ex. se dignou enviar-lhe pelo fallecimento de Machado de Assis, seu illustre presidente e gloria da literatura brasileira."

O testamento

Machado de Assis tinha promptos, lavrado e lacrado, o seu testamento. Nos últimos dias de sua morte, o procurado (illegible) das "Relquias da Casa Velha", que conversava perfeitamente bem, e que sentindo-se perto de diversas declarações, (illegible) em presença do Dr. Rodrigo (illegible) e de outras (illegible) tinha deixado, no que, (illegible) a sua casa solteira.

Associação da Imprensa

A Associação da Imprensa, de que fazia parte Machado de Assis, (illegible) da (illegible) para o Sr. Dos Tavares de Lyra, Frederico de (illegible), Rui Barbosa e Arthur Marques.

O enterro

Está marcado para amanhã, ás 4 horas da tarde, o enterramento do saudoso presidente da Academia de Lettras.

O Sr. Rui Barbosa fallará por occasião do enterramento, em nome da Academia.

Para onde fallou

Uma das particularidades notadas pelos amigos que conversam com Machado de Assis era a sua esquecer (illegible) d'alma ainda á (illegible) humildade de sua cabeça.

Nas horas de carinho se inventavam (illegible) objectos de sua (illegible) uma cadeira de balanço dupla, (illegible) ao antes, duas cadeiras de balanço ligadas de frente, (illegible) em que o amigo posta gostava de sentar-se (illegible) em (illegible) a sua (illegible).

Machado de Assis adorava (illegible) (illegible) objecto de (illegible)

CASOS & COUSAS

MENOS UM

(illegible)

(illegible)

(illegible)